

**EDUCAÇÃO
INTEGRAL DOS
TRABALHADORES:
PRÁTICAS EM
CONSTRUÇÃO**

Maristela Miranda Barbara
Rosana Miyashiro
Sandra Regina de Oliveira Garcia



Educação integral dos trabalhadores: práticas em construção

Maristela Miranda Barbara

Rosana Miyashiro

Sandra Regina de Oliveira Garcia



Agradecemos a todos os sujeitos que fizeram parte do
Programa Integração: Dirigentes, coordenadores,
educadores, apoios e educandos.
Agradecemos aos professores Sonia Rummert e Gaudêncio
Frigotto pela leitura atenta e crítica e as sugestões.

SUMÁRIO

Prefácio	5
1 Apresentação	8
2 Projeto Nacional de Qualificação Profissional – CUT/Brasil: A Experiência do Programa Integração	10
3 Metodologia	14
3.1 A Estrutura do Programa	14
3.2 A Construção Curricular	17
3.3 As Estratégias de Ensino-aprendizagem	21
3.4 Os Materiais de Apoio Pedagógico	23
3.5 A Formação de Formadores	24
3.6 Instrumentos Básicos da Ação Pedagógica: Planejamento, Avaliação Processual e Sistematização	26
3.6.1 O Planejamento	27
3.6.2 A Avaliação Processual	29
3.6.3 A Sistematização	31
4 Socialização da Experiência	34
4.1 O Desenvolvimento Metodológico	34
4.1.1 Área: Sujeito, Natureza e Desenvolvimento	37
4.1.2 Área: Conhecimento & Tecnologia	62
4.1.3 Área: Comunicação, Cultura & Sociedade	82
4.1.4 Área: Gestão & Alternativas de Trabalho e Renda	116
5 Considerações Finais	136
Referências Bibliográficas	139
Equipes de Formadores	142

Prefácio

O livro "Educação Integral dos Trabalhadores: Práticas em Construção" da Central Única dos Trabalhadores (CUT) resulta de um esforço coletivo de reflexão e de práxis sobre a Formação Profissional e sua relação com a educação básica na ótica da classe trabalhadora. Tem como centro de análise o mais amplo e ambicioso Programa de Formação Profissional da CUT em nível nacional – Programa Integração, destacando sua concepção, metodologia, a socialização e um balanço avaliativo da experiência.

Aprendemos com um dos pensadores referência para os trabalhadores do mundo, Karl Marx, que os seres humanos fazem a história em circunstâncias por eles não escolhidas, mas são eles que fazem a história. Vale dizer, portanto, que a ação consciente pode mudar as circunstâncias históricas adversas. A CUT, em suas diferentes tendências, é resultado histórico da luta de uma imensa massa de trabalhadores que, desde o final do século XIX e todo o século XX, buscam mudar as circunstâncias históricas de uma das sociedades capitalistas mais violentas e desiguais – o Brasil.

Com efeito, dos 503 anos de dominação branca, ou do "descobrimento" pelos europeus, quatrocentos foram de escravidão. Desse período originaram-se elites dominantes de marca escravocrata e oligárquica, que se mantiveram no poder mediante ditaduras e golpes de diferentes natureza. Elites que concentram em poucas mãos os meios de produção e a riqueza produzida pelos trabalhadores de uma das maiores economias do mundo e que mantém sob seu controle o Estado, subordinando o fundo público aos interesses privados. Configura-se, assim, como nos lembrava sempre Florestan Fernandes, um país gigante com pés de barro. Um continente com terras férteis, mas que um por cento dos grandes proprietários concentram mais de 50 por cento de todas as terras. Em contrapartida, quatro milhões de famílias, cerca de 20 milhões de pessoas, de norte a sul, não têm terra para trabalhar. No âmbito da educação formal básica, direito elementar de cidadania efetiva, aproximadamente 60 milhões de jovens e adultos ou são analfabetos em termos absolutos ou funcionais, já que não atingiram nem mesmo quatro anos de escolaridade.

As profundas mudanças que vivemos, especialmente a partir das últimas décadas do século XX, sob a égide de um novo ciclo de acumulação do capital mundializado, hegemônico pelo capital financeiro e especulativo, agravaram profundamente a situação da classe trabalhadora e criam novas formas de escravidão. Por um lado, os

recursos, inclusive os públicos, são direcionados para o capital financeiro em detrimento do investimento na produção e, de outro, a ciência e tecnologia, apropriadas privadamente pelo capital, voltam-se contra os trabalhadores. A economia cresce e amplia sua produtividade sem necessitar de aumentar o contingente de trabalhadores. Ao contrário, a tendência é a de substituir trabalho vivo, vale dizer, trabalhadores, por máquinas em todos os setores da economia. O resultado tem sido um explosivo aumento do desemprego estrutural. Mais de dez milhões de trabalhadores, nas últimas décadas, são, no Brasil, vítimas desse processo. Essa imensa massa vive a tortura de um futuro incerto, uma vida em suspenso na busca desesperada de um novo emprego.

A propalada reengenharia ou reestruturação produtiva tem implícito, ao mesmo tempo, a dispensa de trabalhadores (enxugar, tirar as gorduras) e a precarização dos direitos daqueles que permanecem empregados (desregulamentar, flexibilizar). Esse tem sido o foco central das políticas neoliberais: dar ampla liberdade ao mercado e ao capital. Nesse processo, um dos pontos nodais é a busca do enfraquecimento do movimento sindical e a organização coletiva dos trabalhadores. Por isso, hipertrofiam-se as perspectivas individualistas condensadas na ideologia do cidadão produtivo. Nesse particular, o campo educativo vai ter um peso crucial. Opera-se, ao longo especialmente da década de 90, um deslocamento da perspectiva de educação integral, omnilateral, laica, unitária, politécnica ou tecnológica e emancipadora pelo ideário da polivalência, da qualidade total, das competências, e da empregabilidade.

Esse conjunto de noções ideológicas tem a função de desviar a análise das questões estruturais decorrentes da forma do capital, destruir trabalho e concentrar a riqueza e passar a idéia de que os que não têm emprego é porque não desenvolveram as competências, mediante processos educativos e de formação profissional, que os constituam empregáveis. A noção de empregabilidade ou seus substitutos de trabalhabilidade e laborabilidade, respectivamente utilizados no Ministério do Trabalho e da Educação ao longo dos oito anos do governo Fernando H. Cardoso engendra uma dupla falsificação da realidade: a idéia de que é a educação ou a formação profissional que capacita a geração de empregos e que o que existe não é a falta de emprego, mas a falta de pessoas empregáveis.

É no terreno dessa complexa realidade histórica que o movimento sindical organizado pela CUT viu-se impelido a entrar na disputa do campo educativo e da formação profissional dos trabalhadores. Essa disputa implica, inicialmente, a crítica às

mistificações acima aludidas e internalizadas, em grande parte, pelos trabalhadores, que os transformam de vítimas em culpados e, portanto, crítica aos processos educativos e de formação profissional que naturalizam a violência destrutiva desse capitalismo tardio. Em seguida, no campo da contradição, lutar pela educação básica e, articulada a esta, a formação profissional que possibilitem uma visão crítica e capacite aos trabalhadores se organizarem na defesa dos seus direitos e por projetos sociais que os garantam efetivamente. Tem-se, pois, como horizonte de sociedade e de educação geral ou profissional uma perspectiva e um processo que tem que articular, organicamente, as relações sociais de produção e as relações políticas, culturais e educativas.

A relevância e oportunidade desse livro situam-se tanto no rico resgate das concepções, metodologia e as práticas educativas efetivadas no Programa Integração por milhares de trabalhadores jovens e adultos de todo o Brasil, quanto ao convite de aprofundarmos a compreensão da realidade histórica dentro da qual essa experiência se produz. Realidade complexa, destrutiva de direitos e de vidas, mas que engendra profundas contradições e que a partir delas se torna possível pensar novas realidades. Um livro aberto que traz um convite à leitura crítica e construtiva daqueles que participaram diretamente da experiência e, mais amplamente, para educadores que atuam no sistema regular de ensino, centros de formação profissional, lideranças sindicais e políticas e dos movimentos sociais.

Gaudêncio Frigotto¹

¹ Professor titular na área de Economia Política e Educação da Universidade Federal Fluminense.

1

Apresentação

A Secretaria Nacional de Formação da CUT apresenta, com esta publicação, uma mostra do trabalho realizado pelos companheiros e companheiras que participaram do Programa Integração.

Este livro tem como objetivo socializar os resultados de uma experiência que é parte integrante de um dos objetivos estratégicos da Central, qual seja, o de formular metodologias de educação dos trabalhadores(as) partindo da realidade dos educandos(as) e incorporando os resultados acumulados na trajetória da Política Nacional de Formação da CUT, desde a sua fundação.

O Projeto Nacional de Qualificação Profissional CUT/Brasil, desenvolvido no âmbito do Planfor/MTE e do qual o Programa Integração é parte, procurou fazer com que suas ações refletissem o esforço conjunto das diversas instâncias da CUT no sentido de contribuir na formulação de um projeto pedagógico para a educação profissional que tenha como perspectiva a Educação Integral dos Trabalhadores. Considerando as múltiplas dimensões dos sujeitos e buscando construir coletivamente o conhecimento a partir da incorporação do saber de cada sujeito trabalhador, saber este que é, ao mesmo tempo, constituinte do saber universal e constituído por ele.

As experiências representaram, também, um avanço para a maior articulação entre as formulações e ações desenvolvidas pela CUT no que se refere aos desafios representados pela busca de um novo paradigma de educação profissional que atenda aos interesses dos trabalhadores(as) em consonância com a estratégia política da Central, que é a de aprofundar e consolidar a organicidade sindical conferindo unidade à ação política e organizativa das entidades sindicais cutistas como forma de enfrentar às profundas mudanças em curso no mundo do trabalho, que têm acentuado as desigualdades sociais. Desigualdades estas que permeiam todas as instâncias da vida dos trabalhadores.

Dessa forma, a construção de uma proposta de educação integral dos trabalhadores foi um desafio que a CUT se propôs a enfrentar, visando superar a histórica dicotomia entre educação profissional e ensino propedêutico, na medida em

que a fragmentação do conhecimento reflete uma perspectiva de educação que tende a instrumentalização do homem e tem como fim o atendimento das demandas do mercado.

A atuação da CUT na educação dos trabalhadores não significa que se pretenda substituir o Estado naquilo que é seu dever proporcionar, mas, faz parte da luta pela participação nas definições das políticas públicas como parte integrante da luta pela efetiva democratização do Estado.

Portanto, a CUT, como um dos atores sociais relevantes na sociedade brasileira, não poderia deixar de participar ativamente do debate sobre a educação dos trabalhadores.

Assim, este livro está voltado, dentre outros aspectos, para o aprofundamento teórico e metodológico da nossa proposta, e visa promover uma reflexão sobre o projeto político-pedagógico cutista para a educação integral dos trabalhadores(as) a partir da riqueza e complexidade advindas das experiências educativas no Programa Integração.

Esperamos que essa publicação, além de trazer novos elementos para o debate interno na Central acerca da proposta metodológica de Educação Integral dos Trabalhadores, possa também ser um instrumento de diálogo com outros atores, comprometidos com a luta dos trabalhadores, que atuam nas universidades, nas ONG's, no poder público ou nos movimentos sociais se dedicando às reflexões em torno das temáticas relacionadas ao Trabalho e Educação.

Altemir Tortelli

Secretário Nacional de Formação da CUT

2

Projeto Nacional de Qualificação Profissional – CUT/Brasil: a Experiência do Programa Integração

Desde o início da década de 90, intensifica-se, na CUT, o debate sobre a educação profissional, envolvendo vários setores do movimento sindical, em função da necessidade de se aprofundar as reflexões sobre os impactos das novas tecnologias no mundo do trabalho, processo que ocorre em escala global.

Além de analisar as consequências mais imediatas dessa realidade, o aumento do desemprego, procurou-se refletir criticamente sobre outros aspectos decorrentes da nova configuração estrutural do capital, avaliando seus efeitos sobre a subjetividade de cada trabalhador e as implicações desse novo estágio do capitalismo para a organização dos trabalhadores enquanto classe.

Nesse contexto de transformações no mundo do trabalho, observa-se a ênfase na educação, tanto por parte do trabalhador quanto do capital. Na ótica do trabalhador a escolarização passa a ser vista como meio de garantir ou manter um lugar no mercado formal de trabalho. Do ponto de vista do capital a exigência de maior escolarização da força de trabalho justifica-se por meio do discurso do aumento da produtividade, pois considera-se que a escolarização estaria vinculada a adaptabilidade do trabalhador às novas tecnologias.

A luta pela educação pública, gratuita, democrática e de qualidade sempre esteve presente nas pautas de reivindicações da CUT, porém, mais do que exigir maiores investimentos na educação, se faz pertinente, neste estágio do desenvolvimento capitalista, a participação efetiva dos trabalhadores na construção de políticas públicas no campo do Trabalho e Educação. Políticas estas consonantes com as necessidades dos trabalhadores e, conseqüentemente, vinculadas à democratização do Estado brasileiro, assegurando aos trabalhadores seus direitos fundamentais tais como: educação, saúde, emprego, moradia, etc.

Em relação ao modelo de Formação Profissional instituído no País, a CUT, anteriormente, já apontava claramente o questionamento quanto a dicotomia histórica entre educação básica e educação profissional que configurou as políticas educacionais,

ou seja, de um lado, tem-se a formação geral via ensino propedêutico regular e, de outro, a formação profissional para a maioria dos trabalhadores, direcionada para o trabalho e elaborada pelos empresários desde o início da industrialização no País.

Com o objetivo de superar essa dicotomia histórica nas propostas educacionais, colocou-se a necessidade de formular experiências tendo como base uma concepção integral de educação, tomando o trabalho como princípio educativo na construção do conhecimento historicamente acumulado e, portanto, devendo ser incorporado no processo de educação geral, simultaneamente ao enriquecimento científico e cultural da formação técnico-profissional.

Dessa forma, a CUT insere-se num campo de disputa de um novo paradigma de formação profissional no País, que possibilite aos trabalhadores uma formação ampla e crítica, que considere as múltiplas dimensões dos sujeitos, superando as formas historicamente instituídas de formação profissional oferecida aos trabalhadores, restritas ao mero treinamento de habilidades e desenvolvidas de forma fragmentada.

Essa educação, centrada na instrumentalidade, teve forte impacto para os trabalhadores, especialmente aqueles que foram alijados do sistema formal de ensino. Por isso, a luta por uma Educação Profissional dos Trabalhadores deve ser entendida como a luta pelo direito à Educação Básica.

É nesse marco que a CUT vem desenvolvendo, desde 1996, programas nacionais e regionais de Educação Profissional, buscando contribuir com novas metodologias para a Educação Integral dos Trabalhadores, a partir do entendimento de que:

A formação profissional é, numa concepção cutista, parte de um projeto educativo global e emancipador. Portanto, deve ser entendida como o exercício de uma concepção radical de cidadania. A CUT recusa a concepção de formação profissional como simples adestramento ou treinamento ou como mera garantia de promoção de competitividade dos sistemas produtivos. (5º CONCURTO, 1995, p.52)

Assim, a CUT, através de Programas desenvolvidos no Projeto Nacional de Qualificação Profissional (PNQP) CUT-Brasil, financiado com verbas públicas via Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), vem ampliando sua capacidade de intervenção propositiva na formulação, gestão e controle de políticas públicas, como, por exemplo, os Sistemas Públicos de Emprego e de Educação, tendo em vista a disputa de hegemonia.

No campo político-pedagógico, a CUT tem contribuído, a partir dos princípios metodológicos constituintes da sua Política Nacional de Formação (PNF), na formulação de metodologias próprias na perspectiva de educação integral voltadas aos trabalhadores jovens e adultos. Essa contribuição se expressa na riqueza das diversas experiências realizadas.

Portanto, a concepção cutista de Educação Integral dos trabalhadores está intimamente ligada à PNF/CUT e compreende a articulação entre Formação Política e Sindical, Educação Básica e Profissional. As ações pedagógicas levadas a efeito junto aos educandos favorecem a participação ativa e crítica dos mesmos e dos demais sujeitos participantes, enquanto construtores de conhecimentos, ligados à transformação pessoal e social e à emancipação humana, sempre partindo das suas práticas cotidianas, no trabalho, na vida familiar, na sociedade, na política e na cultura.

A CUT propõe, em suas resoluções, que os Programas de Educação Integral sejam assumidos pelo poder público, financiados por verbas públicas e que tenham uma gestão democrática com a participação ativa dos trabalhadores nas definições políticas e pedagógicas, assim como na gestão financeira, ou seja, reafirma-se a necessidade de garantir a educação como direito inalienável a toda a população, mas de maneira que os próprios trabalhadores sejam protagonistas na construção dessas políticas públicas.

Esta publicação *focaliza* um dos programas desenvolvidos no âmbito do Projeto Nacional de Qualificação Profissional (PNQP) CUT-Brasil. Trata-se do Programa Integração, desenvolvido no período de 1999 a 2002, no qual participaram 13 entidades sindicais nacionais filiadas à CUT: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria de Construção e da Madeira (CONTICOM), Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços (CONTRACS), Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria de Alimentação e Afins (CONTAC), Confederação Nacional dos Químicos (CNQ), Confederação Nacional dos Trabalhadores do Setor Mineral (CNTSM), Confederação Nacional dos Trabalhadores em Seguridade Social (CNTSS), Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes (CNTT), Confederação Nacional dos Trabalhadores em Vestuário (CNTV), Federação das Associações e Sindicatos dos Trabalhadores da Extensão Rural e do Setor Público Agrícola no Brasil (FASER), Federação Nacional dos Trabalhadores em Processamento de Dados, Serviços de Informação e Similares (FENADADOS), Federação Interestadual dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações (FITTEL), Federação Nacional dos

Urbanitários (FNU), Sindicato Nacional dos Trabalhadores de Instituições de Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário (SINPAF), e as sete Escolas Sindicais nas cinco regiões do País.

O percurso formativo do Programa Integração envolveu trabalhadores urbanos e rurais, assalariados e desempregados, dos setores formal e informal da economia, tendo por finalidade desenvolver a Educação Profissional articulada à escolarização básica com terminalidade no ensino fundamental e no ensino médio, sendo que um dos objetivos centrais do Programa Integração foi criar espaços permanentes (presenciais e não presenciais) de estudo, reflexão e formulação acerca das questões relativas ao Trabalho e Educação, tendo em vista a proposta cutista de Educação Integral e as políticas públicas de Educação e Formação Profissional.

Privilegiaram-se, também, momentos para a apropriação do arcabouço teórico-filosófico que fundamenta o Programa Integração, dialogando com as realidades dos sujeitos participantes, buscando novas possibilidades de intervenção coletiva dos trabalhadores nos espaços em que estão inseridos.

Lembramos que, no ano de 2000, foi elaborada uma primeira publicação – organizada pela Secretaria Nacional de Formação – sobre essa experiência, sob o título *Educação Integral dos Trabalhadores: Concretizando Princípios*, que procurou retratar a fase inicial da experiência, contextualizando o processo de construção do Programa Integração e as estratégias de implementação, assim como apresentou a primeira sistematização do processo de ensino-aprendizagem desenvolvido até aquele momento.

Sendo assim, um dos objetivos centrais da presente publicação é trazer a totalidade da experiência desenvolvida de 1999 a 2002 pelas Confederações e Federações de 13 ramos produtivos, em relação a proposta metodológica e a concretização da experiência durante todo o percurso formativo, buscando contribuir, dessa maneira, para as reflexões em torno da proposta de Educação Integral dos Trabalhadores.

Buscamos, aqui, dentre outras coisas, socializar a riqueza das práticas pedagógicas desenvolvidas e as diversas produções elaboradas pelos educandos em várias partes do Brasil, confirmando que "*nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo*". (Freire, 2002, p.29

3

Metodologia

3.1 A Estrutura do Programa

A estratégia de implementação do Programa Integração contou com uma estrutura nuclear, ou seja, buscou evitar o isolamento e a fragmentação das turmas, visando possibilitar a implantação de uma proposta metodológica que enfatiza a construção coletiva do conhecimento a partir da socialização dos diversos saberes e da realização de um trabalho integrado entre educadores, incorporando os acúmulos advindos das diversas experiências formativas trazidas por cada sujeito educador.

Desta forma procurou-se compor os núcleos, para o ensino fundamental, com duas turmas com trinta educandos cada e dois educadores, um com formação na área de exatas e outro na área de humanas. Já no caso do ensino médio a proposta era que cada núcleo fosse composto por três turmas com 30 educandos cada e três educadores com formação em áreas distintas: humanas, exatas e biológicas. Tanto para o ensino fundamental como para o ensino médio a proposta era que os educadores, de cada núcleo, pudessem trabalhar em rodízio nas turmas.

Essa proposta de organização nuclear não foi plenamente alcançada, pois em alguns locais, em função de algumas variáveis – infra-estrutura, estratégia política – algumas turmas acabaram ficando isoladas. Outro ponto que também não foi possível alcançar na sua plenitude foi em relação a formação diferenciada dos educadores no mesmo núcleo e também houve, em alguns locais, resistência por parte do educadores em realizar o rodízio entre as turmas, justificada pelo envolvimento com uma turma específica.

Esses elementos tiveram, em maior ou menor grau, implicações no desenvolvimento metodológico. No entanto, em *razão* da amplitude do Programa Integração, que contou com 120 turmas de ensino fundamental e 57 turmas de ensino médio, espalhadas por 11 Estados no País, podemos dizer que, de maneira geral, foi possível avançar em vários aspectos da metodologia proposta.



Ação Coletiva - Santos - SP - CONTRACS.

Os cursos foram desenvolvidos em 12 módulos para o Ensino Fundamental, totalizando uma carga horária de 816 horas e, em 15 módulos para o Ensino Médio, totalizando uma carga horária de 1.030 horas.

As atividades formativas do Programa foram desenvolvidas tanto em salas de aula, como também em espaços comunitários diversos, de acordo com as finalidades de cada ação proposta, no caso, os *laboratórios pedagógicos*, que visaram a ampliação do universo científico-cultural e as *oficinas coletivas locais* que buscaram propiciar o debate/intervenções dos trabalhadores junto a comunidade e ao poder público local visando potencializar a construção de alternativas de trabalho e renda, com base nos princípios de sustentabilidade e solidariedade.

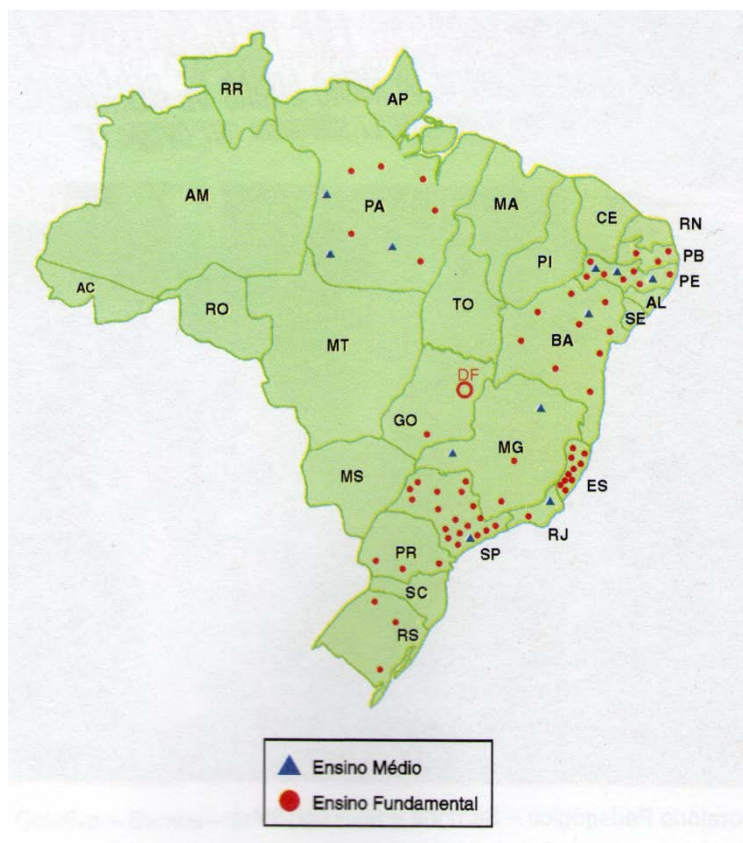


Laboratório Pedagógico - Serrinha - BA - CNTSM.

As atividades extra-sala foram concebidas como parte integrante do currículo:

Na perspectiva da integralidade da formação humana, considera-se que o processo educativo se realiza em diversos espaços (institucionalizados ou não) dos quais os sujeitos participam. Por isso, o percurso formativo não se restringe aos estudos em sala, sendo enriquecidos e complementados nas atividades extra-sala, que visam potencializar maior participação e diálogo entre os temas e conteúdos abordados e a realidade local, regional e/ou setorial dos educandos. (Bases do Projeto Político Pedagógico do Programa de Educação Profissional CUT-Brasil 2001, p.43)

Apresentamos a seguir um mapa que mostra a *abrangência do Programa Integração* em âmbito nacional.



3.2 A Construção Curricular

O Programa Integração, por sua abrangência nacional, incorporou múltiplas experiências educacionais, políticas e culturais, apresentando ampla diversidade socioeconômica, étnico-racial, de gênero e de geração. Em decorrência disso, os espaços de formação possibilitaram a complementaridade de saberes, experiências e vivências entre os sujeitos participantes.

Assim, a construção curricular, coerente com os princípios metodológicos da PNF/CUT ao considerar a dinâmica dos processos sociais mais amplos², não poderia se constituir em uma estrutura rígida e definitiva. Porém, isso não significa que tenha ocorrido um processo assistemático e não intencional do percurso formativo. Ao

² Aqui destacamos a concepção de integralidade do ser humano. "O trabalhador é um ser com múltiplas dimensões, que estabelece relações sociais e nelas experimenta as mais diversas sensações e emoções. Essa relação dialógica sujeito-realidade deve levá-lo a uma nova postura, norteadora de uma nova práxis. As atividades de formação devem considerar essas dimensões, incorporando suas diversas formas de manifestação e percepção da realidade." In: SNF-CUT. Política Nacional de Formação: história, princípios, concepção e organização nacional, 2000, p.27.

contrário, a proposta formulada procurou ampliar as possibilidades de materializar práticas não uniformizadas, que dialogassem com as realidades vivenciadas em cada núcleo.

A partir do entendimento de que o currículo é uma possibilidade de construir identidade e unidade metodológica na construção dos percursos formativos visando concretizar práticas que expressem a concepção de educação integral emancipadora, buscou-se articulá-lo ao processo dinâmico e vivo das relações sociais. Relações que pressupõe a participação ativa dos sujeitos, alimentando de pleno sentido a ação educativa: mediada, dialogada, repensada, renovada e transformada a cada momento, dialeticamente.

Na perspectiva de romper com a lógica das disciplinas e especializações nas quais o percurso formativo centra-se nos conteúdos escolares, a proposta de unidocência no Programa Integração visou desencadear um processo de ensino-aprendizagem a partir de temas geradores articulando as diversas áreas de conhecimento, buscando as relações e inter-relações com a vida concreta dos trabalhadores jovens e adultos, partindo e dialogando com conhecimentos trazidos por esses sujeitos para a reflexão sobre a realidade na qual estão inseridos.

Essa proposta exigiu, por parte dos educadores, uma abertura e um domínio progressivo da metodologia proposta. Domínio esse que foi buscado no decurso de uma formação sistemática e permanente para uma atuação pedagógica coerente com a concepção de educação que baliza o Programa Integração. O que não significou, de forma alguma, desconsiderar o processo formativo vivenciado anteriormente, tampouco minimizar a importância das especificidades da área de conhecimento de cada educador, mas o entendimento de que para promover uma educação integral é necessário pensar e construir uma nova relação com o conhecimento, uma nova relação entre educador e educando, um novo sentido ao espaço educativo.

A perspectiva da unidocência, dessa maneira, deve ser entendida não como um princípio metodológico, mas como uma possibilidade de nos desafiar para uma prática pedagógica integral, que combine os diferentes conhecimentos trazidos pelos educadores, articulando-os com as questões concretas na vida em sociedade, pressupondo as trocas e construção coletiva de conhecimento durante todo o percurso formativo para a apropriação da síntese dos conhecimentos historicamente acumulados e a reelaboração de novos conhecimentos.

A opção por Áreas de Conhecimento no projeto curricular teve como perspectiva romper com a estrutura curricular da educação formal, geralmente organizada em grades de conteúdos por disciplina, tendo um tratamento, muitas vezes, fragmentado e abstrato, não refletindo a própria origem do conhecimento científico, que tem a sua gênese na mediação dos homens com a natureza na busca da satisfação das necessidades concretas da existência. Buscou-se, assim, desenvolver um processo educativo que construísse novas possibilidades de apropriação do conhecimento, de maneira significativa e potencializadora da transformação das práticas sociais dos sujeitos envolvidos.

Essas áreas tiveram como fio condutor o fato de que, durante todas as atividades formativas do Programa Integração, as reflexões fossem balizadas na perspectiva de compreender que o homem é sujeito de sua história, é produtor de conhecimento, de cultura, de riqueza; é transformador da natureza por meio do *Trabalho*, resgatando assim, o seu sentido ontológico: "*trata-se de apreender que o ser humano enquanto ser da natureza necessita elaborar a natureza, transformá-la, pelo trabalho, em bens para satisfazer as suas necessidades vitais, biológicas, sociais, culturais etc.*" (Frigotto, 2000, p.3).

Assim, propor a centralidade do Trabalho na construção curricular representou nos espaços formativos do Programa Integração, a compreensão da categoria Trabalho, como:

- processo de transformação da natureza entendida como a base objetiva a partir da qual os homens em sociedade criam as condições para produzir e reproduzir suas vidas;
- processo de transformação da espécie humana na perspectiva de múltiplas formas de sociabilidade que envolvem normas, valores, processos de comunicação, cooperação, divisão do trabalho, etc.;
- processo histórico que se reveste de um caráter específico na formação social capitalista que tem a sua origem na transformação da força humana de trabalho em mercadoria, e na extração de valor desta, a raiz das formas de alienação, exploração e subordinação do Trabalho ao Capital.

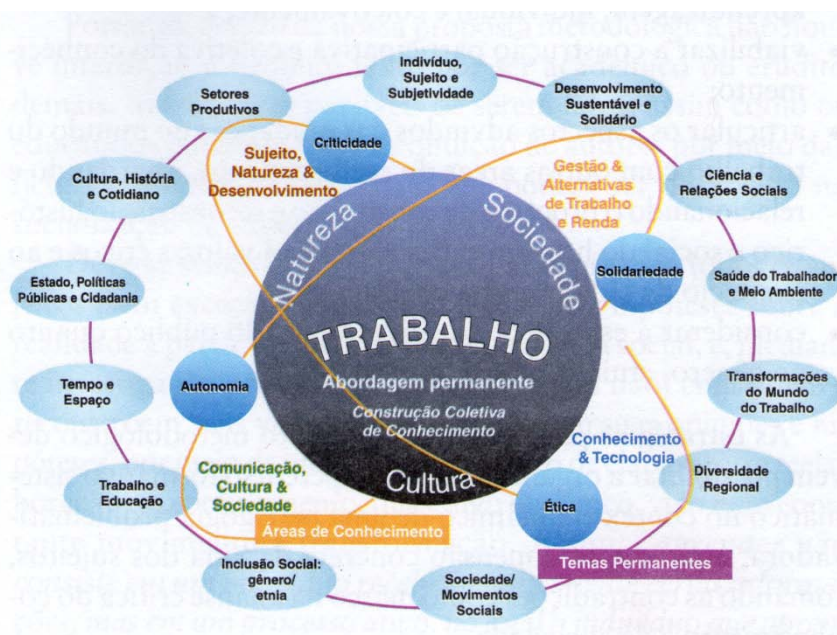
Assim, a centralidade do Trabalho compreendida como práxis fundante na formação e na reprodução do ser social, incorpora contornos e tensionamentos específicos no âmbito das sociedades capitalistas. Buscamos evidenciar a centralidade política do seu sujeito histórico – os trabalhadores – a partir do delineamento de um

itinerário formativo mínimo, que auxilie na composição de uma proposta curricular que investigue, sistematize e socialize os conhecimentos e cujas apropriações e problematizações, contribuam para a formação pelo trabalho. Assim:

[...] Nossa abordagem metodológica se efetiva por meio da Centralidade do Trabalho como aspecto fundante do ser social [...] [na] relação entre o homem e a natureza para modificá-la, o homem [produz], acumula e socializa conhecimentos... Portanto, o trabalho é tomado como princípio educativo [...]. (Bases do Projeto Político Pedagógico do Programa de Educação Profissional CUT-Brasil, 2001, p.37)

O currículo do Programa Integração dessa maneira, foi organizado em quatro áreas de conhecimento (Sujeito, Natureza & Desenvolvimento; Conhecimento & Tecnologia; Comunicação, Cultura & Sociedade e; Gestão & Alternativas de Trabalho e Renda). Cada área foi composta por temas de concentração que constituem uma identidade própria e, ao mesmo tempo, ampliam as possibilidades de uma abordagem de totalidade, que articule o geral e o específico, o global e o local, o simples e o complexo, as categorias e os conceitos, além dos conhecimentos pertinentes a cada ramo produtivo (confederação/federação).

Estrutura geral da proposta curricular para a Educação Integral dos Trabalhadores



Estrutura gráfica: Fernando Franzoi

3.3 As Estratégias de Ensino-aprendizagem

O processo de ensino-aprendizagem fundamenta-se na compreensão de que aprendemos durante toda a nossa vida, por meio das relações que estabelecemos com a natureza e com a sociedade, sempre nas condições concretas do momento histórico vivido. A aprendizagem dos sujeitos resulta, dessa maneira, da articulação permanente entre as experiências vivenciadas e os conhecimentos historicamente acumulados.

Assim, o conhecimento não pode ser concebido como algo externo e distante dos sujeitos, apartado das relações sociais que o constituem. Nessa perspectiva, no percurso formativo, toma-se o conhecimento como construção social; é a partir das relações sociais que ele é estruturado. Desse modo, a abordagem pedagógica deve:

- valorizar, priorizar e tomar o conhecimento acumulado dos educandos como pontos de partida do processo de ensino-aprendizagem, individual e coletivamente;
- viabilizar a construção participativa e coletiva do conhecimento;
- articular os aspectos advindos das mudanças no mundo do trabalho com outras áreas do conhecimento, abordando e relacionando o processo de construção e reconstrução histórico e social do homem e da sociedade a valores éticos e ao exercício da cidadania na comunidade;
- considerar a especificidade/diversidade do público quanto ao gênero, etnia, escolaridade, idade, etc.

As estratégias para o desenvolvimento metodológico devem possibilitar a organização de um percurso formativo sistemático no contexto dinâmico de uma pedagogia problematizadora, atuando na dimensão concreta da vida dos sujeitos, tomando as contradições como marco na análise crítica do conhecimento e da sociedade.

Assim, fomentou-se um processo de ensino-aprendizagem no qual os conhecimentos dos sujeitos envolvidos pudessem ser permanentemente incorporados, ainda mais considerando que o público do Programa compunha-se de jovens e adultos, sujeitos que já possuem formas e repertórios organizados para expressar seus sentimentos, suas idéias, suas opiniões, suas percepções. Enfatizar esse último aspecto significa imprimir a necessidade de ruptura e de superação de práticas pedagógicas que infantilizam o processo de ensino-aprendizagem junto aos jovens e adultos, tanto no que

se refere aos conteúdos propostos quanto às abordagens realizadas, práticas essas que revelam uma relação hierárquica entre os sujeitos, em contraposição a perspectiva de uma educação emancipadora.

As práticas pedagógicas comprometidas com a construção de um novo modelo societário não podem, portanto, ignorar que nenhuma contingência histórica ou social justifica aligeiramentos, protecionismos, rebaixamentos ou banalização dos conteúdos ou das condições e métodos do fazer pedagógico. (Rummert, 2002, p.28)

Portanto, dentro da nossa proposta metodológica não houve interdição a nenhum texto por ser acadêmico ou erudito demais, todos foram passíveis de serem lidos, assim como os educandos puderam viver a condição de autores por meio das fichas geradoras de debates, o que poderá ser observado na socialização da experiência.

Deve-se sempre considerar que para aprender, todos os sujeitos (sem exceção) colocam em jogo suas hipóteses sobre a realidade a partir de sua interação com a vida social, e, mediante investigação permanente (sistemática ou não) constroem e reconstroem suas visões de mundo, revêm suas opiniões e hipóteses, por meio de um processo dialético de elaboração e reelaboração do conhecimento, que é algo dinâmico, vivo e em constante movimento e transformação. Assim, *"aprender não consiste em um indivíduo receber passivamente certas informações, mas em um processo ativo, no qual o indivíduo que aprende investiga"* (Dutra, 2000, p.108).

Acreditamos que ao tomar o processo de ensino-aprendizagem dessa maneira, podemos efetivamente atuar na perspectiva de ampliação da autonomia e da capacidade crítica dos sujeitos, o que poderá refletir-se nas suas práticas sociais – imediatas ou potenciais.

Já os conteúdos devem ser entendidos como *meio* para potencializar a organização e a recriação dos conhecimentos e não como *fim*, reduzidos em si mesmos, e, portanto, fragmentados, esvaziados da complexidade da vida em sociedade.

É necessário considerar a heterogeneidade dos participantes (diferentes idades, origens, tempos de educação formal) no percurso formativo, fato esse que possibilitou a expressão da riqueza dos diversos conhecimentos e experiências do grupo, constituindo-se na possibilidade concreta de troca e construção coletiva de conhecimentos, elemento fundamental do trabalho pedagógico que tem em seus propósitos a inclusão e a valorização dos diversos saberes.

Em síntese, a materialização da proposta pedagógica, construiu-se em um processo educativo, em que as novas formas de mediação entre os sujeitos (educadores e educandos), contribuiu para que todos refletissem criticamente sobre suas práticas, renovando-as na perspectiva da sua emancipação individual e coletiva.

3.4 Os Materiais de Apoio Pedagógico

Os materiais de apoio pedagógico elaborados no Programa Integração objetivaram constituir-se num referencial comum para a materialização da metodologia proposta. Não se tratando, portanto, de um receituário didático a ser transposto mecanicamente, mas propondo um diálogo com cada educador sobre as diversas possibilidades de desenvolvimento metodológico, visando a perspectiva da Educação Integral.

A cada módulo foram produzidos: Cadernos de Orientação Metodológica e Coletâneas de Textos Subsídios, para os educadores e Fichas Geradoras de Debates, para os educandos. Tais materiais expressaram a proposta metodológica por meio de sugestões para o desenvolvimento pedagógico, partindo sempre dos conhecimentos acumulados dos educandos, incorporando diversas possibilidades de abordagens integradas entre as várias áreas de conhecimento e oferecendo aportes (textos-subsídios) para os aprofundamentos conceituais e temáticos. A disposição do material dessa maneira refletiu a tentativa de criar maior mobilidade ao processo de ensino-aprendizagem, sem restringir-se ao cumprimento meramente formal da abordagem de conteúdos, ou seja, cada educador, ao mediar com esses materiais, pôde acrescentar outras propostas de desenvolvimento metodológico e outros materiais de apoio pedagógico, enriquecendo e alimentando, permanentemente, a proposta metodológica.

Dessa forma, os Cadernos de Orientação Metodológica para os educadores, abordaram as Áreas de Conhecimento, a partir de objetivos gerais e específicos para cada Módulo, apresentando algumas sugestões gerais para desenvolvimento dos temas e conteúdos propostos nas fichas geradoras de debates dos educandos. Tal material foi elaborado com o propósito de fomentar as abordagens mais amplas, conceituais e gerais, para que, em cada localidade, fossem incorporadas às propostas os elementos que contemplassem as diversidades regionais e outros temas de interesse dos grupos. Portanto, o material de apoio pedagógico teve como propósito servir de parâmetro para

o diálogo entre os sujeitos participantes, a partir das várias práticas desenvolvidas, jamais uma cartilha ou uma proposta rígida e definitiva.

Já a Coletânea de Textos – Subsídios para os Educadores foi organizada com o objetivo de oferecer aportes para os estudos e reflexões permanentes a respeito dos temas em cada módulo visando o aprofundamento teórico e conceitual. Como também textos para debates sobre questões relativas à Educação, Trabalho e Qualificação Profissional tendo em vista a construção do itinerário formativo do coletivo de formadores do Programa Integração.

As Fichas Geradoras de Debates dos Educandos compuseram, em cada módulo, um conjunto básico de subsídios para os estudos acerca dos temas e conteúdos recorrentes em cada módulo. A opção pelo trabalho com as fichas se deu na medida em que esta se constituía numa possibilidade mais ampla para a construção do percurso formativo, considerando os diferentes ritmos de aprendizado e relevância dos temas e conteúdos em cada turma/núcleo, possibilitando, ainda, a incorporação de produções dos próprios educandos e educadores, além de outros conteúdos (recortes de jornais, revistas, imagens, entre outros) que melhor dialogassem com questões específicas (regionais/ locais/ setoriais); ou seja, possibilitando maior participação dos sujeitos na construção curricular.

As fichas foram organizadas em blocos e sua numeração não obedeceram uma sequência linear nem representou uma hierarquia de saberes. Expressaram sim o movimento do percurso formativo ao incorporar as produções de educandos e educadores durante o percurso formativo, concretizando a construção coletiva do conhecimento. Tais produções coletivas revelaram ainda que, a partir de um referencial comum, é possível construir uma identidade metodológica, desenvolvendo diversas possibilidades de abordagem para a apropriação de temas e conteúdos sem uma uniformização das práticas pedagógicas.

3.5 A Formação de Formadores

No desenvolvimento do Programa Integração, a formação de educadores foi um dos alicerces da proposta metodológica para a educação integral dos trabalhadores. A partir do entendimento de que o processo formativo é contínuo, que somos seres

inacabados³, realizamos reflexões coletivas, nos espaços formativos, a partir das práticas pedagógicas cotidianas vivenciadas pelos sujeitos e das Bases do Projeto Político Pedagógico do Programa de Educação Profissional da CUT.

O grande desafio foi concretizar um processo permanente e sistemático de ação, reflexão e formulação contínua da proposta de Educação Integral em construção, que expressasse seu sentido histórico e a perspectiva de uma transformação social alicerçada na construção coletiva do conhecimento, advinda da práxis social na qual o agente, a ação e a finalidade do agir são inseparáveis.

A construção desse projeto, nos permitiu apontar e ir definindo, durante o processo, os conhecimentos necessários para dar identidade à formação dos trabalhadores – educadores e educandos –, considerando que a formação é um ato cotidiano de produção de conhecimento não se restringindo ao ensino dos conteúdos. Ou seja, a *formação* deve ser *capaz* de desafiar cada *educador* a refletir criticamente sobre suas relações sociais, econômicas, culturais e políticas, constituindo-se num espaço permanente de troca, avaliação e produção de conhecimentos, no qual os sujeitos envolvidos possam contribuir, qualitativamente, na elaboração e aprofundamento da proposta educativa a partir dos acúmulos individuais e coletivos, das realidades nacional, regional e local em que estão inseridos; garantindo, assim, a construção coletiva de um projeto de educação emancipadora.

Assim, desde a implementação do Programa Integração, foram previstos diversos espaços formativos (reuniões pedagógicas, oficinas de desenvolvimento metodológico, seminários temáticos, entre outras atividades, organizadas em âmbito estadual, regional e nacional) que possibilitaram o diálogo entre os sujeitos e o processo coletivo de elaboração curricular e aprimoramento metodológico a partir dos debates conceituais e das práticas pedagógicas em desenvolvimento, considerando que os desafios colocados para materializar a proposta de Educação Integral dos Trabalhadores são imensos e requerem um itinerário formativo que permita a formação em processo dos sujeitos responsáveis pela implementação e desenvolvimento da experiência. Vale ressaltar que esse processo de formação não é linear e nem necessariamente

³ Com relação ao inacabamento, tomamos como referência Paulo Freire: "Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da sua experiência vital. Onde há vida, há inacabamento". In: Pedagogia da Autonomia, p.55.

progressivo, ou seja, nesse percurso pudemos observar momentos de avanços, retrocessos, conflitos e contradições.

Assim, torna-se necessário um longo período de formação para se consolidar uma proposta metodológica que promova, permanentemente, reflexões e debates sobre o que se entende por Educação Integral dos Trabalhadores jovens e adultos, sobre a relação entre educação e sociedade (educação e transformação social, política pública de educação) para projetarmos o alcance de nossas experiências e analisarmos sobre os limites apontados em cada etapa de nossas ações, a partir da apreensão da complexidade do processo educativo.

Podemos dizer que o surgimento do Programa Integração possibilitou diversos acúmulos conceituais e metodológicos, foi importante para abrir outras frentes de intervenção da CUT, colocando novos desafios para a formação de educadores. Considerando que ocorreu uma enorme ampliação de projetos nas áreas da qualificação profissional, gestão em políticas públicas e, desenvolvimento sustentável e solidário no interior da CUT. A *Formação de Formadores* ganhou relevância ao ser objetivada em projetos que foram efetivamente implantados. A partir desse conjunto de Projetos, fica muito claro que a Formação de Formadores é condição necessária e nuclear na implementação e consolidação de um projeto que tem como objetivo tornar-se política pública. Portanto, todo investimento nessa direção sempre será pouco. Essa ênfase na Formação dos Educadores, por si só, já nos distanciam das políticas educacionais em voga.

3.6 Instrumentos Básicos da Ação Pedagógica: Planejamento, Avaliação Processual e Sistematização

Para concretizar a experiência de Educação Integral dos Trabalhadores proposta no Programa Integração, foi preciso superar os enormes desafios advindos da complexidade que comporta um processo educativo que visa impulsionar o envolvimento dos sujeitos para potencializar a construção coletiva do conhecimento. Esse desafio foi enfrentado, durante o percurso educativo, por meio de abordagens que articularam os temas e conteúdos numa perspectiva de totalidade, possibilitando a ampliação do conhecimento do educando e de sua capacidade de refletir e intervir na realidade em que vive.

Para que isso ocorresse, foi fundamental que o educador se colocasse como dinamizador e como mediador no desenvolvimento pedagógico, por meio de uma ação sistemática e continuada. Ou seja, toda ação educativa requer reflexão e reorientação, em sintonia com os objetivos propostos e com a vida pulsante do coletivo. Isso significa que é preciso estabelecer procedimentos metodológicos básicos para a efetividade de um processo de ensino-aprendizagem que se propõe a ser mediado pela realidade dos educandos.

Nesse sentido, consideramos como procedimentos metodológicos centrais: o planejamento para a ação pedagógica, a avaliação processual e a sistematização do processo de ensino-aprendizagem para a materialização da metodologia proposta devendo ser parte da prática pedagógica cotidiana.

3.6.1 O Planejamento

O planejamento é a chave inicial do processo de ensino-aprendizagem. Possibilita, a partir das intencionalidades do projeto, construir estratégias para o desenvolvimento das abordagens pedagógicas a serem realizadas. Cada ciclo planejado alimenta e orienta o seguinte a partir das reflexões sobre os resultados alcançados e as dificuldades observadas.

O planejamento requer um tempo especial para *pensar antes* a ação pedagógica. É um momento de reflexão e elaboração sobre o que fazer, para que fazer, como fazer, tendo sempre como ponto de partida, a realidade dos educandos. Para isso é necessário definir com clareza:

Objetivos	O que se deseja alcançar ao desenvolver a ação pedagógica planejada
Metodologia	A metodologia expressa uma determinada visão sobre a sociedade e de relações sociais. Assim, ao propor as formas de agir, é necessário organizar a reflexão, os debates e o desenvolvimento dos conteúdos buscando coerência entre os princípios metodológicos e a ação pedagógica.

Material a ser utilizado	Há a necessidade de se elaborar estratégias para propiciar os debates, as reflexões e a apropriação de novos conhecimentos pelos educandos. Daí a importância de utilizar materiais coerentes com a concepção metodológica e que potencializem o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.
Avaliação processual da aprendizagem	A partir dos objetivos, definir o que é que vai ser importante observar em cada educando e no conjunto da turma durante o processo de ensino-aprendizagem a fim de redimensionar as propostas para potencializar um processo educativo significativo e participativo.
Avaliação da ação planejada	É um processo contínuo, devendo ocorrer durante a ação e, especialmente, ao seu final. Possibilita a reflexão sobre as práticas e busca criação constante de novas estratégias pedagógicas, considerando a dinâmica e a complexidade do processo de ensino-aprendizagem.

Ressaltamos que trabalhar com improvisos pode comprometer o percurso formativo, mesmo já havendo uma proposta mínima para o desenvolvimento metodológico. Afinal, é sempre um desafio a tarefa de desenvolver um processo sistemático de educação com pessoas adultas, isso requer um agir consciente e planejado, com objetivos e estratégias claras.

Vale ressaltar que o planejado, quando colocado em prática sempre, em maior ou menor grau, será alterado pela realidade dinâmica do processo ensino-aprendizagem, durante a mediação entre os sujeitos. Entretanto, isso não significa submeter-se inteiramente às demandas imediatas, desconsiderando totalmente o planejado, já que isso inviabilizaria o alcance dos objetivos propostos.

Uma ação pedagógica, coerente e consequente, depende, fundamentalmente, da *atuação* dos educadores, e deve ser norteada sempre por uma postura dialógica.

3.6.2 A Avaliação Processual

A concepção de avaliação do processo de ensino-aprendizagem reflete a própria concepção de educação que perseguimos na medida em que revela, não somente o que se deseja com o processo de ensino-aprendizagem desencadeado, mas também a visão de mundo dos sujeitos. Ou seja, a avaliação insere-se nas relações sociais mais amplas na medida em que expressa as relações entre os sujeitos e o conhecimento.

Ao trazer para o campo da avaliação a dimensão processual e diagnóstica, levantamos a necessidade de ampliar seu entendimento para além do foco sobre os resultados da ação pedagógica centrada nos conteúdos. Ou seja, é preciso considerar os processos de desenvolvimento, individual e coletivo, dos sujeitos durante o percurso educativo, a fim de possibilitar a construção dos sentidos do processo formativo vivenciado, sem desconsiderar a diversidade dos sujeitos, seus tempos de aprendizagem e suas expectativas. Portanto:

A finalidade principal da avaliação é fornecer informações sobre o processo pedagógico que permitindo, aos diferentes sujeitos do processo educativo, decidir sobre as intervenções e re-direcionamento que se fizerem necessários, em face do projeto educativo definido coletivamente e comprometido com a garantia da aprendizagem do aluno. Converte-se, então, em um referencial de apoio às definições de natureza política e pedagógica e que se concretiza por meio de relações partilhadas e cooperativas. O processo avaliativo reveste-se, assim, de uma perspectiva diagnóstica a partir do desencadeamento de um processo de investigação/pesquisa visando identificar as dificuldades existentes no desenvolvimento do processo educativo para que sejam construídas estratégias de enfrentamento de situações adversas, perdendo a conotação de mensuração e de julgamento que levam às classificações ou a um caráter punitivo ou promovedor de hierarquias entre os sujeitos. (Educação Integral do Trabalhador: concretizando princípios, 2000, p.19)

Sabemos que não existem instrumentos específicos de avaliação capazes de detectar a totalidade do processo de ensino-aprendizagem. É diante da limitação que cada instrumento de avaliação comporta que é necessário pensar em instrumentos diversos e mais adequados em suas finalidades, para que dêem conta, juntos, da complexidade do processo educativo.

Essa concepção também nos remete a necessidade de estabelecer critérios com os diferentes sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, pois a avaliação deve ser parte integrante do processo educativo de maneira permanente, dinâmica e

investigativa contemplando necessidades diversas que emergem no percurso formativo vivenciado.

Assim, a avaliação cumpre um papel estratégico, na medida em que pode converter-se em instrumento de reflexão, reelaboração e reorientação do percurso educativo, enriquecendo a experiência vivida, possibilitando avanços individuais e coletivos e negando, desse modo, as práticas mecanicistas, meramente formais, apartadas do movimento vivo de uma educação libertadora.

Ou seja, num projeto educacional classista, que se pretende emancipador, a avaliação não incide apenas na verificação – promovida em momentos estanques – da apropriação de conteúdos. Deve privilegiar o educando como o centro da atuação político-pedagógica, observando se o seu processo de apreensão e elaboração de conhecimentos está coadunado com as transformações das suas práticas cotidianas.

O caráter diagnóstico da avaliação é importante no sentido de fornecer referências para que a ação pedagógica dialogue intensamente com os conhecimentos que os educandos acumularam na vida. Isso se faz trabalhando com a diversidade, respeitando à alteridade, para a constituição de laços comuns entre os sujeitos que partilham o processo formativo, além disso, possibilita o desencadeamento de um processo de investigação e pesquisa para identificar as dificuldades existentes no desenvolvimento do processo educativo, permitindo que se construam estratégias de enfrentamento das situações adversas.

O caráter processual e cumulativo da avaliação insere-se num projeto político-educacional amplo ao buscar apreender as transformações ocorridas com os educandos no decorrer de todo o processo pedagógico, criando condições para:

- verificar, registrar e analisar se os educandos apropriaram-se dos objetivos, temas e conteúdos, conceitos e habilidades cognitivas/operatórias, mediante a metodologia desenvolvida;
- refletir se a metodologia implementada possibilita, dentre outros aspectos, transformações nas posturas e atitudes dos educandos, com relação aos valores sociais pretendidos – ética, solidariedade, criticidade e autonomia;
- estimular e exercitar a avaliação coletiva e a auto-avaliação dos educandos;
- identificar as dificuldades existentes a fim de superá-las e promover um processo educativo significativo para os sujeitos.

Dessa maneira,

A avaliação da aprendizagem é um tipo de investigação e é, também, um processo de conscientização sobre a "cultura primeira" do educando, com suas potencialidades, seus limites, seus traços e seus ritmos específicos. Ao mesmo tempo ela propicia ao educador a revisão de seus procedimentos e até mesmo o questionamento de sua própria maneira de analisar a ciência e encarar o mundo. Ocorre, neste caso um processo de mútua educação. (Romão, 1998, p.101)

Do processo de ensino-aprendizagem emergem formas de expressão, oportunidades de participação e proposição, elaboração de produções com várias formas de linguagem, pesquisas e estudos mais complexos. Essa riqueza deve contemplar, desde o planejamento, os aspectos a serem observados, analisados e avaliados, em sintonia com a construção do processo educativo que busca incorporar a integralidade dos sujeitos e, é nesse sentido, que buscamos construir os *instrumentos de avaliação*.

3.6.3 A Sistematização

Concebemos a sistematização como parte integrante da proposta metodológica do Programa Integração, não se constituindo na mera organização de informações e registros acerca do processo de ensino-aprendizagem vivenciado. Mais do que isso, é a possibilidade de construir novos acúmulos a partir da reflexão crítica sobre a experiência e a vivência, permitindo que os sujeitos envolvidos adquiram consciência da validade e da importância do seu trabalho. Ou seja, permite a apreensão da totalidade da experiência e a construção de novos sentidos à prática educativa. Potencializa a construção coletiva de novos conhecimentos e torna viável a socialização da experiência aos sujeitos externos ao processo. Então:

A sistematização [da qual falamos] procura situar a experiência em contextos mais amplos. Ao transformá-la em objeto de reflexão, enfatiza-se a sua dialética interna, mas também ressaltam-se as marcas de sua historicidade e de seu caráter social. A sistematização permite que o conhecimento, gerado nas práticas e nos contextos desafiadores em que ocorrem, contribuam para melhorar a intervenção pedagógica e também para a construção da cidadania ativa a que ela visa. Sua dimensão política é, portanto, explícita. (Bases do Projeto Político-Pedagógico, 2001, p.52)

Dessa maneira, sistematizar pressupõe olhar para as experiências vivenciadas com o olhar dos sujeitos e, por essa *razão*, é fundamental a participação ativa dos sujeitos que vivenciaram a experiência em todos os momentos da sistematização.

Além disso, a sistematização enfatiza a reflexão da experiência de forma crítica, possibilitando o desenvolvimento de ações renovadas, além de promover a circulação de novos conhecimentos (históricos, filosóficos, artísticos, científicos e técnicos) e de novas informações, incentivando a interação de vozes portadoras de interpretações diversas a respeito do ocorrido e do vivido. O que nem sempre leva a consensos, mas produz ressignificações e maiores aproximações com a realidade. Assim, os sujeitos que integram a experiência ao refletirem sobre as relações que estabelecem entre si, com o conhecimento e com a objetivação deste em ações, ampliam as possibilidades de intervenção na realidade.

O processo de sistematização também deve se constituir como um momento de aprofundar conceitos e metodologias, tornando mais precisas e realistas as concepções referentes à atuação na Educação/Transformação dos trabalhadores.

O percurso teórico-metodológico da sistematização deve ser construído de modo a possibilitar um olhar com outros olhos, com a visão privilegiada dos sujeitos da ação. O ponto de partida é a prática e o ponto de chegada é a prática transformada, à luz da discussão mediada pela reflexão teórica.

A teorização deve ser um processo de ordenamento das idéias a partir da reflexão sobre a prática social analisada, fazendo então conceituações que permitam compreender o funcionamento da sociedade e suas contradições, enxergando a essência para além da aparência e permitindo realizar o salto do conhecimento empírico para o conhecimento científico. A teoria produzida no movimento anterior deve servir de guia para a ação transformadora, o que remete novamente à prática social, porém com potencial e capacidade para analisar situações concretas e empreender ações com efetividade. (SNF, 2000, p.31)

No processo de sistematização, os espaços de discussão e síntese devem configurar-se como espaços educativos privilegiados, em sintonia com a concepção de educação integral, à medida em que, ao desenvolver um novo olhar sobre o vivido, os sujeitos promovem novas reflexões sobre a prática buscando a sua interligação com o projeto político mais amplo e a construção de novas possibilidades de atuação, consideradas as subjetividades e as especificidades de suas vivências nos percursos formativos e sociais. É preciso considerar que os processos de sistematização podem ocorrer de diferentes formas, evidenciando a pluralidade dos atores e as diversidades de textos e contextos.

Sistematizar é refletir ordenadamente a partir de nossa prática, submetendo tudo a uma crítica, problematizando e identificando os conflitos e contradições, analisando tudo o que fizemos, buscando os porquês e as relações entre as coisas. É preciso que esta prática se faça de maneira coletiva, trabalhando juntos em idéias que nos ajudem a explicar o que temos feito.

É o processo através do qual recolhemos informações, refletimos e selecionamos o mais importante das experiências. Para isto, se faz uma parada no caminho e se percebe a maneira como viemos atuando. Tomamos essas experiências para análise e interpretação. (Souza, 2000, p.33)

Ou seja, para concretizar a sistematização da experiência e possibilitar uma maior visualização dos significados do processo, é preciso construir procedimentos metodológicos compatíveis com os objetivos buscados, utilizando diferentes técnicas e instrumentos de pesquisa visando identificar os conhecimentos acumulados por parte dos educandos e educadores, buscando ir além do processo descritivo, ao realizar uma reflexão mais profunda, abstraindo, questionando: por que aconteceu o que aconteceu?

A reflexão coletiva para compreensão e transformação da prática é inerente ao processo de sistematização, portanto, no momento de formulação de conclusões acerca do vivido, verifica-se que novos sentidos foram dados à experiência. Desse modo, é possível construir uma nova visão da prática, transformada.

Os sentidos atribuídos à experiência não podem ser vistos como algo estanque, mas interpretados em seus textos, contextos, certezas e dúvidas, colocando em pauta as várias elaborações como também as diversas vivências dos sujeitos. Daí, percebemos o quanto a atividade sistematizadora potencializa a apropriação, pelos sujeitos, da própria experiência, por meio da construção do sentido de suas vivências nos percursos formativos, interagindo com as vivências mais amplas da classe trabalhadora em sua luta pela transformação social.

4

Socialização da Experiência

Não devemos cessar de investigar

E o fim de nossa investigação

Deve ser chegar onde iniciamos

E conhecer o lugar pela primeira vez.

(T. S. Eliot)

4.1 O Desenvolvimento Metodológico

Uma educação integral que tenha como objetivo a formação humana deve possibilitar a apreensão de conhecimentos que não tenham apenas como referência a produção material, mas que ultrapassem a dimensão do agir unicamente determinado pela necessidade de subsistência.

Nessa concepção de educação o ato de educar-se leva em conta a omnilateralidade e a inconclusão dos seres humanos. Lutamos por uma escola única de cultura geral e humanista que possibilite o desenvolvimento da capacidade de compreender a realidade como unidade do mundo e do homem em ação, em permanente transformação. Assim, buscamos trabalhar os conhecimentos historicamente acumulados, de forma integrada à realidade concreta articulando-os à experiência cotidiana dos sujeitos participantes e não a disciplinas, como usualmente são organizados na Educação Formal – abordadas, muitas vezes, de maneira isolada, fragmentária e abstrata.

Destacamos, aqui, alguns exemplos: os conteúdos da química foram explorados a partir de situações concretas, como a preparação dos alimentos, a discussão sobre os fenômenos da natureza; os conteúdos da física foram relacionados às diversas fontes de energia conhecidas pelo grupo e também por meio da apropriação dos conceitos relacionados aos deslocamentos dos corpos, presentes em fatos cotidianos vivenciados por todos; os conteúdos da matemática puderam ser discutidos a partir de propostas como a de elaboração do orçamento doméstico ou cálculo dos salários; leitura e interpretação de dados estatísticos por meio de tabelas e gráficos extraídos de jornais e

revistas sobre assuntos relacionados às temáticas estudadas; a geometria no cálculo da quantidade de material de construção, etc. Tudo isso partindo dos repertórios trazidos pelos educandos, considerando que muitos tinham domínios profundos de alguns conhecimentos advindos das experiências no trabalho e nas demais atividades da vida cotidiana. Assim, buscou-se um processo no qual os educandos foram, progressivamente, se apropriando dos conteúdos de maneira significativa, motivando-os para a pesquisa e para a aquisição de novos conhecimentos.

A totalidade do saber que temos em perspectiva não é a soma das várias disciplinas, nem a combinação delas. Muitas vezes, o processo de conhecimento nos impõe a delimitação de determinado problema para melhor compreendê-lo, porém, delimitar um objeto para investigação não é fragmentá-lo ou limitá-lo arbitrariamente. Não significa, portanto, que tenhamos que abandonar as múltiplas determinações que o constituem. Significa apenas que, metodologicamente, certos aspectos do real são melhor compreendidos quando analisados de maneira circunscrita, não havendo qualquer contradição entre essa delimitação e o caráter unitário e integral do conhecimento.

Objetivo dessa articulação de conhecimentos foi possibilitar uma visão de totalidade, embora para conhecer, as vezes, faz-se necessário fazer uma divisão no todo, isolando o que se quer conhecer e analisando-o a partir de diferentes visões.

A abordagem metodológica dos conteúdos foi desenvolvida a partir da visão dos sujeitos envolvidos no Programa e da contextualização dos fatos. O objetivo dessa contextualização foi perceber que o cotidiano está inserido em um momento histórico, feito por homens e mulheres reais, por meio de suas ações intencionais no mundo.

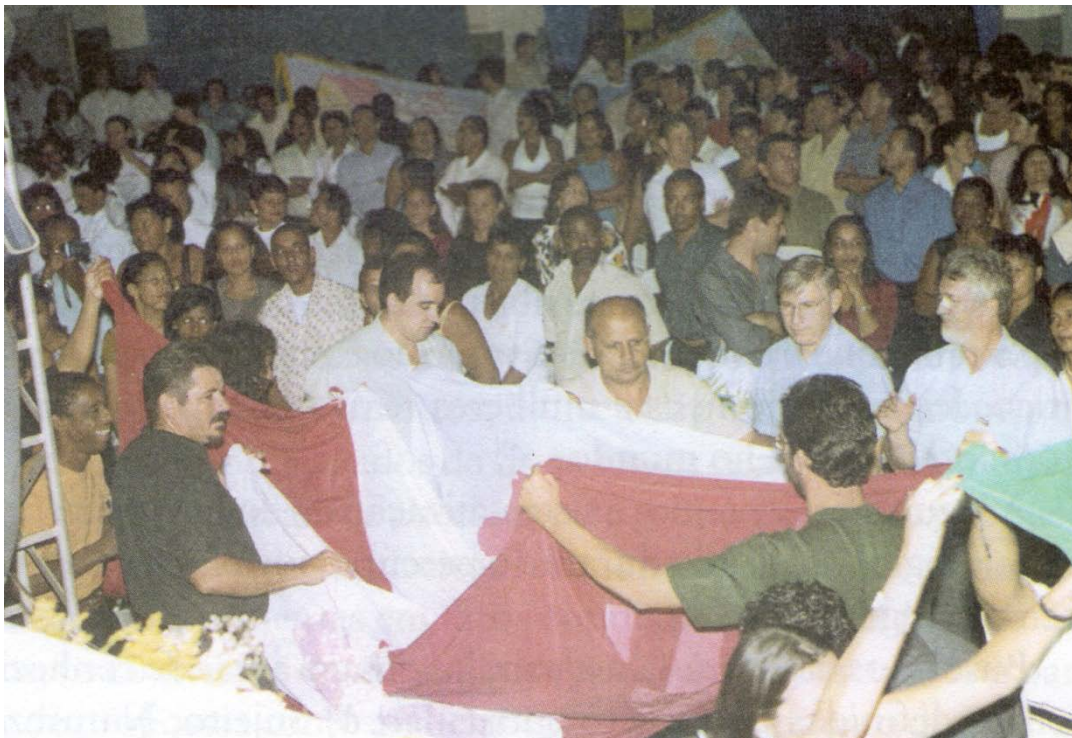
A seguir, apresentamos a sistematização do desenvolvimento metodológico realizado durante o percurso formativo do Programa Integração.

Buscamos organizá-la a partir das quatro áreas de conhecimentos definidas no projeto curricular: 1) Sujeito, Natureza & Desenvolvimento; 2) Conhecimento & Tecnologia; 3) Comunicação, Cultura & Sociedade e; 4) Gestão & Alternativas de Trabalho e Renda. Recuperamos os objetivos estratégicos e algumas propostas de abordagens pedagógicas, bem como as produções de educandos relacionadas às temáticas prioritárias de cada área de conhecimento.

As produções dos educandos foram resgatadas dos diversos relatórios e registros organizadas pelas equipes, educadores e coordenações pedagógicas, durante o percurso formativo.

Assim, o processo de sistematização, mesmo que ainda apresente inúmeras dificuldades, cria a possibilidade concreta de trazermos a experiência para um novo olhar, expressando a multiplicidade de possibilidades e conhecimentos produzidos coletivamente.

Portanto, não se trata de um processo acabado, sem conflitos ou contradições, mas de uma experiência que, ao envolver diversos sujeitos, com diversas expectativas e experiências de vida, produziu também novas perspectivas e nos permitiu refletir sobre os limites e possibilidades, sem perder de vista os enormes desafios para a transformação das práticas educacionais, para um fazer pedagógico instigador e repleto de novos desafios em direção a uma Educação Integral dos Trabalhadores.



Formatura dos educandos em São Paulo - SP – 1º. 12.2001 – CNQ, CNTV, CONTICOM, CONTRACS, CONTAC e CNTT.



Formatura dos educandos em Vitória - ES - dez.2001- CONTICOM, CONTRACS e FNU.

4.1.1 Área: Sujeito, Natureza & Desenvolvimento

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão.

(Guimarães Rosa)

Introdução

Essa área teve como objetivo estratégico possibilitar aos educandos a apropriação do conceito de *Sujeito* nas suas dimensões individual e coletiva, considerando sujeito como produtor de bens, de cultura e de conhecimento. Ao discutir o homem como parte da *Natureza* e o trabalho como atividade pela qual ele transforma a natureza e se constrói como sujeito cultural, social e histórico, buscou-se desencadear reflexões a respeito dos desdobramentos dessa ação humana na construção de uma nova perspectiva de *Desenvolvimento*. Cientes da necessidade de sermos ativos na construção

de nós mesmos, na construção da nossa própria história, num processo contínuo de auto-educação.

História, aqui, é entendida como processo de produção e reprodução da vida em sociedade, campo de oposições, conflitos e antagonismos entre classes, plano de objetivação, pelo trabalho, das possibilidades de conservação ou transformação das relações sociais, já que o trabalho é indispensável à existência humana, considerando que, em quaisquer que sejam as formas de organização da sociedade, o trabalho é a necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter a vida humana. Dessa maneira, podemos atuar sobre essas condições objetivas com vistas a transformá-las segundo as possibilidades que nelas estão inscritas, compreendendo cada fenômeno do cotidiano como movimento de uma realidade em permanente processo de construção, negando, assim, a concepção de uma natureza humana pronta, imutável.

Partindo, então, da concepção de *Sujeito Histórico*, desencadeamos o processo de ensino-aprendizagem discutindo, entre outras coisas, o fato de os indivíduos serem a síntese de múltiplas determinações históricas, pois, por mais que as nossas ações atuais pareçam singulares e isoladas, elas nos conduzem a uma sequência de eventos que formam a história. Essa história tem vínculos que podem ser melhor compreendidos quando expressos por meio de uma narrativa que mostre nossa ligação com o passado distante. Sem esse olhar retrospectivo não é possível pensar com profundidade nossa existência, pois se perde a herança cultural da qual somos produto e produtores, impedindo a junção dos eventos individuais com a totalidade histórica, conhecimento indispensável para se compreender a realidade e a teia das relações humanas.

O sujeito no mundo

A partir dessas considerações iniciais, na abordagem da área *Sujeito, Natureza & Desenvolvimento*, refletimos em torno do conceito de *Sujeito*. Partimos do resgate das trajetórias de vida dos educandos e educadores, com o objetivo de identificar os elementos comuns e específicos contidos nas suas histórias de vida a fim de orientar o aprofundamento dos debates em torno dessa temática no decorrer do percurso formativo.

Uma estratégia que se mostrou bastante eficiente para atingir esse objetivo, foi a utilização do poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. A parte inicial do poema (reproduzido a seguir) foi utilizada para compor uma ficha geradora de debates.

Esse poema possibilitou aos educandos a compreensão da relação entre os aspectos da sua própria realidade, da realidade do personagem e da realidade dos trabalhadores em geral, pois a história de Severino é, de certa forma, a história de todos nós e, por representar um pouco da nossa vida, foi possível utilizar o texto poético como mote para se abordar os diversos temas permanentes do curso: trabalho, sociedade, organização social, cidadania, cultura, desenvolvimento sustentável, transformações no mundo do trabalho, políticas públicas (educação, saúde, poder local), etc

Morte e vida Severina

(O retirante explica ao leitor quem é e a que vai)

João Cabral de Melo Neto

O meu nome é Severino, não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino da Maria; Como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias. Mas isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, por causa de um coronel	mulheres de outros tantos, já finados, Zacarias, vivendo na mesma serra magra e ossuda em que eu vivía. Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas, e iguais também porque o sangue
--	--

que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria. Como então dizer quem fala ora a Vossas Senhorias? Vejam: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba. Mas isso ainda diz pouco: se ao menos mais cinco havia com nome de Severino filhos de tantas Marias	que usamos tem pouca tinta. E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina: a de abrandar estas pedras suando-se muito em cima, a de tentar despertar terra sempre mais extinta, a de querer arrancar	algun roçado da cinza. Mas, para que me conheçam melhor Vossas Senhorias e melhor possam seguir a história de minha vida, passo a ser o Severino que em vossa presença emigra

O texto e a linguagem de *"Morte e Vida Severina"*, assim como o tom da narrativa, possui um caráter autobiográfico e indica vários critérios de composição do *Sujeito individual e coletivo*.

Esse momento de discussão foi muito importante para que os educandos refletissem a respeito dos determinantes históricos contidos em suas próprias trajetórias de vida, tanto individual quanto em coletividade.

A seguir, apresentamos uma amostra com diversos trabalhos elaborados pelos educandos. Essas produções nos dão uma idéia de como se concretizaram as reflexões desenvolvidas em diferentes núcleos/localidades. As produções revelam, também, a identificação dos educandos com o poema, bem como a apropriação da universalidade dos conteúdos aos quais o poema remeteu.

Homenagem a João Cabral de Melo Neto

João é o nome de muitos
Cabral, o Brasil descoberto
Melo de sua mãe Severina
De seu avô paterno Neto
Ele quis que a gente compreendesse
Do Nordeste, o sofrimento
Onde o pai foi um coronel
Para nós o entendimento
Onde a mãe era Maria
Muitos filhos ela via
Do ventre poucos existiam
Na serra da costela ela não entendia
Muitas emboscadas existiam
Para obter uma sesmaria de terra
Zacaria era seu finado pai
Que lutou pela posse da serra
Ossuda é o nome da seca
O que passava era sua sina
Suportou e viveu o limite
É uma força que domina
Teve grande passagem no tempo
Viu muita família sofrer
Quando disse, tantas Marias
Relatou para nós ao escrever
Ele contou sua história
Do que viu na freguesia
Tendo o povo migrado
Se ficasse de fome morria
Muitos sofrem sem nascer
A cabeça não equilibra o corpo
De fraqueza e doença
Deixa o esqueleto torto
Se você pudesse um dia
Conhecer o que é o sertão
João de tristeza explica

É de doer o coração
As mães sofrem com a dor
De ver seus filhos inocentes
Sem ter nada para comer
Não tem força para nascer os dentes
Este povo ainda tem alegria
Em Deus eles confiam
Amigo! Eles plantam no chão ardente
E esperam colher um dia
Precisamos de uma força política
Que os governantes possam entender
Do Brasil, as crianças, o futuro
Onde essa gente possa defender
Aqui termino esse relato
Quero que entenda, leitor amigo
O que o retirante explica
Ao ver seu povo sofrido

Trabalho elaborado por José Francisco Baldon, educando do Ensino Fundamental - ES - CONTICOM.

Severinos... Severinas

Em todo lugar, em todo o mundo, há Severinos, há Severinas, pessoas vividas, pessoas sofridas, contudo dignas;

Muitas já trabalharam com ardor, e hoje só contemplam o terror, a fome e a dor e um calado e sofrido amor... Amor que os faz viver e continuar mesmo sorrindo com o sofrer, o sofrer de um viver... Um viver Severino.



Trabalho elaborado por Elza de F. Bergmann, educanda do Ensino Fundamental do núcleo de Ponta Grossa - PR - CONTAC.

Como vemos, a proposta metodológica sugerida possibilitou a reconstrução das trajetórias de vida comuns ao grupo e de cada um em particular (ou de suas famílias) e discussões em torno dos processos migratórios, no qual foram analisados as razões que levaram as migrações ou emigrações de diversos grupos (vindos de outras regiões do País ou de outros países). Se foram motivadas por razões econômicas ou não; quais outras determinações provocaram e ainda provocam os deslocamentos de indivíduos, famílias e populações.

Assim, a história de Severino permitiu a análise dos processos migratórios relacionando-os à divisão social do trabalho, pois o poema deixa claro que quem emigra são os trabalhadores, *Severinos*, e não os coronéis *Zacarias*. Saem os que foram destituídos dos seus meios de vida; saem aqueles que não são mais necessários para produzir riquezas naquele lugar, ou por serem necessários em outro lugar.

No sertão do Nordeste, cenário da saga (história de luta e bravura) de Severino, a água é um meio de produção escasso. Os poços artesianos, açudes e sistemas de irrigação, privilegiam uns poucos. Aos Severinos, ainda que tenham terra, cabe buscar outro canto para trabalhar.

Os debates e conclusões preliminares, realizados em diversos núcleos, mostram que a riqueza das possibilidades das abordagens permitiram a apreensão e aprofundamento dos conhecimentos ao articular elementos e saberes trazidos pelos

próprios sujeitos participantes como forma de instigar e tornar significativo o estudo e a pesquisa sobre as temáticas propostas.

Outro resultado, dos debates realizados a partir do poema, foi a elaboração de produções coletivas de painéis que se constituíram em um documento vivo de identificação do grupo: a partir dos mapas do Brasil e do mundo, refizeram o traçado dos movimentos migratórios, seus ou dos seus ascendentes.

Cabe ressaltar que, se por um lado as determinações históricas limitam as nossas ações, por outro lado, como seres históricos que somos, atuamos na realidade, transformando-a e é esse aspecto que fundamentalmente pretendeu-se explorar.

É importante salientar que, ao estudarmos a história de Severino o que nos interessa, principalmente, é verificar o que nela há de universal. Em quantos lugares do Brasil e do mundo vive-se vidas "severinas"? Certamente, não apenas no Nordeste brasileiro, mas também nas grandes metrópoles brasileiras ou mesmo nos subúrbios das ricas cidades de países desenvolvidos.

O poema possibilitou, ainda, abordar de maneira integral os diversos conteúdos básicos de várias áreas de conhecimento articulando-os com a realidade concreta.

Assim, a abordagem da Biologia, por exemplo, foi fundamentada na relação do homem com o meio que o envolve, considerando as formas de organização de cada sociedade, as formas de produção, os costumes, as tradições e as crenças, considerando a inter-relação entre os homens, a natureza e a cultura. A partir da realidade do grupo e da sua prática social, incentivamos uma leitura crítica das transformações provocadas pelo homem no meio ambiente para verificar em que medida essas interferências ajudam ou prejudicam o meio ambiente e a humanidade e como essas questões são fundamentais para pensarmos a temática do *Desenvolvimento*.

O poema *Morte e Vida Severina* é extremamente rico ao retratar o cotidiano de muitos brasileiros. A questão da saúde (ou da doença) é retratada de maneira poética:

"Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,

e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta."

Nessa oportunidade, pôde-se também desencadear debates sobre as diversas doenças que estão relacionadas a problemas comuns em muitas regiões do Brasil: falta de água tratada, condições de higiene inadequadas, falta de assistência médica, construções sanitárias precárias ou inexistentes e muitos outros. Porém, a intenção foi ampliar essa discussão para a reflexão em torno das políticas públicas. Partindo dessas discussões os educandos realizaram pesquisas sobre as doenças que ocorrem em suas regiões, levantando as possibilidades de evitá-las ou erradicá-las.

A partir da rica descrição da geografia física de parte do sertão nordestino, a abordagem da Geografia foi realizada levando em conta a sua estreita relação com a história e com a política, além da sua vinculação com outras áreas do conhecimento como, por exemplo, a matemática (geometria). Essa abordagem pôde começar pela "realidade geográfica" na qual cada um está inserido sem, entretanto, limitar-se a uma descrição desse espaço considerando que o verdadeiro objeto de estudo da Geografia é a Sociedade, estudada a partir da sua expressão mais visível: o espaço. Analisando a distribuição espacial e as condições de ocupação desse espaço que podem ser limitadas por fatores naturais ou por formas de organização social.

Incentivamos uma visão crítica do conhecimento geográfico mostrando que também essa área do conhecimento é reflexo da relação dos homens entre si e com o meio. Lembrando que, historicamente, os conhecimentos geográficos foram usados na luta para dominar a natureza, bem como para dominar outras classes ou povos, sua expressão é retratada nos seguintes versos:

"Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza."

A partir dessas discussões com os educandos, foi possível ainda explorar a riqueza dos aspectos lingüísticos contidos no poema. Os educandos produziram trabalhos com as mais diversas linguagens, todos eles contando a história do próprio autor. Podemos perceber, entretanto, que assim como o poema *Morte e Vida Severina*, essas histórias contadas pelos educandos têm algo de universal. De certa maneira é a história de muitos.

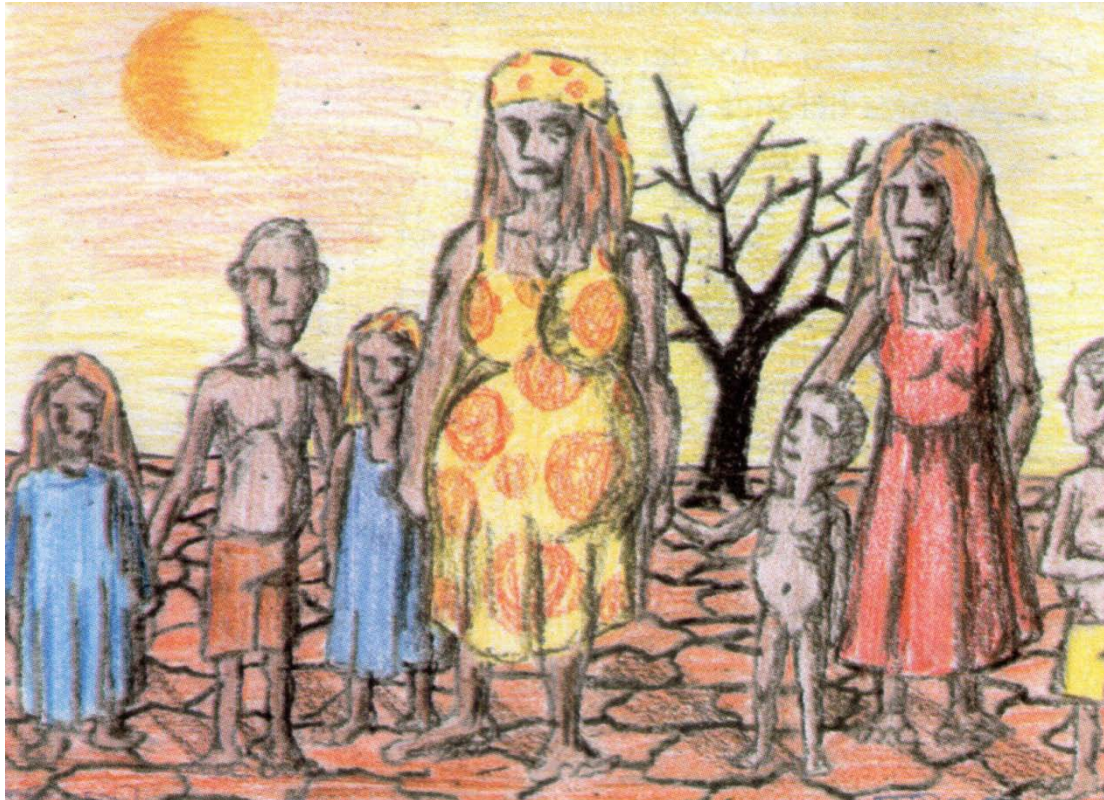
Ser alguém na vida

Dá licença eu vou falar
Minha vida é bem assim:
Nasci numa família humilde
Que deu a vida a trabalhar.
Meu pai era lavrador e
Minha mãe do lar.
Meu pai pegava empreita
Minha mãe ia ajudar,
Andavam de fazenda em fazenda
Não tinham lugar certo pra morar.
Meu pai já cansado da lida
Foi com minha mãe falar:
Vamos mudar para a cidade
Para nossos filhos estudar,
Para que um dia eles sejam alguém
E não tenham que por isso passar
Trabalhar de sol a sol
E no fim nada ganhar.
Juntamos nossas tralhas e
Fomos na cidade morar
Como não tínhamos casa
Tivemos que aluguel pagar.
O meu pai como não arrumou emprego
Logo a coisa começou a apertar,
Com cinco crianças pequenas
Que ele tinha que alimentar.
Botou as malas nas costas

E foi pró garimpo trabalhar
Trabalhou lá muito tempo
Com o sonho de bamburrar
Arrumou foi uma doença e
Na cama foi parar.
Quando meu pai ficou doente
Não agüentou mais trabalhar
Minha mãe mulher guerreira
Sem medo de luta foi a luta
Arrumou um emprego de lavar e passar,
O ganho era muito pouco
Que mal dava para alimentar.
Meu pai arruinou muito
E logo veio a nos deixar.
A única herança que ele deixou
Foi cinco filhos para criar.
Minha mãe como era corajosa
Mesmo com todas as dificuldades
Não desanimou, colocou a
Gente na escola para estudar.
Eu estudei até a quinta série
E logo tive que parar
Pra um emprego arrumar
E minha mãe ajudar.
Foi aí que o sonho do meu pai
Ficou impossibilitado de realizar
Que era estudar e ser alguém
Mas um dia que este sonho
Eu podia realizar
Foi através de um anúncio que mandaram publicar
Logo vi que o tempo perdido
Eu podia recuperar
Me matriculei no projeto
Um curso que a CUT dá.
Vi que tudo é possível
Quando se tem força pra lutar.

Se você tem um sonho
Lembre que ele pode se realizar
Porque a vida é feita de sonhos
E os sonhos para sonhar.

Trabalho elaborado por Pedromar Torres, educando do Ensino Médio do núcleo de Goiânia - GO - FASER.



Trabalho elaborado por Jacques Egon, educando do Ensino Médio do núcleo de Recife - PE - FASER.

Vida Severina em São Paulo

Bem, esta vida Severina que me refiro, foi a que passei com minha família.

Minha mãe se casou jovem, teve duas filhas. Vivíamos uma vida pobre, mas diante de muitas famílias estávamos bem.

Até que meu pai começou a beber, e aí começaram todos os problemas, pois ele se tornou agressivo, batendo em mim, minha irmã e também na minha mãe.

Minha mãe não suportou e se separou, aí começou uma batalha nova e dura, pois minha mãe saía, de casa em casa, se oferecendo para passar, lavar, fazer faxina,

mas aquele dinheiro mal dava para pagar o aluguel. Vivíamos de doações de alimentos, roupas, sapatos, materiais escolares, etc.

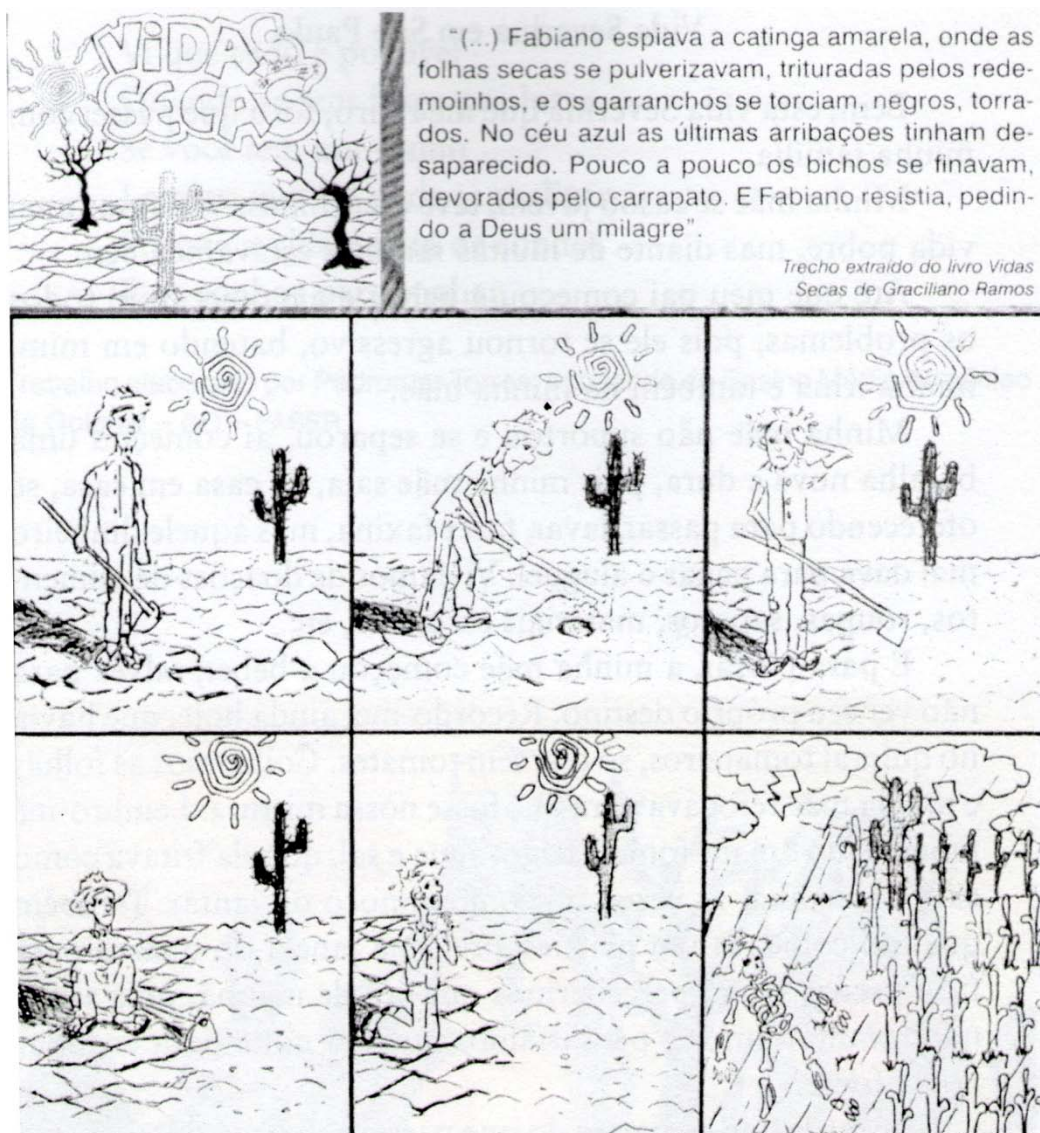
E para piorar, a minha mãe começou a beber, talvez para não ver seu próprio destino. Recordo-me, ainda hoje, que havia no quintal tomateiros, só que sem tomates. Colhíamos as folhas e minha mãe refogava para que fosse nossa mistura. Lembro-me também do "mata-fome", trigo, água e sal, que ela fritava como café da manhã, às vezes até como almoço ou jantar. Também quando colocava um plástico preto na janela do quarto para ficar escuro e não percebermos que era de manhã, pois assim não levantaríamos e pensaríamos que era noite para enganar nossa fome.

Recordo-me de partes do que passei e isso me dói, não por mim, mas por minha mãe, pelo que ela passou. Sei que muitas coisas ela fez o possível para que não percebêssemos e que ainda guarda só para ela. Talvez fosse a pessoa ideal para escrever "Vida Severina em São Paulo."

Hoje, graças a Deus, tudo mudou, ou quase tudo, pois as lembranças e o alcoolismo ainda andam ao lado da minha mãe.

Apesar da água, plantações, indústria e toda a popularidade de São Paulo, muitos viveram e vivem a "Vida Severina".

Trabalho elaborado por Marília, educanda do Ensino Fundamental do núcleo de São Paulo - SP - CNTT.



Trabalho elaborado por Jacques Egon, educando do Ensino Médio do núcleo de Recife - PE - FAZER.

Contar história é uma das mais antigas práticas humanas, foi daí que se originou a História propriamente dita. Desde os primórdios da humanidade as pessoas se reuniam para contar e para ouvir histórias. Contar histórias é uma forma de transmitir e de adquirir conhecimentos.

Como a arte de narrar uma história é cada vez mais rara, propusemos que se fizesse um festival de histórias para serem contadas na sala. Com essa atividade, a faculdade humana de contar e ouvir histórias pôde ser reavivada numa troca de experiências e impressões.

Contar ou escrever a própria história – como fizeram os educandos nessas produções, leva-nos a pensar criticamente o próprio mundo e a maneira como nele nos inserimos. Leva-nos a uma interpretação cada vez mais consciente da realidade em

transformação. Notamos, ainda, que no desenrolar de cada história, os problemas que a realidade coloca vão sendo enfrentados sem vacilar. Cada um vai sendo afetado pelas circunstâncias, mas vai respondendo a essas circunstâncias sem limitar-se a aceitá-las passivamente. Percebemos que esses textos, ainda que sejam histórias pessoais, estão repletos de referências de natureza coletiva.

Os desenhos, as charges, as poesias e outras formas de manifestação cultural, não são apenas histórias de alguém. Por meio de histórias reais ou fictícias partimos de uma situação particular e compreendemos o que essa situação retrata em termos mais gerais. Tanto a produção *Família Nordestina* como os quadrinhos *Vidas Secas* vieram, posteriormente, a compor as fichas geradoras de debates durante o percurso formativo demonstrando o aprofundamento progressivo dos temas e conteúdos abordados, a partir das elaborações dos próprios educandos, explicitando a perspectiva de construção coletiva do conhecimento, bem como do processo de construção curricular vivenciado no Programa Integração.

A ficha *Vidas Secas* elaborada pelo educando Jacques Egon e reproduzida acima, trouxe também um trecho da obra de Graciliano Ramos e uma sequência de quadrinhos sobre a seca. A outra ficha, o desenho da *Família Nordestina* também tratou de um tema que, aparentemente, é de natureza regional - a seca que acontece apenas em algumas regiões da Terra.

Entretanto, a saga de Fabiano – personagem de *Vidas Secas* – é semelhante à de todos aqueles que precisaram deixar sua terra natal para buscar o sustento em outros cantos. A vida do personagem dos quadrinhos de Jacques Egon mostra que muitas vezes a ajuda da natureza chega tarde demais. A história do nordestino Fabiano, de *Vidas Secas*, retomou os debates acerca dos processos migratórios e demonstrou como essa questão está fortemente presente na vida de cada um, sendo similar à dos agricultores italianos, japoneses, africanos, alemães e tantos outros que, destituídos da possibilidade de continuarem a viver em suas terras, tiveram que emigrar – muitos vieram à força para o Brasil. É também a história dos agricultores do Sul do Brasil – descendentes daqueles imigrantes já expulsos uma vez - que hoje são obrigados a lutar pela terra no Mato Grosso ou na Amazônia. É a história de paulistas, pernambucanos, mineiros e baianos, conforme a música *Paratodos*, de Chico Buarque (que também foi utilizada como ficha geradora de debate). É a história de todos nós que, estando ou não na terra dos nossos

ancestrais, temos que lutar não apenas contra os percalços da natureza, mas, principalmente, contra a estrutura econômica que condiciona a posse e o uso da terra.

O caráter histórico do desenvolvimento

Outro elemento central das abordagens era que se promovesse um debate a respeito daquilo que nos caracteriza como humanos e que nos diferencia dos animais: a nossa capacidade de produzir os próprios meios de vida – e não apenas nos apropriarmos do que já está pronto.

Ao desenvolverem sua produção material e o intercâmbio material (a troca do produto do seu trabalho), os homens transformam a realidade e com isso o seu modo de pensar. Satisfeitas as necessidades fundamentais, novas necessidades vão se constituindo, dando o caráter verdadeiramente histórico ao ato humano de atender sua natureza.

Mais do que simples coletores e caçadores, nós humanos, somos capazes de plantar e pastorear para o nosso próprio sustento. Somos capazes de produzir para além das nossas necessidades imediatas, libertando-nos para outras atividades, para a nossa humanização.

Considerando essa condição e capacidade humana – a de produzir mais que o necessário para a subsistência – propusemos que se discutisse sobre a atual condição daqueles que dispõem apenas da sua força de trabalho para sobreviver, não dispendo de meios próprios e dependendo de alguém que empregue sua mão-de-obra.

Se considerarmos que é por meio do trabalho que o homem produz sua humanidade; o homem, impedido de trabalhar restringe-se de sua humanidade.

Para fomentar esse debate sobre *Natureza e Desenvolvimento*, uma das estratégias sugeridas foi a comparação de dois textos produzidos com um intervalo de tempo de mais de 100 anos, a fim de verificar o que os diferenciavam e o que os aproximavam. Esse tipo de atividade visou desenvolver a apropriação crescente das habilidades de interpretação, análise crítica e comparação entre textos e contextos. A seguir, a reprodução desses dois textos:

Karl Marx

Nos dias de hoje, tudo parece grávido de seu contrário. As máquinas, dotadas do maravilhoso poder de abreviar e tornar mais fecundo o trabalho humano, em vez disso o levam à inanição e ao excesso. As fontes de riqueza que aparecem como novidades, por algum estranho e fatídico encantamento, são transformadas em fontes de privação.

Os triunfos da arte parecem ser comprados com a perda de caráter. No mesmo ritmo em que a humanidade domina a natureza, o homem parece tornar-se escravo de outros homens ou de sua própria infâmia. Mesmo a luz pura da ciência parece incapaz de brilhar a não ser contra o pano de fundo escuro da ignorância.

Todas as nossas invenções e nosso progresso parecem dotar as forças materiais de vida intelectual e embrutecer a vida humana, tornando-a uma força material. Este antagonismo entre, de um lado, a indústria e a ciência modernas, de outro, a miséria e a dissolução; este antagonismo entre as forças produtivas e as relações sociais de nossa época é um fato, palpável, avassalador e incontestável.

Extraído do livro de Karl Marx. *The People's Paper*, Londres, 1856.

Antônio Cândido

...Começo observando que em comparação a eras passadas chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza. Isso permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas materiais do homem, quem sabe inclusive o da alimentação.

No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida freqüentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. Assim, com a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluimos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens.

Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria.

Extraído do livro de Antônio Cândido. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235.

O texto de Marx é de 1856 e deixa claro que as condições materiais para o suprimento de todas as carências da humanidade já tinham sido alcançadas naquela época. Já Antônio Cândido escreveu o texto da ficha em 1995, quase 150 anos depois.

Se na época de Marx a humanidade já dispunha de recursos para acabar com a miséria, nos dias de hoje essas condições são extraordinariamente maiores e Antônio Cândido propõe que reflitamos sobre o que determina que ainda haja tanta miséria a despeito dos avanços fenomenais na ciência e na produção de riquezas.

A proposta de comparação dos dois textos visou a reflexão sobre as conquistas da humanidade que continuaram, passados 150 anos, a serem apropriadas por apenas uma parte da população (em cada país, em cada cidade).

O desafio é pensar as perspectivas de mudanças para os próximos 150 anos, já que, felizmente, também nada *garante* que as coisas não mudem, pois, segundo Marx: "Nos dias de hoje, tudo parece grávido do seu contrário".

E, segundo Antônio Cândido: "...com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluímos dele as grandes massas que condenamos à miséria".

Hoje, sabemos que os meios materiais necessários para nos aproximarmos de uma vida plena de sentido existem, e que muito do que era simples utopia se tornou possibilidade real. Portanto, se as possibilidades existem, a luta por uma sociedade justa ganha maior relevância e se torna mais esperançosa, apesar de tudo o que o nosso tempo apresenta de negativo.

Mesmo considerando que os homens são os únicos seres que pensam, que são capazes de fazer uso das técnicas e de atuar com vistas a uma finalidade e que são os únicos seres capazes de acumular conhecimentos, a atual forma de organização da sociedade não tem permitido que todos os homens tenham alimento, terra e paz; mesmo com o enorme avanço tecnológico que permitiria à humanidade eliminar a pobreza e o envenenamento do meio ambiente.

Os novos conhecimentos e as riquezas materiais produzidos pela humanidade não têm trazido a todos os benefícios esperados.

A mesma energia nuclear que pode ser utilizada para salvar vidas, quando utilizada com fins médicos, foi usada pelos Estados Unidos para cometerem os genocídios de Hiroshima e Nagasaki (nos quais morreram centenas de milhares de pessoas). A engenharia genética pode salvar vidas e pode ser utilizada na fabricação de armas bacteriológicas, capazes de dizimar plantações, animais e humanos.

Os trabalhadores brasileiros construíram uma das dez maiores economias do mundo. Mas essa mesma população, capaz de construir essa enorme riqueza, é uma das mais pobres do mundo.

A partir dos debates a respeito desse tema tivemos várias produções de educandos, uma das quais reproduzimos a seguir. O autor traz à reflexão sua história desde a infância, momento em que observamos a ausência das tecnologias, o contato próximo com a natureza, hábitos e costumes vinculados ao ritmo da natureza. Depois, o autor contrapõe a àquela realidade outra situação, típica das cidades grandes: desemprego, discriminação, drogas, violência, etc., elementos que representam a desumanização, degradação das condições de vida. Essa elaboração fez parte das fichas geradoras de debates no último módulo do curso.

Antas

Eu nasci na cidade, era um pequeno povoado
Onde eu brincava de búzios, pedras em forma de
gado
Embora a sobrevivência fosse difícil e os trabalhos
pesados
Eu me sentia feliz por ter meus pais ao meu lado
Era eu mais oito irmãos, vivíamos em harmonia
Lampião e candieiros, eram nossa "energia"
Só comprava o querosene e depois a luz do dia
Brincava de tudo que tinha direito, de pegador,
cavalo de pau
Esconde esconde, boca de forno, brinquedo de roda
Os carros eram feitos de latas ou madeiras
Não conhecia navios, muito menos outras bandeiras
Mas sempre me perguntei, que lugar é esse tão lindo,
tão belo
Será que existe outro lugar igual ao meu?
E as pessoas que partiram daqui? Que será que com
elas aconteceu?
Eu pensava sim em sair dali, atrás de sonhos,
projetos
Realizações, mas onde encontrar tudo isso?
Nas cidades grandes, em outros povoados
Será que vou ser feliz como aqui? Como será lá fora,
vale a pena partir?
Mas comecei a pensar além da agricultura, aqui nada
mais dá
Nada mais se produz. Mal sabia eu, que ali sim se
vivia
Ali sim, eu tinha paz, tudo era verdadeiro
Não existia maldade nem o poder do dinheiro
Mas logo virou cidade, houve a evolução
Mas junto com tudo aquilo, veio a destruição
Tirou o sossego de tudo, trazendo preocupação
Até cidadãos honrados foram discriminados,

passaram decepção
Hoje aqui vivo pensando, converso até com a lua
Por que tantas crianças viram meninos de rua?
Será a desigualdade que nós estamos vivendo?
Com esse grande desemprego, os filhos estão
sofrendo
Muitos se entregam às drogas, e aos poucos estão
morrendo
Agora eu pergunto, será que vale a pena voltar atrás?
Começar tudo de novo?
Disso já não tenho certeza porque toda aquela beleza
Hoje não existe mais
Não é que eu queira fazer ofensa, é que a violência
aqui e lá são iguais.
Estou falando de Antas, minha cidade natal
Onde vivi alguns tempos, junto ao meu pessoal
Hoje tudo é diferente, não tem mais as mesmas gentes
Meus amigos foram embora! Hoje só resta saudade
Como filho dessa cidade, contei a minha história

Trabalho elaborado por Pedrito Santos Menezes, educando do Ensino Fundamental do núcleo de Santos - SP - CONTRACS.

O sujeito histórico

Dentro da perspectiva histórica e social, que norteia o Programa, procuramos abordar os fatos da realidade a partir de uma visão de totalidade, buscando compreender como os diversos aspectos da realidade se entrelaçam e, em diferentes níveis, dependem uns dos outros, mesmos aqueles aparentemente distintos mantêm uma inter-relação. Num movimento constante procuramos entender o que há de diferente na aparente unidade e o que há de igual na aparente diversidade e inclusive no que concerne a vida de cada um de nós.

O quadro que emerge dessa nossa tarefa resulta num jogo dialético envolvente entre particular e geral, concreto e abstrato, indivíduo e coletividade, sujeito e mundo, a fim de ver em cada fato, ou dado da realidade, o que há nele de geral e de particular, a objetividade e a subjetividade.

Partindo dessa compreensão da totalidade e de suas partes complementares ou contraditórias, podemos compreender cada momento, cada fato e a condição de vida de cada um, como um momento da realidade em permanente processo de estruturação e de autocriação que só pode ser compreendido internamente, isso é, a partir do modo como cada um enxerga essa realidade. Dessa forma, é possível estabelecer relações entre as experiências cotidianas individuais e as questões macroeconômicas e sociais.

É nesse movimento de apropriação e reprodução que o conhecimento se expressa como resultado de um processo de construção individual e social, num tempo e num espaço determinados.

E na medida em que nos apropriamos da herança cultural, nos tomamos propriamente humanos, diferenciando-nos do restante da natureza. E, ao nos diferenciar da natureza, criamos a nossa própria humanidade.

Mas, afinal, quem é esse ser que ao se diferenciar da natureza se autoproduz num movimento constante de criação e recriação? Para fomentar essa discussão sugerimos um trecho da obra *Concepção Dialética da História*, de Antônio Gramsci: *Quem é o Homem?* como ficha geradora de debates, reproduzida a seguir.

Que é o homem?

Gramsci

Que é o homem? É esta a primeira e principal pergunta da filosofia. Como respondê-la? A definição pode ser encontrada no próprio homem, isto é, em cada homem singular. Mas ela é exata? Em cada homem singular, pode-se encontrar o que é cada "homem singular".

Mas não nos interessa o que é cada homem singular, problema que significa, ademais, o que é cada homem singular em cada momento singular.

Se observarmos bem, veremos que – ao colocarmos a pergunta "o que é o homem" – queremos dizer: o que é que o homem pode se tornar, isto é, se o homem pode controlar seu próprio destino, e se ele pode "se fazer", se ele pode criar sua própria vida.

Digamos, portanto, que o homem é um processo, precisamente o processo de seus atos.

Observando ainda melhor, a própria pergunta "o que é o homem" não é uma

pergunta "objetiva". Ela nasce do fato de termos refletido sobre nós mesmos e sobre os outros; e de querermos saber, de acordo com o que vimos e refletimos, aquilo que somos, aquilo que podemos ser, se realmente – e dentro de que limites – somos "criadores de nós mesmos", da nossa vida, do nosso destino. E nós queremos saber isto "hoje", nas condições de hoje, da vida "de hoje", e não de uma vida qualquer e de um homem qualquer...

A afirmação de que a "natureza humana" é o "conjunto das relações sociais" é a resposta mais satisfatória porque inclui a idéia do devenir: o homem "devêm", transforma-se continuamente com as transformações das relações sociais; e, também, porque nega o "homem em geral": o fato, as relações sociais são expressas por diversos grupos de homens que se pressupõem uns aos outros, cuja unidade é dialética e não formal.

Por outro lado, dado que o homem é também o conjunto das suas condições de vida, pode-se medir quantitativamente a diferença entre o passado e o presente, já que é possível medir a proporção na qual o homem domina a natureza e o acaso.

A possibilidade não é a realidade, mas é, também ela, uma realidade: que o homem possa ou não possa fazer determinada coisa, isto tem importância na valorização daquilo que realmente se faz.

Possibilidade quer dizer "liberdade". A medida da liberdade entra na definição de homem. Que existam as possibilidades objetivas de não se morrer de fome e que, mesmo assim, se morra de fome, é algo importante, ao que parece. Mas a existência das condições objetivas – ou possibilidade, ou liberdade – ainda não é suficiente: é necessário "conhecê-las" e saber utilizá-las.

Promovemos uma reflexão sobre a possibilidade humana (liberdade) de transformar o real, contrapondo-se à idéia fatalista e naturalizadora das relações sociais e das condições objetivas existentes. Somos seres naturais, mas nos definimos por sermos, além de seres naturais, seres sociais.

A partir da mediação com a natureza, por meio da intencionalidade que se expressa no trabalho, nos humanizamos. Construimos as relações sociais num processo permanente de reprodução da existência e, portanto, da história.

As elaborações dos educandos, que apresentamos a seguir, refletem o debate em questão e expressam tanto as percepções e elaborações de cada um, quanto o resultado

das reflexões coletivas, mostrando a complexidade e profundidade com que o tema foi apropriado.

O que é o homem?

O homem é um herói.
O homem é um bandido.
Mas, o que é o homem?
Um ser muito complicado.
Ao mesmo tempo, que se conhece
E logo depois, se desconhece
Luta com ele mesmo.
Sofre sem saber o porquê.
Sorri pensando que sabe,
Nunca está satisfeito, consigo mesmo,
E até com outras pessoas.
Entra em conflito, com motivos,
Ou mesmo sem motivos,
Exige muito de si.
E também dos outros.
Reconhece seus erros.
E também aponta erros.
Não aceita injustiças.
Mas comete injustiças.
Enfim, não sei, que é o homem?
Não sei, nem mesmo sei quem sou!

Trabalho elaborado por Carmem Aparecida da Veiga Lima, educanda do Ensino Médio do núcleo de São Paulo - SP - CONTRACS

Esse poema de Carmem Aparecida da Veiga Lima foi inserido, posteriormente, como ficha geradora de debates em outro módulo, servindo de base para outras reflexões e elaborações. Na busca por uma resposta à indagação presente no título do texto, pôde-se perceber o movimento pendular da autora, que vai demonstrando o quanto nós humanos somos contraditórios. Lembramos que dialética é uma maneira de pensarmos as contradições da realidade, a maneira de compreendermos a realidade

como essencialmente contraditória e em permanente transformação. Assim são os humanos: contraditórios e em permanente transformação.

A abordagem desse texto nos mostra que a realidade é sempre mais rica do que o conhecimento que temos dela. Há sempre algo que escapa às nossas sínteses; isso, porém, não nos dispensa do esforço de elaborar sínteses, se quisermos entender melhor a realidade – considerando síntese como a visão de conjunto que nos permite descobrir a estrutura significativa da realidade.

Chamamos essa busca de compreensão da totalidade da estrutura significativa da realidade de construção de conhecimento, porque sempre está em expansão, nunca alcança uma etapa definitiva e acabada. Em cada momento da ação humana todo o conhecimento acessível é empregado. O resultado dessa ação humana no mundo implica numa outra totalização de conhecimentos que, por sua vez, se defrontarão novamente com as circunstâncias do mundo, num permanente processo de ruptura e permanência. O que permanece é o próprio movimento.

Em outro exemplo, elaborado por um outro educando, o tema da construção da subjetividade – individual e coletiva – é abordado, como um movimento dialético.

"Que cara é esse?"

Mesmo indeterminado	Seus gostos e seus desejos
Vou encontrar um sujeito	Raça ou religião
Que é composto por todos	Será que trabalha no campo
Mesmo assim eu dou um jeito	No meio do canal
Muitos dizem que é simples	Ou trabalha
Mas, garanto que não	Numa fábrica
Ninguém sabe de onde veio	No centro da capital
Cidade ou região,	Entre ruas e vielas
Mas sabe que está implícito	Tomando ônibus lotado
No meio da multidão	Ou mora na favela
Quem é a sua família	E está desempregado
Sua classe social	Mas, tenho a esperança
Será que é gente fina	Que tudo irá mudar
Ou será um marginal	Pois no que me transformaram
Como será o seu rosto	Eu tentarei transformar
Qual a sua profissão	Pois tenho capacidade

Virtude que Deus me deu
Procurei em outro sujeito

Um sujeito que sou eu.

Trabalho elaborado por Iravan Amorim, educando do Ensino Médio do núcleo de Recife - PE - FASER

Enfim, procuramos aqui, socializar uma pequena amostra das propostas metodológicas elaboradas, bem como trabalhos dos educandos produzidos no desenvolvimento da área *Sujeito, Natureza & Desenvolvimento*.

4.1.2 Área: Conhecimento & Tecnologia

Na medida em que a razão se torna instrumental, a ciência vai deixando de ser uma forma de acesso aos conhecimentos verdadeiros para tornar-se um instrumento de dominação, poder e exploração.

(Chauí, 2002,p.119)

Introdução

Na área Conhecimento & Tecnologia, privilegiou-se as relações entre os temas: trabalho e técnica, sociedade e tecnologia, saberes e ciência, cultura e tecnologia, desenvolvimento social e tecnologia, objetivando promover a reflexão sobre as conseqüências desse processo na vida de cada um, no trabalho e no mundo como um todo. O eixo fundamental que permeou toda a abordagem dessa área foi a noção de movimento: movimentos cíclicos ou naturais, movimentos históricos e o próprio movimento que constitui o homem como ser social na sua relação intencional com a natureza por meio do trabalho.

A abordagem desses temas – assim como todo o percurso formativo – foi realizada a partir da centralidade do trabalho. Trabalho aqui entendido como a atividade por meio da qual os indivíduos e as coletividades constroem sua própria existência harmonizando-se com a natureza e com os outros homens. Os homens transformam simultaneamente a natureza, a eles próprios e as suas relações. Portanto, por meio do trabalho o homem se humaniza na medida em que acumula *conhecimentos* a partir da

intenção-ação colocada em prática para modificar sua realidade. Esses conhecimentos, acumulados historicamente, lançam novas possibilidades que tornam mais complexos os processos de transformação da realidade e das relações sociais. Conhecimentos esses fundados na práxis, onde o agente, a ação e a finalidade do agir são inseparáveis.

Temos um momento no qual o homem que trabalha, mesmo que se trate de um homem da idade da pedra, pergunta-se se o instrumento com que lida é apropriado ou não ao fim a que se propõe... posso imaginar este homem primitivo que diz, observando duas pedras: esta é própria para arrancar um ramo e esta não. Com esta escolha da pedra inicial começa a ciência. (Lukács, 1997, p.14)

Assim, desde o momento em que o homem passou a empregar algo, além das mãos, para suprir suas necessidades, desde as ferramentas mais rudimentares ao robô de última geração, o homem vem criando *tecnologias para* aumentar a eficiência do trabalho e diminuir, assim, o desperdício de energia e de tempo. Portanto, qualquer fazer humano que implique a utilização/aplicação de um saber específico e de instrumentos desenvolvidos em função disso supõe o uso de uma *tecnologia*. Entretanto, se nos primórdios a energia poupada no trabalho de conservação e reprodução da vida pôde liberar tempo para o homem descobrir o mundo, hoje por meio do capital, alguns homens se apropriam, não só dos instrumentos de produção aperfeiçoados durante toda a história da humanidade, mas também do tempo de outros homens.

Em função dessa apropriação, contemporaneamente, o trabalho é entendido como emprego, restringindo-se a sua relação mercadológica. O trabalho deixou de ser uma atividade humanizadora e passou a depender da mediação de um mercado que decide quem é e quem não é *empregável*.

Entretanto, nessa abordagem, possibilitamos uma discussão mais ampla, resgatando a dimensão emancipadora do trabalho.

Trabalho e Educação

O século XX foi marcado por imensos avanços no campo do conhecimento e da tecnologia – o que redundou numa extraordinária produção de riquezas – o mesmo período foi marcado, também, por uma enorme concentração dessas riquezas, o que impediu que se eliminasse a miséria e o sofrimento da maioria da população mundial.

Imensos contingentes de trabalhadores foram alijados da vinculação formal com o mercado de trabalho.

Assim, o novo século nasce marcado pelo desemprego em massa e pelas condições declinantes da qualidade do emprego dos que estão empregados.

O eixo central das políticas ditadas pelos organismos internacionais, e implementadas pelos governos que as endossam, é que o mercado deve ser a razão de todas as coisas. Nesse sentido, a educação deve atender aos interesses imediatos da produção, passando a ter, dentro dessa perspectiva, um caráter instrumental do conhecimento. A formação humanista, que prepara o homem para a vida como um todo, passa a ser considerada dispensável ou destinada apenas àquela parcela da população que não precisa preocupar-se com a sobrevivência.

Contrária a essa concepção de educação, a CUT busca construir um modelo de educação capaz de despertar nos trabalhadores outras necessidades, aquelas necessárias para o desenvolvimento do homem como um todo.

Assim, na concepção de educação integral há uma unidade entre escola e vida. Forma-se para pensar, para estudar, para governar ou controlar quem governa e, também, para trabalhar. Não há separação entre pensar e agir, porque quando o pensar é privado de realidade e o agir de sentido, ambos ficam sem significado. Essa oposição entre pensar e agir é expressa na elaboração coletiva dos educandos. Reproduzida a seguir.



Trabalho coletivo elaborado pelos educandos do Ensino Fundamental do núcleo de SP - CNTV.

A tecnologia

De acordo com a concepção de educação integral o avanço *tecnológico* deve ser capaz de transformar o trabalho numa experiência digna de ser vivida pelo trabalhador, não tendo como único fim o aumento do lucro.

Há um mito de que a *tecnologia* resolve todos os problemas da humanidade. Mas isto não é, necessariamente, verdadeiro: a história tem mostrado vários exemplos de destruição que resultaram da combinação *tecnologia/alienação*. E os benefícios do desenvolvimento tecnológico não têm sido distribuídos de maneira igualitária. Cada vez mais os resultados advindos de novas tecnologias são apropriados por um número cada vez menor de pessoas e, conseqüentemente, a maioria das pessoas não só fica à margem desses benefícios, mas também sofrendo as conseqüências dessa apropriação desigual.

No contexto atual, em que a supressão de postos de trabalho não se faz acompanhar pela abertura de outros postos de trabalho, o receio de perder o emprego ou o desejo de consegui-lo, faz com que os laços de solidariedade intraclasse sejam afrouxados, dificultando a solução dos problemas por meio da ação política.

Assim, mais que ter em vista preparar o trabalhador para o mercado de trabalho é preciso prepará-lo para o exercício da cidadania ativa por meio da qual poderá se perceber como ser histórico e social, capaz de compreender as determinações às quais está submetido, e assim, transformá-las.

Nesse momento em que muitas das atividades práticas se tornaram tão complexas e as ciências estão mais presentes no nosso cotidiano, a busca por educação e formação profissional ganhou uma urgência inaudita.

Para a grande maioria da população, o acesso à educação e à formação profissional é a única forma de garantir a própria sobrevivência.

Assim, ao lado da luta pela escola formal, que desenvolveria em cada indivíduo as bases de uma cultura geral, os trabalhadores passaram a reivindicar uma formação profissional que os preparasse para as transformações no mundo do trabalho. Se por um lado, reforçar a tese dominante de que a escolarização, complementada por alguma formação profissional confere "empregabilidade", é, no mínimo, aceitar as explicações simplistas que justificam o desemprego, por outro lado, é importante perceber que o espaço da educação profissional é também um espaço de construção de um projeto

contra-hegemônico, pois acreditamos que a efetiva democratização da educação só será possível com a efetiva democratização da sociedade.

O trabalhador

A partir dessas considerações e das trajetórias de vida e de trabalho dos sujeitos participantes do Programa – educandos e educadores – procuramos desencadear o debate, primeiramente problematizando o discurso da empregabilidade, já que muitos trabalhadores traziam um grande sentimento de culpa por não terem estudado e por isso, se consideravam os únicos responsáveis pela situação de desemprego, por não terem sido capazes de acompanhar as evoluções tecnológicas. Consequentemente, muitos apresentavam uma baixa auto-estima por estarem desempregados. Consideravam, ainda, que só por meio do trabalho obtinham dignidade. Esses sentimentos são expressos a seguir na elaboração de um educando.

O trabalho

O homem sem trabalho	Sem ele sofre a nação F
Na rapidez da evolução	altando em muitas mesas
Cansados, desempregados	À alimentação.
Ficam aguardando o pão.	O trabalho é fundamental
O homem empregado	Para a nossa precisão
Passa a ser cidadão	Com o trabalho torna-se
Com emprego	Digno o cidadão.
Ele passa a ter o pão	As máquinas dão aumento
Trazendo para seus filhos	De grande produção
Sua contribuição.	Ocupando a mão-de-obra
Quando o homem	De quem tem precisão
Tem trabalho	Aumentando o desemprego
Ele "é" cidadão	Da nossa população.
Faz milagre do salário	Esta nova tecnologia
Para garantir	Mexeu com muito cidadão
Sua sustentação.	Os grandes e poderosos
Sem trabalho e sem emprego	Também não tem sossego não
Não podemos viver não	Seus filhos são sequestrados
Com trabalho temos tudo	E tem que andar a seu lado

Um grande batalhão.	FHC ainda diz
Se a tecnologia veio para ajudar	Queremos cidadania.
Por que tem tanta gente	Nosso Presidente
Sem ter onde trabalhar?	Só vive em excursão
Pois a máquina ocupa espaço	Gastando nosso dinheiro
Não sei quem tem razão	Nas viagens de avião
Só sei que a tecnologia	Quando chega em outro
Mexeu com a nossa geração.	País Se apresenta na televisão
FHC diz ser homem de ação	Dizendo que o Brasil
Ele trouxe ao Brasil	Está em boa situação.
Muita privatização	Se o nosso Presidente
Onde deixou sem trabalho	Fosse um bom trabalhador
Grande parte da população.	Lutava pelo Brasil
Vivemos hoje uma época	Por seu povo com amor
De violência e correria	Pois o povo vem sofrendo
A maior parte do povo	Com tamanho dissabor.
Nem se quer tem moradia	

Produção Coletiva elaborada pelos educandos do Ensino Fundamental do núcleo São Bento do Una - PE - CNTSS.

Prosseguindo essa discussão sobre empregabilidade, entre os vários textos e imagens trabalhados, utilizamos o texto, reproduzido a seguir, em que se problematiza a idéia de qualificação.

Qualificação e requalificação: a serviço de quem?*

*Maristela M. Barbara***

O discurso de que as novas formas de produção exigem um trabalhador

* Extraído do texto Qualificação, Requalificação: Percepção e Sofrimento do Trabalhador. Revista *Psicologia, Ciência e Profissão*. Brasília. Vol. 19,1998.

** Maristela M. Barbara é integrante da Equipe Técnica Nacional do Programa Integração.

cada vez "mais instruído", "mais qualificado" e assim, "superior", é uma afirmação quase universalmente aceita na fala popular e acadêmica. Apesar de estes termos serem vagos e imprecisos, atualmente são utilizados como se houvesse consenso na compreensão do que significam.

O tempo necessário para um trabalhador aprender operar uma máquina sofisticada pode ser umas poucas semanas e o trabalhador passa a ser considerado mais qualificado que um outro trabalhador que possui outros saberes, construídos ao longo da vida, isto porque a valorização da qualificação está sempre atrelada às necessidades momentâneas do mercado, desta maneira, não traz qualquer garantia de emprego para o trabalhador que tenta acompanhar tais evoluções.

Esta definição cambiante do que é estar qualificado faz com que o trabalhador fique sem referência sobre o que é preciso fazer para garantir seu lugar. "O que se deixa aos trabalhadores é um conceito reinterpretado e dolorosamente inadequado de qualificação: uma habilidade específica, uma operação limitada e repetitiva, 'a velocidade como qualificação', ...hoje o trabalhador é considerado como possuindo uma 'qualificação' se ele ou ela desempenham funções que exigem uns poucos dias ou semanas de preparo" (Braverman, 1987, p.375).

O desemprego cresce em todas as faixas de escolaridade, entretanto, o discurso dominante prega que o desemprego é causado pela falta de qualificação (formal ou técnica) do trabalhador, vinculando assim o desemprego à escolaridade deficiente.

Acreditando nesse discurso, o trabalhador atribui a si a responsabilidade pela situação de desemprego, ou ameaça dele, e, passa a procurar em sua história de vida explicações para sua situação, considerando-se com estudo insuficiente, ou sem alguma habilidade específica.

"Nesse contexto, é possível perceber qual o trabalho específico do discurso ideológico: *realizar a lógica do poder fazendo com que as divisões e as diferenças apareçam como simples diversidade das condições de vida de cada um*" (Chauí, 1982, p.21).

O aperfeiçoamento do trabalhador é importante e necessário, pode ser condição primeira para qualquer trabalhador almejar disputar um posto de

trabalho, mas não é por si só suficiente para *acabar* com o desemprego e a exclusão social. O desemprego mais do que nunca faz parte da estrutura da forma capitalista, deixou de ser eventual ou expressão de uma crise conjuntural. O trabalhador com a responsabilidade de qualificar-se e, ao mesmo tempo, sem referência do que seja qualificação, quando demitido, ou diante da ameaça de demissão, sente-se culpado por não ter estudado mais, isto independentemente do quanto tenha estudado até então, e sofre. "São levados a se considerar indignos da sociedade, e sobretudo responsáveis pela sua própria situação, que julgam degradante (já que degrada) e até censurável. Eles se acusam daquilo de que são vítimas" (Forrester, 1997, p.11).

A verdadeira democratização do conhecimento permitirá que cada um possa analisar de forma mais crítica e ampla seus determinantes históricos/sociais, chegando assim a um maior grau de consciência de si mesmo. Podemos dizer que cada um, a partir daí, terá então, maior possibilidade de ação sobre o mundo e, assim, maior possibilidade de transformá-lo, pois: "Uma classe não pode existir na sociedade sem manifestar em algum grau uma consciência de si mesma como um grupo com problemas, interesses e expectativas comuns" (Braveman, 1987, p.36).

Sem uma análise que leve em conta que as relações de produção, são estas, mas poderão ser outras, o trabalhador sofre duas vezes: uma pelas privações materiais e, outra, por colocar-se como responsável por seu próprio desemprego.

Referências bibliográficas:

BRAVERMAN, H. *Trabalho e Capital Monopolista*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

CHAUÍ, M. *Cultura e Democracia*. São Paulo: Moderna, 1982.

FORRESTER, V. *O Honor Econômico*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

Os debates sobre qualificação foram retratados criticamente nas várias elaborações, com diversas formas de linguagem, como a produção a seguir, que foi usada em módulo posterior como ficha, possibilitando aos outros educandos prosseguirem a história.



Trabalho elaborado por Roziane dos Santos, educanda do Ensino Fundamental, ES - CONTRACS.

Com o objetivo de introduzir a discussão sobre os modelos de desenvolvimento construídos historicamente e sobre os impactos desses modelos na divisão social do trabalho e na saúde do trabalhador, por meio da manifestação de algumas doenças ocupacionais, sugerimos um fragmento do texto de Émile Zola, transcrito a seguir, no qual o autor retrata as péssimas condições a que os trabalhadores na extração de carvão estavam submetidos, no final do século XIX.

Germinal

Émile Zola

E, sob seus pés, continuavam as batidas cavas, obstinadas, das picaretas. Todos os companheiros estavam lá no fundo; ouvia-os seguindo-o a cada passo. Não era a mulher de Matheu sob aquele canteiro de beterrabas, curvada, com uma respiração que chegava até ele tão rouca, fazendo acompanhamento ao ruído do ventilador?

À esquerda, à direita, mais adiante, julgava reconhecer outros, sob os trigais, as cercas vivas, as árvores novas.

Agora, em pleno céu, o sol de abril brilhava em toda a sua glória, aquecendo a terra que germinava.

Do flanco nutriz brotava a vida, os rebentos desabrochavam em folhas verdes, os campos estremeciam com o brotar da relva. Por todos os lados as sementes cresciam, alongavam-se, furavam a planície, em seu caminho para o calor e a luz.

Um trasbordamento de seiva escorria sussurrante, o ruído dos germes expandia-se num grande beijo.

E ainda, cada vez mais distintamente, como se estivessem mais próximos da superfície, os companheiros cavavam. Aos raios chamejantes do astro rei, naquela manhã de juventude, era daquele rumor que o campo estava cheio.

Homens brotavam, um exército negro, vingador, que germinava lentamente nos sulcos da terra, crescendo para as colheitas do século futuro, cuja germinação não tardaria em fazer rebentar a terra.

Extraído do romance *Germinal* de Émile Zola. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.535.

A seguir um outro texto em que os educandos denunciam, ainda que de maneira poética, as condições de trabalho em que os trabalhadores do setor mineral ainda estão submetidos, um século depois de Zola, no final do século XX.

Minério, aço homem

Minas de belos vales,
Montanhas inesquecíveis,
Cidades de belas histórias,
Séculos de existência.
Há algo no ar que não encanta:
Barulho, poeira, poluição,
Homens a trabalhar,
Máquinas que cortam esse chão.
O verde, os pássaros, a natureza
Gritam sem cessar
Um gemido, um suspiro,
E o verde já não há.
No lugar, grandes empresas a
Explorar.
Exploram a vida,
Exploram o sangue,
Sugam a alma do trabalhador.
Saúde que não há,
Barulho, poeira, poluição,
Máquinas a trabalhar,
Ambiente intranquilo, segurança
que não há.
Buraco negro, cava sem vida,
Minério e homem preso no fundo,
Ao compasso com o mundo,
Grita a vida, destrói tudo
Esse tal centro do mundo.
Tamanha riqueza, o bem é aço,
Quem cava a pedra em explosão,
Homem e máquina tão sem verde,
Sobrevive e permanece
Na ilusão tão somente.
É um homem apenas um ser,
Faz de tudo, a vida acontecer
Sem segurança a trabalhar.

Trabalho elaborado por Gleison e Marlene, educandos do Ensino Médio do núcleo de Congonhas - MG - CNTSM.

Esses dois textos, *Germinal* e *Minério, aço homem*, tratam da relação do homem com a natureza e denunciam casos graves de trabalho insalubre. Assim, contribuíram para fomentar o debate sobre as condições de trabalho nos diversos ramos produtivos e a consequência dessas condições na saúde dos trabalhadores.

Certas atividades podem causar grande mal à saúde – especialmente para as crianças, causando grandes prejuízos ao seu desenvolvimento – decorrentes do contato com substâncias tóxicas ou a elevadas temperaturas, além da exposição ao ataque de insetos ou outros animais perigosos, como acontece nas colheitas ou na pesca, por exemplo. Já as atividades que obrigam a longa permanência em locais úmidos, como o garimpo, podem causar doenças de pele; outros fatores têm consequências na saúde mental dos trabalhadores e são provenientes da forma como o trabalho é organizado e da intensificação do trabalho, mas nem sempre são diagnosticadas imediatamente, pois só se manifestam ao longo do tempo.

A forma como o trabalho é organizado, aliado a uma política de implementação da qualidade total e de aumento da produtividade, tem produzido graves reflexos na saúde do trabalhador. Essa política contribui para a precarização do meio ambiente laboral e para o aparecimento de doenças, sejam elas causadas por agentes físicos ou pela forma de organização do trabalho. (CUT, 1999, p.71)

O quadro a seguir mostra alguns problemas observados em atividades com alto grau de insalubridade.

Atividade	Condições de trabalho	Riscos à saúde
Lavoura	Trabalho físico pesado. Exposição a agrotóxicos.	Danos às articulações, intoxicação, doenças respiratórias, convulsões, morte.

Garimpo	Exposição ao mercúrio utilizado para separar ouro de impurezas.	Problemas neurológicos, afetando a visão, audição, coordenação motora. Pode causar falência nos rins, coma e morte.
Carvoarias	Exposição à fumaça em ambientes fechados ou mal ventilados.	A presença de monóxido de carbono nesses ambientes pode causar intoxicações graves, levando a problemas cardíacos ou até mesmo a morte. Alguns tipos de madeira podem liberar outras substâncias tóxicas durante a queima.

A partir da tabela apresentada anteriormente foi sugerido aos educandos que a ampliasse por meio do levantamento de doenças mais recorrentes relacionadas ao trabalho na localidade/região ou no ramo produtivo.

Os debates e as reflexões a respeito das relações do homem com o meio ambiente possibilitaram a abordagem das estruturas que compõem o universo, isto é, inorgânica, orgânica e social, diferenciando-as uma das outras. Em relação a matéria inorgânica os educandos puderam pesquisar a composição de algumas delas e verificar as diferenças existentes entre estas e as matérias orgânicas. No que se refere as matérias orgânicas os educandos puderam problematizar os limites de intervenção do homem por meio da engenharia genética e dos transgênicos.

O homem, como ser natural, está submetido a leis naturais, depende da natureza para sobreviver. Mas, ao mesmo tempo, o homem não se confunde com a natureza, a sua existência não se dilui na natureza, pois, apesar de o homem estar submetido a determinações biológicas, por exemplo, não poder voar. No âmbito social é o próprio homem que cria, as suas determinações. Portanto, se o homem é quem cria, ele também é capaz de superar essas determinações.

Tanto o clássico romance de Émile Zola, *Germinal*, quanto o poema dos educandos de Minas Gerais, *Minério, aço homem*, tratam dessa relação do homem com a natureza, mas submetido as leis sociais, por meio da divisão social do trabalho, determinado pelo modelo de desenvolvimento.

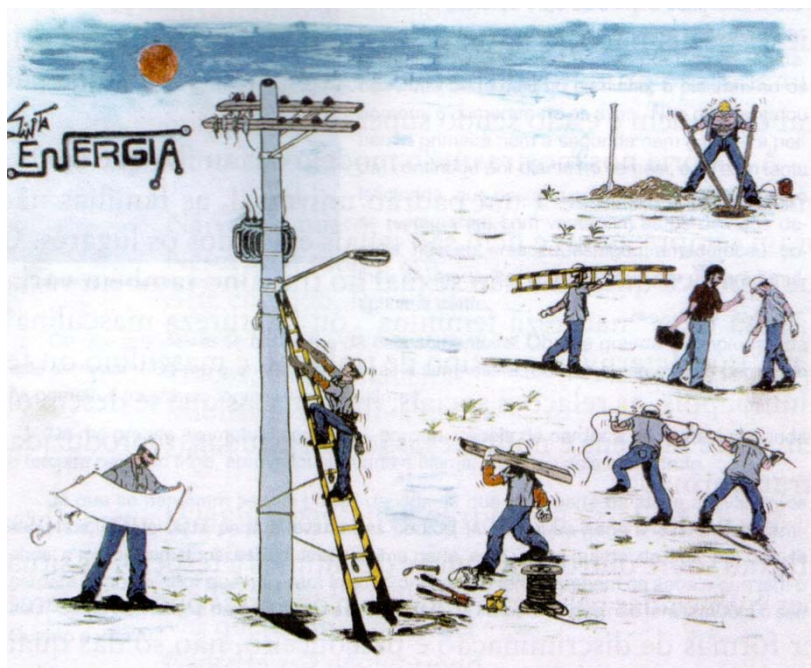
A análise crítica dos educandos sobre a forma de organização social aparece nas suas elaborações. Se por um lado, por meio do trabalho o homem constrói sua própria humanidade, por outro, por meio do trabalho alienado e opressor o homem é tratado como coisa: "*minério, aço homem*", "*minério e ho-*

mem preso no fundo", "homem e máquina tão sem verde". Um outro exemplo que mostra essa mesma percepção é a elaboração de uma educanda do setor da Construção Civil.

Este módulo foi mais fácil, real, porque nele veio a realidade da nossa vida, falando sobre desemprego e a tecnologia que está invadindo o mercado de trabalho, com isso os empresários exigem mais dos funcionários e o mesmo tem que ter atenção dobrada para evitar acidente de trabalho.

Os patrões querem que nós trabalhemos com mais rapidez para acompanhar a tecnologia, eles nos vêem como uma máquina sem respeitar o nosso descanso e até mesmo a nossa saúde e não nos dá uma segurança para trabalhar, segurança esta, que são os equipamentos necessários. (Trabalho elaborado por Solange Maria de Oliveira Moura Lemes, educanda do Ensino Fundamental - Serra - ES - CONTICOM.)

Nessa mesma perspectiva o educando Clodoaldo, mostra por meio de linguagem visual, toda a opressão em que a maioria dos trabalhadores estão submetidos.



Trabalho elaborado por Clodoaldo, educando do Ensino Médio - ES - FNU.

A partir do debate sobre a divisão social do trabalho aprofundamos a discussão sobre a origem da divisão sexual do trabalho e sobre o papel da mulher em nossa sociedade, e para entender de que maneira foram se constituindo papéis diferenciados para homens e mulheres em diferentes momentos históricos e em distintos lugares.

Compreendendo a origem dessas diferenciações e dos contextos que as produziram, os educandos perceberam que a criação do espaço feminino no trabalho capitalista e/ou no espaço doméstico, atendeu ao interesse do capital. Assim, as bases econômicas determinaram a forma de inserção da mulher no mercado de trabalho e em outros espaços.

Portanto, todas as relações de produção, todas as relações de troca, são mais facilmente compreendidas se percebermos qual o interesse que as está determinando. Dessa forma, perceber as reais forças que instituem a divisão do trabalho é o único caminho para perceber que a dominação e a opressão, de qualquer espécie, não são naturais e nem fazem parte da essência humana, são produtos da história, e como a história ainda não acabou podem e estão sendo superadas.

A história nos mostra que o modelo de família que conhecemos não obedece a um padrão universal, as famílias não foram sempre assim e nem são iguais em todos os lugares. O que significa que a divisão sexual do trabalho também varia. Não há uma "natureza feminina" ou "natureza masculina" inata, que determine que tipo de trabalho é masculino ou feminino, pois, as relações sociais, inclusive as que se desenvolvem entre homens e mulheres, são construídas, reproduzidas e transformadas.

Partindo dessa base histórico-material, ampliamos nossa reflexão sobre outros enfoques e discutimos a respeito de situações vivenciadas pelos educandos, em que esses puderam perceber formas de discriminação e preconceito, não só das quais foram vítimas, mas também em que reproduziram preconceitos. Utilizamos como estratégia pedagógica os ditados populares conhecidos do grupo.

Com o aprofundamento do tema Trabalho, os educandos perceberam a dimensão humanizadora do trabalho, diferenciando-a da relação mercadológica.

A seguir, um bom exemplo dessa percepção, é o texto elaborado pela educanda Marilene Rosa Santos Corrêa.

Artesão

Vivo a arte, pinto em festa
Desenho, tramas, faço em pedras,
Cinzas ao tempo, mostro a história
Sou mineiro, sou congonghas,
Sou a vida, sou a obra
Terra do barroco que exposto em tintas
Nas igrejas, casas, romanas
Arrastando em arraiolos
Na ladeira sobem e descem
Na serragem e formas e cores
Surgem tapetes
De criação em pura linha
Não me aquieto, posso tudo
Nesta vida tudo é arte
Arte em tudo, flora vida
Busco idéias, vêm sonhos
Traços, barro, madeira
Minhas mãos vão à obra
Dando vida à criação
Quanto somos, muitos sonhos,
Do eterno vagar
Há projetos, há caminhos
Ver quem sabe acontecer
Gente brava descobrindo
Artesãos que vencem o tempo

Trabalho elaborado pela educanda Marilene Rosa Santos Corrêa, educanda do Ensino Médio do núcleo de Congonghas - MG - CNTSM.

Por fim, o que as produções dos educandos expressaram, de maneira geral, é a compreensão de que a necessidade de controlar socialmente a natureza,

de utilizá-la, de apropriar-se dela ou dominá-la por meio do trabalho, desempenha o papel mais decisivo na história do *conhecimento* e da *técnica*, da mais simples atividade à mais complexa. Portanto, todo *conhecimento* organizado cientificamente é parte do acúmulo de experiências realizadas pelos homens a partir do constante ato de agir conscientemente sobre a natureza, segundo suas necessidades.

Mas, é necessário observar que as mudanças não ocorrem de forma constante e linear. Nesse sentido, o tempo histórico – que é uma dimensão do movimento – pode ser pensado como permanência e mudança. Temos, então, a noção de evolução e de revolução: a primeira refere-se às transformações ao longo do tempo cronológico, e a segunda a uma transformação rápida, uma mudança radical.

Há relações que mudam mais rápido e outras que levam mais tempo. Por isso, num mesmo período, podemos encontrar relações que correspondem a tempos diferentes. Assim, o tempo histórico – a duração – é síntese de tempos diferentes, aos quais chamamos temporalidades.

O poema *Canção do Tempo* da educanda Eudília Mendes e a música *Todo cambia* de Júlio Numhauser – uma das músicas utilizadas, juntamente com outros tipos de textos, na abordagem da língua espanhola – tratam das transformações, dos movimentos, tanto dos movimentos naturais, que são eternos e necessários, quanto históricos, que não são eternos, nem necessários (necessário aqui como sinônimo daquilo que não poderia ser de outra forma).

Entre as mudanças naturais e necessárias está o envelhecimento dos seres vivos, o nosso cabelo que será embranquecido com o passar dos anos, a muda de pelo dos animais. Na música, fala-se também dos pássaros que mudam seu ninho, e aqui, lembrando Marx, observamos que as mudanças no caso dos animais não são históricas, isso é, as experiências não se acumulam. Por mais elaborados que sejam o ninho do João-de-Barro e a colméia de abelhas, passados 300 anos, os ninhos e as colméias continuarão a serem feitos da mesma forma.

Portanto nós, os seres humanos, como seres naturais nascemos, vivemos e morremos; como seres históricos, mudamos o rumo da caminhada, de lugar onde viver, o lugar onde vivemos, o modo de amar, de amores e o modo de pensar a partir das mudanças históricas. E se as mudanças históricas alteram o

modo de pensar, a mudança no modo de pensar altera a nossa interferência no processo histórico, que altera novamente o nosso modo de pensar, que muda novamente...

Já, em relação ao movimento da Terra ao redor do Sol não podemos interferir, pois esses movimentos são naturais e necessários. Reproduzimos a seguir o poema *Canção do Tempo* e a letra da música *Todo cambia*.

Canção do tempo

O que fazer com o tempo?
 Com os anos, os meses,
 Os dias, as horas,
 Os minutos, os segundos?..
 Tudo vai passando, correndo, acelerado
 Jogo o laço para agarrá-lo,
 Para fazê-lo parar
 Mas sempre erro o alvo
 E ele sai a galopar
 O que fazer com o progresso?
 Que cresce disparado
 Sem saber onde chegar
 Vem atropelando tudo pelo caminho
 Enterrando vidas, costumes, hábitos, canções
 Tudo vai ficando esquecido
 Órfão sem pai, sem mãe
 Tudo fica para trás
 Já não temos tempo para nada
 O homem envelhece, fica os ossos
 A pele, os cabelos brancos, a solidão
 De sua história! Só lembranças!
 Em sua mente só saudade!
 Sem ter como buscá-la
 Mas a vida segue, tudo avança
 As matas cedem espaços para o progresso
 Aquele que chega sem pedir licença!
 Parece um rolo compressor

Alterando toda a vida
Que era pacata, mas vivida
Com verso, prosa, serenatas
O luar brilhava
Nas praças nascia o amor, o romantismo
As canções, as brincadeiras de roda
O pique-esconde, a amizade nos corações
Mas tudo é assim desde o início do mundo
Os dinossauros cedem lugar para o homem
A roupa velha dá espaço para uma nova
O velho dá espaço para um jovem
Até o pai ou a mãe às vezes é substituído
Pelo padrasto, ou madrasta
Que chega impondo, proibindo
Tomando seu espaço
A pintura velha é retocada
As canções substituídas
Até o tempo já não é mais o mesmo
As árvores já não florescem
E nem dão frutos no tempo certo
A chuva cada vez mais escassa
Cede espaço para o sol
A tecnologia cresce
Tudo muda
Pois que venha o progresso
Tomando espaço
Avançando sem parar
Atrás vamos nós, seguindo-o
Tentando alcançá-lo
Quando sentirmos cansados
Vamos ficar sentados
Na beira da estrada da vida
Recebendo a poeira do tempo
Murmurando as saudades
Esperando a nossa hora de chegar

Trabalho elaborado por Eudília Mendes, educanda do Ensino Médio do núcleo de Goiânia - GO
- FAZER.

Tudo cambia

Júlio Numhauser

Cambia lo superficial,
cambia también lo profundo,
cambia el modo de pensar,
cambia todo en este mundo.

Cambia el clima con los años,
cambia ei pasto y su rebano
y así como todo cambia,
que yo cambie no es extraño.

Cambia ei más fino brillante,
de mano en mano su brillo,
cambia el nido el pajarillo,
cambia el sentir un amante.

Cambia el rumbo el
caminante,
aunque esto le cause daño,
y así como todo cambia,
que yo cambie no es extraño.

Cambia, todo cambia,
cambia, todo cambia,
cambia, todo cambia,
cambia, todo cambia.

Cambia el sol en su carrera,
cuando la noche subsiste,
cambia la planta y se viste
de verde la primavera.

Cambia el pelaje la fiera,
cambia el cabello
el anciano,
y así como todo cambia,
que yo cambie no
es extraño.

Pero no cambia mi amor,
por más lejos que me
encuentre,
ni el recuerdo, ni el dolor
de mi pueblo y de
mi gente.

Lo que cambio ayer
tendrá que cambiar
manana,
así como cambio yo
en estas tierras lejanas.

4.1.3 Área: Comunicação, Cultura & Sociedade

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas "originais" significa também e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, "socializá-las" por assim dizer; transformá-las, portanto em base de ações vitais, em elementos de coordenação de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente de maneira unitária a realidade presente é fato "filosófico" bem mais importante e "original" do que a descoberta, por parte de um "gênio filosófico", de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais.

(Gramsci)

Introdução

A abordagem da área *Comunicação, Cultura & Sociedade* teve como objetivo geral a discussão sobre as relações entre Trabalho, Cultura e Sociedade. Privilegiamos a perspectiva histórica problematizando questões contemporâneas como, por exemplo, a influência dos meios de comunicação na construção do pensamento hegemônico e a materialização desse pensamento em questões relativas a educação e qualificação profissional por meio do discurso da "empregabilidade" e da "competências", entre outros aspectos.

Discutiu-se, ainda, sobre as relações de gênero, raça e etnia e sobre os valores e práticas dominantes que permeiam a lógica do consumo. Esses debates, acerca das diferentes visões sobre a diversidade cultural, permitiram que se incorporasse a riqueza das expressões culturais de cada localidade ou região para servirem como mote no aprofundamento das discussões.

A abordagem dessa área proporcionou também uma oportunidade de contato com diversas formas de produções artísticas e com movimentos culturais de diferentes períodos da história.

No estudo da língua espanhola, procurou-se, por meio da análise dos aspectos socioculturais, políticos, econômicos, mostrar porque esses aspectos tornam próprio falar de uma unidade chamada América Latina.

Durante o desenvolvimento metodológico buscou-se, todo o tempo, promover a reflexão sobre a formação ser um processo relacionai entre o indivíduo, a natureza e a cultura, no qual não existem determinações definitivas, mas sim processos e correlações, sendo que a própria relação do homem consigo mesmo - a construção de sua subjetividade - só é possível pela relação que estabelece com os outros homens. Essa relação é histórica, isso é, transforma-se transformando o próprio homem, alterando, inclusive, as suas necessidades. Assim, o homem não é meramente o produto reflexo do meio. "*O homem é um processo, precisamente o processo dos seus atos*" (Gramsci). Esse processo de desenvolvimento cultural pode ser constante e ilimitado. Ou seja, enquanto o animal busca uma adaptação à situação imediata, o homem, ao contrário, cria novas condições ao mediar com as situações concretas que emergem no processo de sua vida social. Intervém na natureza, distanciando-se dela, pela experiência vivida, organizando-a em uma outra totalidade.

Assim, cultura é, ao mesmo tempo, a expressão de uma determinada forma de organização social e também reprodutora dessa mesma forma ou mesmo de sua ruptura. Então, a cultura traz, em germe, a possibilidade da mudança e da transformação.

Portanto, é das relações sociais que precisamos partir para compreender o quê, como e por que os homens agem e pensam de determinada maneira. Trata-se de compreender a própria origem das relações sociais, de encará-las como processos históricos. Ou seja, em diferentes momentos históricos a produção da existência e, por decorrência, do conhecimento, processou-se de diferentes formas e meios, sempre com base nas condições objetivas de cada contexto.

Dessa maneira, no desenvolvimento metodológico buscou-se, a partir dos conhecimentos acumulados pelos educandos, os vínculos entre os conhecimentos de cada um e os conhecimentos socialmente acumulados na história, considerando que o processo de formação humana pressupõe o desenvolvimento do indivíduo como particularidade e como generalidade, ou seja, como uma individualidade social.

Assim, o processo educativo proposto pressupõe a apropriação da cultura, entendendo-a como tudo aquilo que o ser humano elabora na reprodução

da sua existência e de sua própria humanidade: crenças, valores, conhecimento, ciência, tecnologia, filosofia, arte, etc.

Cultura é compreendida, portanto, como o modo pelo qual os sujeitos individuais e coletivos concebem o real e o representam e nele se reconhecem e se situam. Nesse sentido, cultura se identificaria com a própria práxis social: o indivíduo é, ao mesmo tempo, uma pessoa única, voltada para sua auto-afirmação e para a objetivação de suas forças subjetivas, é um ser social, já que sua individualidade é constituída socialmente, fundada em valores e experiências coletivas.

Trabalho e cultura

Nas diversas abordagens realizadas na área *Comunicação, Cultura & Sociedade* foram utilizadas fichas geradoras de debates com diversas linguagens: crônicas, poemas, letras de música, artigos de jornal, textos teóricos, entre outras. Essas linguagens poderão ser observadas nas propostas metodológicas e nas produções que apresentamos a seguir. As produções dos educandos nos permitem apreender tanto a dimensão dos debates e das reflexões realizadas, como também perceber o processo ativo de participação e criação promovido pelos educandos.

Na retomada das discussões em torno da Qualificação Profissional, temática abordada na área *Conhecimento & Tecnologia*, foram propostas como fichas geradoras de debates algumas charges, dentre elas a que segue:



Nessa oportunidade, foi estimulada a interpretação crítica de imagens. Dos debates realizados sobre a questão da Qualificação Profissional, socializamos a seguir alguns depoimentos de educandos do Ensino Fundamental do núcleo Telêmaco Borba - PR - CONTAC.

Falo da sociedade contemporânea me dirigindo a relação de trabalho entre as pessoas. Hoje nos encontramos em um mundo industrial que cobra cada vez mais de seus funcionários, funcionários estes que vivem em concorrência uns para com os outros, aqui me refiro às indústrias, mas se formos fazer uma análise geral do mercado de trabalho brasileiro a situação se torna ainda mais crítica, pois nos dias atuais as pessoas pararam de lutar por melhores salários para lutar pelos seus empregos ou para conseguir um emprego. (Osni Pereira)

As empresas vem se modernizando progressivamente visando o lucro, e preocupados com suas concorrentes, que na maioria das vezes são multinacionais. Cobram qualificação profissional de seus funcionários, mas sabemos que qualificação profissional não é garantia de trabalho permanente, se assim fosse não teríamos pessoas com curso superior desempregadas. (Anatael Alves Camargo)

A terceirização vem aumentando assustadoramente, e quem perde com isso é o trabalhador que deixa de receber direitos trabalhistas, trabalhando só para comer enquanto isso os grandes proprietários estão ampliando suas indústrias e acumulando capital. (Antônio Prestes Fernandes)

A partir desses trabalhos/depoimentos é possível verificar que as análises realizadas mostram a percepção crítica diante das transformações no mundo do trabalho no qual são enfatizadas as perdas que os trabalhadores sofrem, não somente no que diz respeito aos salários, mas também com relação às condições gerais de trabalho, incluindo os direitos trabalhistas, fatos esses que têm implicação na organização coletiva dos trabalhadores.

Problematizou-se as estratégias lançadas pelas empresas que passam a exigir um novo perfil de trabalhador, incentivando a disputa entre os próprios trabalhadores. Coloca-se a situação de desemprego como decorrência da falta de Qualificação Profissional dos Trabalhadores. Essa visão está muito presente nos veículos de comunicação, criando consensos na sociedade sobre a relação direta entre desemprego e falta de qualificação profissional. As discussões sobre esse tema possibilitaram também a oportunidade para que pudéssemos analisar, criticamente, outros pensamentos hegemônicos.

Cultura, história e identidade

Para dar continuidade às discussões sobre a construção da cultura nas dimensões individuais, coletivas e históricas, abordamos questões referentes à linguagem como elemento de identidade cultural. A destruição da cultura indígena no Brasil, por exemplo, foi abordada a partir da reflexão sobre o processo ocorrido ao longo de toda a história do País desde a colonização, período no qual observou-se o desaparecimento de línguas que comportavam a experiência cultural particular desses povos. Retomou-se, dessa maneira, aspectos, formas e conseqüências da história do Brasil do ponto de vista dessas populações.

A questão indígena, no entanto, foi discutida numa dimensão histórica mais ampla do que aquela que define a história brasileira ou mesmo a americana em geral, pois a história desses povos é apenas mais uma representação concreta do embate entre dois tipos de civilizações.

As reflexões sobre a Cultura e a História se expressam na produção do educando Paulo José Gomes, conforme segue:

A Linguagem

A linguagem desempenha um papel muito importante na história da humanidade pois ela é o principal instrumento de transmissão do conhecimento e conseqüentemente a continuidade cultural. Não apenas isso, mas também agrega povos no conjunto, de acordo com seu idioma ou dialeto, no intuito de parlamentar o mesmo interesse comum. Além do mais sem a comunicação em forma de linguagem, seria impossível a transmissão de valores éticos e sociais de pai para filhos, que tem como objetivo preparar, integrar o mesmo na sociedade e de "perpetuar-se" numa cultura.

Estas culturas diferem umas das outras, de acordo com suas origens, lugares e pessoas. Uma mais ricas, outras mais pobres, umas complexas outras clássicas ou popular, mas todas integradas uma na outra voltadas para comunicação. É por isso que existe tanta diversidade cultural universal, por ser ela mesma resultante da miscigenação cultural.

"Essa miscigenação promove a padronização crescente de visões de mundo, que neutralizam conflitos e as leis do mercado".

Essas leis que são estendidas a toda e qualquer atividade humana, incluindo a área e as atividades culturais de modo geral numa sociedade. A sociedade é histórica, ou seja, para ela as transformações são constantes e velozes, causadas pelas lutas e pelas divisões internas. Diz-se então, que uma sociedade é histórica quando para ela, ter uma história e estar no tempo, tendo um problema, uma indagação constante que ela não pára de responder.

Uma comunidade baseia-se em mitos fundadores ou narrativas sobre sua origem e sobre o que nela aconteceu, acontece e acontecerá. "Os mitos capturam o tempo e apresentam explicações satisfatórias para todos sobre o presente, passado e futuro." Porém, numa sociedade cada classe social, procura explicar a sua origem, suas mudanças e conseqüentemente suas contradições para o surgimento de novas formas e de grandes transformações sociais. A exemplo: os grupos dominantes narram a história da sociedade de um modo, é o oposto a narrativa dos grupos dominados.

Trabalho elaborado por Paulo José Gomes, educando do Ensino Médio do núcleo de Recife - PE - FENADADOS.

Outra questão discutida foi a relação entre alimentação e cultura, ou seja: o que se come e a forma como se prepara os alimentos é histórica e cultural. Os homens servem-se dos produtos naturais da região e criam uma culinária própria; isso quer dizer que os grupos humanos, ao longo da história, satisfazem sua necessidade natural de alimentação explorando as capacidades naturais (a natureza), transformando os produtos naturais de uma região na base da alimentação dos grupos que ali vivem. Mas a forma de prepará-los e de servir os alimentos variam de tempos em tempos, e de grupo para grupo, assim como os hábitos alimentares. Isso significa que a alimentação é um processo cultural, que dependendo das culturas (conjunto de práticas e de valores), os mesmos ingredientes são combinados de formas diferentes. Nessa oportunidade, cada um pôde resgatar pratos típicos e hábitos alimentares conhecidos e praticados, incorporando esses conhecimentos às discussões sobre a identidade cultural e a história.

O objetivo central dessa discussão foi analisar as influências econômicas e culturais sobre as práticas cotidianas. Por exemplo, percebemos grandes mudanças nas práticas alimentares na Modernidade. A globalização e a

tecnologia impuseram ritmos diferentes para a produção e preparo dos alimentos e para o ritmo das refeições, além de interferirem na própria escolha do que é consumido.

No Brasil contemporâneo, uma pesquisa observa mudanças de hábitos que se expressam no declínio da comida regional e na homogeneização da dieta.

Muitas vezes, a alteração da dieta implica num empobrecimento da mesma, provocando doenças decorrentes do desequilíbrio nutricional como osteoporose e anemia, por exemplo. Essas alterações na dieta são incentivadas porque os alimentos são, na sociedade capitalista, mais que necessidades humanas, mercadorias, e como tais participam do mercado de produção e de consumo, pois ao serem industrializados e comercializados geram lucro e acúmulo de riquezas.

Essa tentativa de padronização das dietas trouxe consigo uma rede de relações socioeconômicas transformando e racionalizando o trabalho – da mesma maneira que ocorre em outros setores da economia –, pois as empresas de *fastfood*, por exemplo, utilizam o sistema de produção em cadeia: equipe reduzida, com baixa escolarização e sem formação técnica, recebendo baixos salários e seguindo procedimentos de produção cada vez mais padronizados, inclusive no atendimento cara a cara que deixou de ser pessoal e tornou-se automático e padrão.

Esses debates propiciaram a realização de pesquisas nas quais se resgatou aspectos das culturas regionais ou locais gerando reflexões sobre a questão da identidade cultural. Exemplo disso estão nas produções de educandos que apresentamos a seguir:

Ver-o-Peso

Em 1688, por solicitação da Câmara de Belém, uma provisão-Régia cria o Ver-o-Peso.

Criado com o objetivo fiscal, foi a partir de então que o Porto do Piri passou a se chamar o "lugar de Ver-o-Peso", onde os portugueses tinham que ver o peso das mercadorias que saíam e chegavam na Amazônia... (entrando para a "economia formal"), nome que a tradição oral, há quase 400 anos, soube preservar. Local de grande rebuliço popular, o conjunto do porto e

mercado e feira do Ver-o-Peso adquiriu, para sempre, um lugar definitivo no espaço social, econômico e simbólico da cidade de Belém.

É um dos mais conhecidos cartões postais do Pará e sua estrutura de ferro foi *trazida* de navio de Londres e Nova York. O complexo do Ver-o-Peso ocupa cerca de 26 mil metros quadrados e abriga 2000 barracas, destacando-se o mercado de peixe que completou 100 anos, em 16 de setembro. O complexo é formado ainda pela Praça do Relógio e o Solar da beira, construção em estilo neoclássico. Fica situado na Boulevard Castilhos França, bairro do Comércio.

A maior riqueza do Ver-o-Peso está contida no enorme lastro de memória intangível, viva, que pode ser ali encontrado, e que reflete toda a densidade histórica e cultural que o povo cria e recria permanentemente. Inspiração de escritores brasileiros ou viajantes que por aqui passaram e retrataram, nas mais diversas cores, por artistas plásticos, o Ver-o-Peso há muito deixou de ser apenas um porto e uma feira livre, na qual se negocia toda espécie de produtos comestíveis, de vestuário, artesanato, ervas, etc... para solidificar-se cada dia mais como um importante museu vivo de práticas culturais, no qual o imaginário amazônico se reproduz e se perpetua. Podemos afirmar, dessa forma, que o Ver-o-Peso é também e, sobretudo um mercado de bens simbólicos que alimenta a alma e o espírito de uma cidade que é a capital mais antiga da Amazônia, e que lhe confere um rosto único, um elo com o rio e a floresta, que a diferencia das outras capitais brasileiras.

Ao longo de todo século XVIII, o Ver-o-Peso assistiu aos principais eventos e acompanhou as mudanças urbanísticas que a cidade sofria, em seu crescimento para a outra margem do igarapé do Piri. A conformação cultural do mercado foi sendo impregnada pelas gentes que chegavam: escravos indígenas dos sertões amazônicos do rio Negro, Jaourá, Solimões e Madeira, negros de Angola e Benguela, colonos portugueses vindos da África e da Metrópole. Comerciantes de escravos e drogas do sertão, missionários, cientistas e militares.

A língua Geral ou Nheengatu, ensinada pelos missionários era *falada* por todos. No Ver-o-Peso, ainda neste século, aportaram no Grão Pará as primeiras mudas de café vindas de Cayena pelas mãos de Francisco de Melo Palheta, as quais mais tarde mudariam a economia e a história do Brasil.

Ali aportou o cientista Charles Marie de la Condamine, quando veio à Amazônia em 1749 fazer as primeiras medições da circunferência terrestre.

Dali embarcou, em 1783, Alexandre Rodrigues Ferreira para a primeira expedição científica luso-brasileira à Amazônia, que duraria 10 anos e reuniu grande coleção zoológica e etnográfica, além de rica iconografia hoje guardada na Biblioteca Nacional.

No início do século XIX, no governo do Conde dos Arcos, o igarapé do Piri foi aterrado para atender aos avanços urbanísticos da Belém que crescia, mas a antiga foz do igarapé foi transformada numa doca tal como existe até hoje, mantendo-se ali as atividades do Ver-o-Peso. Mais tarde, já no final do século, a imagem da baía do Guajará foi aterrada, transformando a paisagem do Ver-o-Peso. Saem os velhos trapiches de madeira e a praia e entram as docas de pedra de lioz.

Ao longo do século XIX, muito da história política, econômica e social de Belém continua passando pelo Ver-o-Peso. Em 1835, quando estourou a maior revolução social da região, a Cabanagem. Foi ali que os cabanos aportaram antes de cruzar o caminho até o Palácio para assassinar o Governador Lobo de Souza e ocupar o poder.

Foi dali também que exportaram os primeiros carregamentos de borracha da Amazônia que mudariam, em plena revolução industrial, a história de pneumáticos. As sementes de seringueira levadas para a Malásia, que provocariam mais tarde o colapso da economia do látex, também saíram dali do Ver-o-Peso. Atraídos pelo dinheiro da borracha, imigrantes sírios, libaneses, italianos e judeus marroquinos incorporaram-se, com seus comércios, à múltipla paisagem humana do Ver-o-Peso.

Ainda no início do século XIX, no auge de riqueza da época da borracha, a paisagem do Ver-o-Peso sofreu novas mudanças: construção de um mercado na margem da baía, pré-fabricado em ferro trazido da Inglaterra, ampliação do antigo mercado de carne situado nas proximidades, ampliação do aterramento da baía e construção do porto pelos ingleses, além de outras construções seguindo um padrão arquitetônico europeu, de estilo eclético.

Como vimos o Porto do Piri, hoje conhecido como complexo do Vero-Peso, uns dos cartões-postais mais importantes do Pará.

Identidade

Em tempos outrora	Temos as mãos calejadas
Crianças foram sem infante	Das lutas cotidianas
Pois fizemo-nos homens temporão	Assim, fazemos parte do povo
No ardor do labutar	Que na nossa unidade
A esperança foi o guia	Temos a diversidade
Da busca de conquistar	De ser igual e diferente
O que é nosso de direito	Feira menina/mulher
Trabalho, dignidade, respeito	Em teu seio
Ao alcance das mãos	Encontramos aconchego
Pelas estradas percorridas	E não mais te deixamos
Mesmo havendo	Aqui o velho encontrou o novo
Dificuldades e fadiga	Mas se a modernidade chegou
Vimos de outras redondezas	Tua resistência não
Somos irmãos nordestinos	Em conversar
Consanguíneos	Na sua natureza
Alguns tão parecidos	A beleza sertaneja
Às vezes confundidos	De ser a princesa

Trabalho coletivo dos educandos do Ensino Fundamental do núcleo de Feira de Santana - BA - CNQ.

Arte e relações sociais

A análise das obras de arte, produzidas em regiões e épocas diversas, foi bastante interessante para a abordagem das expressões de diferentes culturas, trazendo vários signos nos seus sistemas culturais particulares, inserindo as obras de arte como expressão da historicidade da cultura: *"...a arte, no sentido antológico, é uma reprodução do processo mediante o qual o homem compreende a própria vida, na sociedade e na natureza, como vida que se refere a ele mesmo, com todos os problemas e com todos os princípios vantajosos e todos os obstáculos, etc., que a determinam."* (Lukács in Holz, 1969, p.29).

Procurou-se, no processo de ensino-aprendizagem, exercitar a observação e a descrição, além de se estimular a pesquisa e a análise histórica a partir das produções artísticas e movimentos culturais de diferentes épocas.

Essa abordagem foi desencadeada a partir das produções dos educandos Ana Conte e Luís Antônio de Oliveira, extraídas da sistematização do processo de ensino-aprendizagem, sendo incorporadas como fichas geradoras de debates, conforme reprodução a seguir:

Miséria e Fome

Escrevo esta poesia	Se não existisse a fome.
Com dor que me consome	Tem perfume nas flores,
Em ver em nosso Brasil	Tem alegria, amor e
Tanta gente passando fome.	esperanças
Sendo o Brasil um país rico,	Mas também tem muita
Existe bastante culturas e	miséria,
idéias,	Que maltrata nossas crianças.
Mesmo com tanta riqueza	Vejo na humanidade,
Existe muita pobreza e miséria.	Muita união e amizade;
Eu falo nessa poesia	Mas vejo fome e miséria
De crianças, mulheres e homens,	Que é uma grande maldade.
Falaria com mais alegria	

Trabalho elaborado por Ana Conte, educanda do Ensino Fundamental do núcleo de Carambeí - PR - CONTAC.



Trabalho elaborado por Luís Antônio de Oliveira, educando do Ensino Fundamental do núcleo de Jundiá - SP - CONTAC.

Além disso, socializamos diversas obras de arte em outras fichas geradoras de debate como: *Pinturas* de Matisse, "Harmonia em Vermelho", de 1908-1909; Eduard

Manet, "O tocador de Pífaros", de 1866; Leonardo da Vinci, "Monalisa"; Jan Vermeer, "A Carta", de 1666; os muralistas mexicanos; etc. *Músicas* de Violeta Parra, Chico Buarque, Gonzaguinha, Elomar, entre outros. *Poemas* de Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Cecília Meirelles, Mário Quintana, Paulo Leminski, Cora Coralina, entre outros.

Nessa abordagem foi trabalhado o caráter universal das obras*de arte, porém, ressaltando-se que o considerado *belo* e *bom* para ser apreciado varia no tempo e também de cultura para cultura. Isso quer dizer que, um documento da cultura, como uma obra de arte, registra valores e formas de expressão do seu tempo.

Para aprofundar a temática sobre expressões artísticas estimulamos os educandos a pesquisarem sobre obras e artistas brasileiros, incluindo o artesanato de artistas anônimos (com caráter local e tradicional) analisando as questões culturais que estão presentes no conceito de arte que essas obras expressam. Ou seja, as obras de arte – ou aquelas produções tradicionalmente assim consideradas – são parte da cultura. Elas expressam e representam as sociedades nas quais foram produzidas, mas o fazem de maneira particular. Podemos encontrar obras que retratam cenas do cotidiano dessas sociedades, mas também encontramos o que seus autores e observadores gostariam de ver representado. As obras comunicam idéias e cumprem funções variadas no tempo e no espaço.

Observamos que cada sociedade em cada tempo enfatiza, por meio da sua produção cultural e artística, os aspectos do mundo que valoriza. Esses aspectos estão intrinsecamente ligados aos interesses dos autores e dos seus "patrocinadores", ou melhor, das funções que essas obras cumpriam no contexto no qual foram produzidas. Assim, percebemos que os temas, as formas e as técnicas de composição são indícios para reconhecermos a que períodos pertencem certas obras. Por outro lado, existem as expectativas dos observadores, daquele público para o qual o artista produz as suas obras.

A seguir, produções artísticas dos educandos que remetem as percepções de mundo dos seus autores e com diferentes formas de expressá-las.

Fome

Eu sou aquela que venho infiltrando-me e devastando, todos os países, tanto os ditos desenvolvidos ou não. Sou quem apesar de saciada de forma física sempre me faço presente de alguma outra forma, pois tenho várias formas.

Há momentos em que alguns conseguem me enganar com alguma droga entorpecente, e aí eu volto com maior intensidade para lembrá-lo que dela sou senhor.

Às vezes os levo a fazerem muitas coisas, que não fariam se estivessem saciados de mim, em meu nome os menores de rua roubam, e até matam e ainda assim eu continuo ali, atormentando-os, pois são eles minhas vítimas mais fáceis.

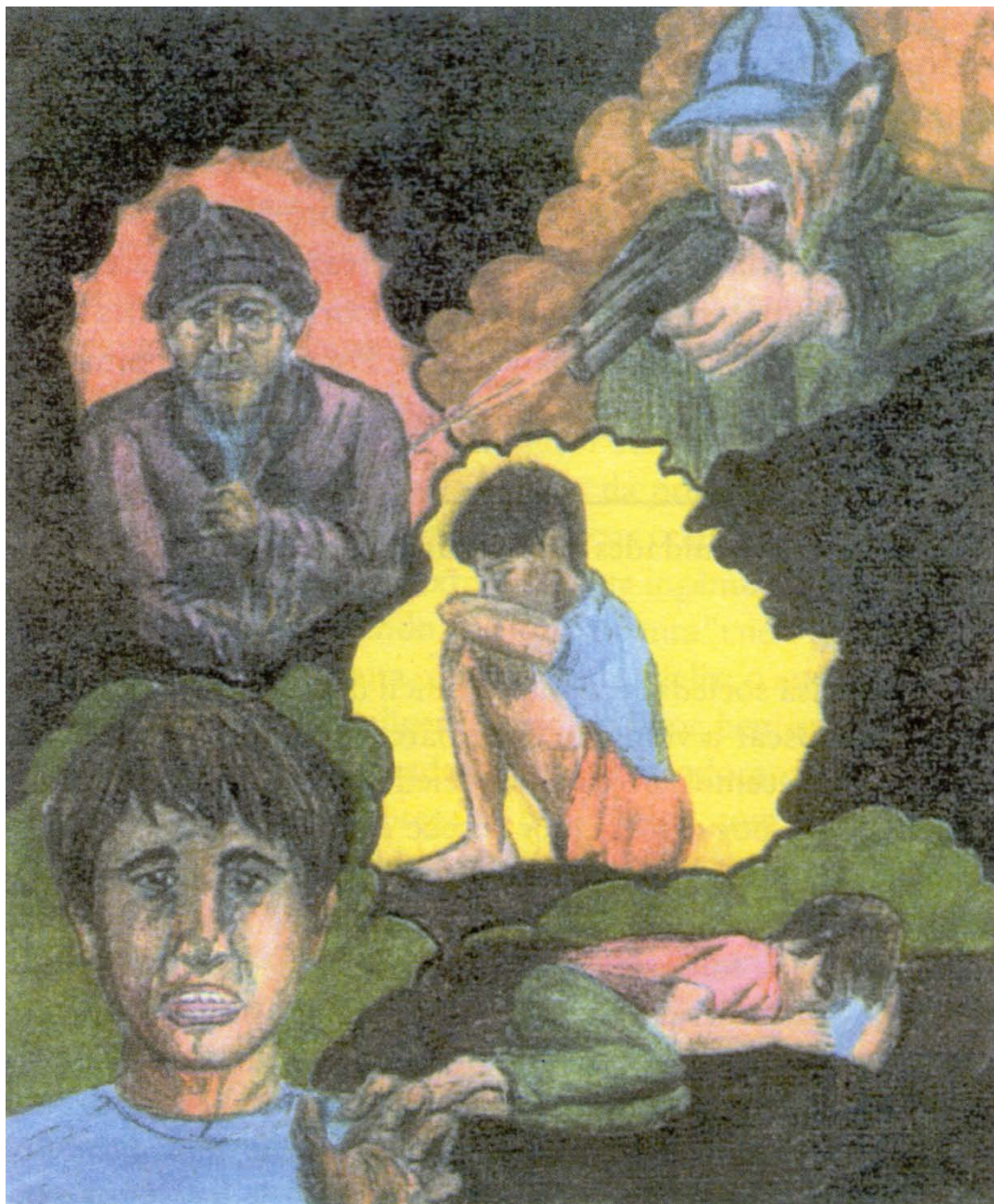
Eu os acordo pela manhã e permaneço com eles durante dias e noites inteiras, porque sou constante entre eles.

Os saciados de mim, me usam para dominar os que não conseguem me saciar.

Agora mesmo, neste exato momento, estou presente embaixo dos viadutos, nas favelas, nos morros, nas ruas enfim, em todos os lugares onde meus aliados, os políticos inescrupulosos me fazem estar, pois eles dependem de mim para enganar, iludir, seduzir os menos favorecidos.

Mas eu não sou só ausência de comida. Eu também sou educação, saúde, justiça, e mais eu me faço presente para muitos e de todas as formas possíveis.

Também sou a ausência de amor, de alegria, paz, felicidade, dinheiro, prazer, enfim eu existo e estarei sempre presente desafiando a todos, e a todo momento, pois sou a Fome!



Trabalho elaborado por Jorge Gomes Cayres, educando do Ensino Fundamental do núcleo de SP - CONTAC.

Comunicação e sociedade

Outro aspecto destacado em relação à cultura e à linguagem foi a análise das formas de comunicação existentes. Propusemos que se começasse essa análise a partir da reflexão sobre as diferenças entre informação e conhecimento, tendo como mote a problematização dos meios de comunicação de massa.

Para desencadear a discussão sobre a neutralidade ou não das fontes de informação, abordamos alguns conceitos básicos da comunicação tendo como foco a análise de notícias, buscando identificar quem fala, com que intenção se fala, de onde se fala e para quem se fala.

Ressaltou-se a importância da confrontação de idéias e informações: as várias visões e versões sobre o mesmo assunto. Foram solicitadas diversas pesquisas trazendo uma complementação de materiais, por meio de recortes de jornais locais, análises de programas televisivos, etc. Foi sugerida como ficha geradora de debates, o texto de Marilena Chauí, que segue:

Dificuldades para a busca da verdade

Marilena Chauí

Em nossa sociedade, é muito difícil despertar nas pessoas o desejo de buscar a verdade. Pode parecer paradoxal que assim seja, pois parecemos viver numa sociedade que acredita nas ciências, que luta por escolas, que recebe durante 24 horas diárias informações vindas de jornais, rádios e televisões, que possui editoras, livrarias, bibliotecas, museus, salas de cinema e de teatro, vídeos, fotografias e computadores.

Ora, é justamente essa enorme quantidade de veículos e formas de informação que acaba tornando tão difícil a busca da verdade, pois todo mundo acredita que está recebendo, de modos variados e diferentes, informações científicas, filosóficas, políticas, artísticas e que tais informações são verdadeiras, sobretudo porque tal quantidade informativa ultrapassa a experiência vivida pelas pessoas, que, por isso, não têm meios para avaliar o que recebem.

Bastaria, no entanto, que uma mesma pessoa, durante uma semana, lesse de manhã quatro jornais diferentes e ouvisse três noticiários de rádio diferentes; à tarde, frequentasse duas escolas diferentes, onde os mesmos cursos estariam sendo ministrados; e, à noite, visse os noticiários de quatro canais diferentes de televisão, para que, comparando todas as informações recebidas, descobrisse que elas "não batem" umas com as outras, que há vários "mundos" e várias "sociedades" diferentes, dependendo da fonte de informação.

Uma experiência como essa criaria perplexidade, dúvida e incerteza. Mas as

peças não fazem ou não podem fazer tal experiência e por isso não percebem que, em lugar de receber informações, estão sendo desinformadas. E, sobretudo, como há outras pessoas (o jornalista, o radialista, o professor, o médico, o policial, o repórter) dizendo a elas o que devem saber, o que podem saber, o que podem e devem fazer ou sentir, confiando na palavra desses "emissores de mensagens", as pessoas se sentem seguras e confiantes, e não há incerteza porque há ignorância.

Uma outra dificuldade para fazer surgir o desejo da busca da verdade, em nossa sociedade, vem da propaganda.

A propaganda trata todas as pessoas crianças, jovens, adultos, idosos como crianças extremamente ingênuas e crédulas. O mundo é sempre um mundo "de faz-de-conta": nele a margarina fresca faz a família bonita, alegre, unida e feliz; o automóvel faz o homem confiante, inteligente, belo, sedutor, bem-sucedido nos negócios, cheio de namoradas lindas; o desodorante faz a moça bonita, atraente, bem empregada, bem vestida, com um belo apartamento e lindos namorados; o cigarro leva as pessoas para belíssimas paisagens exóticas, cheias de aventura e de negócios coroados de sucesso que terminam com lindos jantares à luz de velas.

A propaganda nunca vende um produto dizendo o que ele é e para que serve. Ela vende o produto rodeando-o de magias, belezas, dando-lhe qualidades que são de outras coisas (a criança saudável, o jovem bonito, o adulto inteligente, o idoso feliz, a casa agradável etc.), produzindo um eterno "faz-de-conta".

Uma outra dificuldade para o desejo da busca da verdade vem da atitude dos políticos nos quais as pessoas confiam, ouvindo seus programas, suas propostas, seus projetos enfim, dando-lhes o voto e vendo-se, depois, ludibriadas, não só porque não são cumpridas as promessas, mas também porque há corrupção, mau uso do dinheiro público, crescimento das desigualdades e das injustiças, da miséria e da violência.

Em vista disso, a tendência das pessoas é julgar que é impossível a verdade na política, passando a desconfiar do valor e da necessidade da democracia e aceitando "vender" seu voto por alguma vantagem imediata e pessoal, ou caem na descrença e no ceticismo.

No entanto, essas dificuldades podem ter o efeito oposto, isto é, suscitar em muitas pessoas dúvidas, incertezas, desconfianças e desilusões que as façam desejar conhecer a realidade, a sociedade, a ciência, as artes, a política. Muitos começam a não aceitar o que lhes é dito. Muitos começam a não acreditar no que lhes é mostrado.

E, como Sócrates em Atenas, começam a fazer perguntas, a indagar sobre fatos e pessoas, coisas e situações, a exigir explicações, a exigir liberdade de pensamento e de conhecimento.

Para essas pessoas, surge o desejo e a necessidade da busca da verdade. Essa busca nasce não só da dúvida e da incerteza, nasce também da ação deliberada contra os preconceitos, contra as idéias e opiniões estabelecidas, contra crenças que paralisam a capacidade de pensar e de agir livremente.

Texto extraído do livro: *Convite à Filosofia*. Marilena Chauí. São Paulo: Editora Ática, 1994.

Buscou-se, assim, enumerar diferentes mazelas sociais que poderiam ser minimizadas, ou até completamente eliminadas, caso tivéssemos um acesso democrático às informações, bem como um preparo generalizado para compreender, criticamente, o mundo.

Dentre os debates sobre o papel da mídia na sociedade, como um agente da manutenção das idéias dominantes, incorporaram-se questões sobre gênero, raça e etnia, sobre a lógica do consumo, sobre a violência, além dos temas colocados pelos grupos de educandos e educadores.

Nas fichas geradoras de debates e nas abordagens metodológicas como um todo, abordamos a área Comunicação, Cultura e Sociedade considerando a relação dialética entre a humanidade e sua cultura. Relação que não é, portanto, de exterioridade, mas de complementaridade e de conflito.

Foi utilizado o poema *Eu, etiqueta*, de Carlos Drummond de Andrade como ficha geradora de debate para se refletir sobre as práticas de consumo contemporâneas.

Eu, etiqueta

Em minha calça está grudado um nome
 Que não é meu de batismo ou de cartório
 Um nome... estranho.
 Meu blusão traz lembrete de bebida
 Que jamais pus na boca, nessa vida,
 Em minha camiseta, a marca de cigarro
 Que não fumo, até hoje não fumei.

Minhas meias falam de produtos
Que nunca experimentei
Mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
De alguma coisa não provada
Por este provador de longa Idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
Minha gravata e cinto e escova e pente,
Meu copo, minha xícara,
Minha toalha de banho e sabonete,
Meu isso, meu aquilo.
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
São mensagens,
Letras falantes,
Gritos visuais,
Ordens de uso, abuso, reincidências.
Costume, hábito, premência,
Indispensabilidade,
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,
Escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.
É duro andar na moda, ainda que a moda
Seja negar minha identidade,
Trocá-la por mil, açambarcando
Todas as marcas registradas,
Todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
Eu que antes era e me sabia
Tão diverso dos outros, tão mim mesmo,
Ser pensante sentinte e solitário
Com outros seres diversos e conscientes
De sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio Ora vulgar ora bizarro.

Em língua nacional ou em qualquer língua
(Qualquer, principalmente.)
E nisto me comprazo, tiro glória
De minha anulação.
Não sou – vê lá – anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
Para anunciar, para vender
Em bares festas praias pérgulas piscinas,
E bem à vista exibo esta etiqueta
Global no corpo que desiste
De ser veste e sandália de uma essência
Tão viva, independente,
Que moda ou suborno algum a compromete.
Onde terei jogado fora
Meu gosto e capacidade de escolher,
Minhas idiossincrasias tão pessoais,
Tão minhas que no rosto se espelhavam
E cada gesto, cada olhar,
Cada vinco de roupa
Sou gravado de forma universal,
Saio da estampanaria, não de casa,
Da vitrine me tiram, recolocam,
Objeto pulsante mas objeto
Que se oferece como signo de outros
Objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
De ser não eu, mas artigo industrial.
Peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é Coisa.
Eu sou a Coisa, coisamente.

Já em seu título, o texto aponta uma condição a que estamos submetidos, na qual somos confundidos com a própria marca dos produtos que utilizamos. Os objetos em que aparecem essas marcas determinam o tempo e o espaço da experiência que é contada.

As inúmeras ocorrências das palavras "meu", "minha" (pronomes possessivos) foram propositais, já que o poeta critica justamente a sociedade de consumo (capitalista) que centra sua importância no "possuir" para "ser", tornando as pessoas alvos fáceis das propagandas, as quais têm como função primordial induzir as pessoas a comprarem.

Assim, propiciou-se a análise de elementos para a reflexão coletiva sobre a questão do consumismo. O "homem anúncio" abordado no poema, que anda na moda e assume identidades de marcas registradas, *ser pensante sentinte e solitário* que se vê anulado, objeto que é signo de outros. As práticas sobre as quais a personagem do poema reflete são práticas contemporâneas, pois, é na sociedade industrial, de produção em massa e da propaganda, que a experiência de diluição da identidade ocorre da forma como é descrita no texto. Desse modo, a ideologia do consumo garante a circulação das mercadorias, pois, consumindo, comprando, há pessoas produzindo, vendendo, movimentando dinheiro e conseqüentemente gerando lucro para poucos.

No texto, o autor conta a experiência pessoal de reconhecer a despersonalização à qual ele – e por extensão os homens que vivem numa sociedade de produção em massa, na sociedade de consumo - estão sujeitos, que é emblema da condição coletiva. Foi uma forma de discutir as contradições e condicionamentos que envolvem a questão da escolha (uma das dimensões do sujeito individual) na sociedade capitalista: a produção em larga escala substitui a criação artesanal, reduz e determina padrões de vida, embora pareça ampliar a liberdade de escolha.

As ordens de uso cifradas pela moda e pela propaganda transformam costumes e hábitos, a partir da criação de necessidades, e da idéia da indispensabilidade dos objetos e atitudes como forma de ingresso e permanência num determinado grupo, são na verdade determinadas pela lógica da reprodução do capital, pela lógica do mercado. O autor critica a escravização à qual está sujeito por meio do reconhecimento da despersonalização (moda e coisificação).

Outro aspecto ressaltado foram os estereótipos criados e veiculados nos meios de comunicação de massa que possibilitaram discutir as questões étnico-raciais e de gênero a partir da análise de idéias dominantes presentes em programas de entretenimento,

noticiários, etc. Dessa maneira, destacou-se que grande parte das informações são veiculadas com funções comerciais, sendo, muitas vezes, tendenciosas ao manipularem a opinião pública para fazê-la pensar sobre determinada ótica.

As informações tendenciosas promovem, ainda, o desenraizamento cultural ao camuflar e/ou naturalizar conflitos e contradições; propõem, o tempo todo, "modelos", induzindo e provocando a introjeção de valores (individuais e coletivos).

Com relação à questão da condição da mulher, especialmente da mulher negra, foram observados processos de "inferiorização" da mulher em geral como sujeito histórico (formas de expressão do predomínio masculino) e a discriminação social presente no processo de trabalho (tipos de trabalho, remuneração, etc).

No caso específico da mulher negra foi ressaltada a combinação de dois tipos de discriminação, a de gênero (feminino) e a étnica.

Seguem os textos utilizados como fichas geradoras para instigar esse debate.

A população negra e os direitos humanos

Marcos Antônio Cardoso

Os meios de comunicação

Os meios de comunicação como a televisão, o rádio, os jornais, as revistas e os livros (de ficção e didáticos) desenvolvem a tarefa de legitimar, de tornar "natural e aceitável" a *violência racial* contra o povo negro. Neles a questão racial é conduzida de forma a negar a pluriracialidade do país com o objetivo de consolidar o eurocentrismo como fundamento da nacionalidade brasileira.

Utilizam de forma magistral as informações relativas ao conflito racial com finalidade comercial, exaltando aquelas que ultrajam a imagem dos negros(as) e ignorando outras que poderiam exaltá-lo. É através da permanente veiculação de informações tendenciosas que se consegue manipular e desorientar, fazendo prevalecer uma consciência favorável ao projeto racista. A cumplicidade dos meios de comunicação na configuração de um Brasil branco é determinada pela necessidade de uma opinião pública concordante para a sua legitimação.

O projeto racista se manifesta através de um violento processo de desenraizamento cultural, do sentido de povo enquanto coletividade, que funciona como

mecanismo gerador de uma consciência negativa dos homens e mulheres negros em relação a si próprios e ao seu semelhante racial. Esse mecanismo atua como elemento desagregador, extirpando a possibilidade de construção de soluções coletivas e promovendo o individualismo que perpetua o *status quo*.

Os programas infantis da televisão, por exemplo, transmitem, de forma incontestável, mensagens ligadas à supremacia racial branca, mantendo uma violenta obrigatoriedade da estética branca, impondo uma ascendência nórdica ao povo brasileiro e penetra no subconsciente da criança negra, com seus efeitos devastadores sobre a personalidade em formação. Desse modo, a criança é forçada a desvincular-se de sua identidade racial e cultural.

Os meios de comunicação mais que a escola sustentam o racismo e a ideologia do branqueamento, vinculando imagens estereotipadas dos negros e negras, sempre ligadas à prostituição, às drogas e à criminalidade.

Os negros e negras são colocados como vulgares aprendizes de malandro sem sucesso, facilmente dominados pela eficiência de uma polícia branca, superior.

Os meios de comunicação, especialmente o rádio e a televisão, através de determinados programas de grande audiência no meio popular, baseiam suas atividades na construção de uma imagem ridícula de negros e negras, onde noticiários defendem e apoiam a ação exterminadora da polícia, fundamentando-se no suposto potencial do negro para o crime.

Enfim, encarregam-se de assegurar o apoio da sociedade aos grupos de extermínio, bem como de estimulá-la a "*fazei justiça com as próprias mãos*", por meio de linchamentos.

Mulher negra

A múltipla discriminação da mulher negra está no centro de uma articulação perversa, que combina racismo e sexismo, para garantir a sua inferiorização social. A violência racial contra a mulher negra não se manifesta apenas nas condições de quase escravidão das trabalhadoras domésticas ou no uso sexual do seu corpo. Estes são os aspectos mais aparentes e, embora graves, não devem encobrir a existência de condições de exploração de mais longo alcance, postas a serviço de um projeto racista, ou seja, de genocídio físico e cultural do povo negro brasileiro.

Entre tantos aspectos que envolvem a opressão da mulher, destaca-se a violência racial que coloca a mulher negra na mira dos programas de controle da natalidade, pela via da esterilização sumária e da experimentação de drogas anticoncepcionais. A sociedade que louva a maternidade como realização máxima da mulher, cria mecanismos para restringir o direito à maternidade da mulher negra. Isto ocorre porque a sociedade é estimulada a querer-se branca e é levada a considerar que a miséria é fruto da incapacidade dos grupos que nela vivem.

O tamanho da população de um país é, freqüentemente, fruto de políticas governamentais que tanto podem agir no sentido de sua expansão como de redução, a depender, inclusive, dos interesses ligados a acumulação econômica. Assim, a esterilização sumária e massiva, como única solução para as mulheres negras que não podem sustentar seus filhos, é gratuitamente oferecida em todos os cantos do Brasil. Esta prática caracteriza um lento processo de extermínio da população negra brasileira, que já vem decrescendo por efeito da miscigenação, das altas taxas de mortalidade infantil, das mortes provocadas pelos métodos rudimentares de aborto nas situações de gravidez indesejada e o extermínio sumário de crianças e adolescentes. Neste sentido, os direitos reprodutivos das mulheres negras são fundamentalmente direitos humanos.

Marcos Antônio Cardoso Coordena o Núcleo do Centro de Referência da Cultura Negra da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

Com a finalidade de promover uma reflexão sobre as formas de discriminação que permeiam nosso cotidiano, sugerimos aos educandos que, num primeiro momento, analisassem os papéis destinados aos negros e as mulheres nos meios de comunicação em geral, ficando atentos principalmente às telenovelas. Após essa análise crítica dos meios de comunicação, os educandos refletiram sobre o tema a partir de várias leituras, entre elas, o texto a seguir, em que se discute o papel da mídia na construção e na manutenção de estereótipos e na mercantilização da cultura.

A mercantilização da cultura

O objeto da arte, tal como qualquer outro produto, cria um público capaz de compreender a arte e de apreciar a beleza.

Portanto, a produção não cria somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto.

(Karl Marx)

Atualmente, notamos em nosso cotidiano, o papel exercido pelos meios de comunicação de massa⁴ (Rádio, TV, imprensa escrita), que são utilizados, de maneira bastante marcante, na construção e reprodução de idéias e valores. Isto pode ser verificado nas formas e conteúdos das mensagens veiculadas.

Através de um discurso que aparentemente incorpora as diversidades culturais, promove-se a padronização crescente de visões de mundo que neutralizam conflitos e naturalizam as leis do mercado. Leis essas que são estendidas a toda e qualquer atividade humana, incluindo a área de educação e as atividades culturais de modo geral.

A consequência mais evidente deste processo de homogeneização hibridizada – processo este que uniformiza os discursos a partir de uma mescla de estilos e visões, conformando um "ecletismo" que torna característico um modo de pensar e agir –, são as implicações nas opiniões sobre a política, a economia e os fenômenos sociais em curso, explicadas de maneira relativizada, restringindo-se as análises aos aspectos particulares, dissociados dos processos macroeconômicos e sociais.

Temos dificuldade de identificar claramente os limites que separam ou interpenetram programas culturais, de entretenimento, informativo/jornalístico e a publicidade e o marketing.

Neste cenário, a guerra parece uma telenovela - pela forma melodramática como é abordada –; a telenovela subordina o enredo da trama ficcional às estratégias para disseminar novos padrões de consumo, exibindo as marcas de seus patrocinadores; o noticiário apresenta informações compartimentadas e com um claro viés mercadológico na medida em que enfatizam elementos que garantam o aumento da audiência.

Mesmo as produções culturais de raízes locais ou regionais (o frevo, o cordel, as festas juninas, etc.), são tomadas muito mais como produtos para fomentar o turismo, do que expressão da cultura de um povo, sendo incorporadas na roda viva da lucratividade, da mercantilização da cultura.

⁴ O fenômeno da industrialização da cultura no século XX, especialmente após a 2ª Guerra Mundial, foi bastante discutido por autores da chamada Escola de Frankfurt, que trataram sobre o tema da alienação da arte decorrente da alienação promovida pela divisão social do trabalho no modo de produção capitalista, considerado no marco da produção fordista e a emergência do consumo em massa naquele período.

Assim, marketing e publicidade ganham lugar central, como grandes promovedores das produções artísticas, incluindo as culturas locais produzidas por determinado segmento da sociedade que são apropriadas e ressignificadas, dependendo de seu potencial de penetração no mercado. Desta maneira a arte, mais do que nunca, e de forma crescente, transforma-se em produto altamente desejado por milhares de pessoas na medida em que se torna um bem para marcar diferenças sociais e transmitir mensagens, conotando status e a sensação de inclusão, de inserção social.

Desta forma, a vinculação crescente, sob novas formas, entre cultura e grandes negócios, faz parte da tendência atual. Uma série de incentivos por parte dos governos, sob a forma de redução ou isenção fiscal para as empresas, favorecem os grandes investimentos na área musical, cinematográfica, das artes em geral. Um exemplo é a promoção de mega exposições de pintores clássicos, com acesso gratuito que permite que um público, antes não contemplado, tenha "passagem" por este tipo de evento. No entanto, isso não significa acesso à cultura ou a configuração de um processo de democratização dos bens culturais que tenha como objetivo possibilitar a apropriação de novos conhecimentos, mas trata-se de um meio eficaz de disseminar marcas e ampliar o mercado consumidor das empresas patrocinadoras.

Os programas de entretenimento funcionam com um forte apelo propagandístico, na medida em que lançam estereótipos de estilos de vida e modos de ser, através das marcas que expõem naturalmente em suas tramas ficcionais.

Em nome da diversidade, constrói-se mercados segmentados, ou mesmo surgem novas apropriações e combinações de signos que apelam a um público "heterogêneo". Mais do que ter, é necessário criar novos desejos. A velocidade que este processo alcança nos dias atuais é tomado como sinônimo de progresso, justificado pelos avanços tecnológicos e pelo discurso da democratização da informação, fundido paradoxalmente com a barbárie da miséria e da violência presentes na realidade da população, apresentada diariamente.

Texto elaborado por Rosana Miyashiro, Assessora da Secretaria Nacional de Formação da CUT - Núcleo de Educação do Trabalhador.

Como resultado dos debates sobre essa temática temos as seguintes produções de educandos.

Comunicação, Cultura & Sociedade

A cultura começa desde a nossa existência na pré-história, onde o homem já tinha a curiosidade de criar e deixar registradas suas descobertas. Com a descoberta do fogo, conseguiu-se aperfeiçoar várias coisas. A vestimenta começou com a pele de animais até chegar aos tecidos refinados que dispomos hoje.

Posteriormente, os homens começaram a se organizar em grupos onde tomavam decisões políticas, definiam normas e padrões de comportamento, designavam tarefas, etc.

A comunicação acontece enquanto necessidade dos indivíduos de se entenderem e garantir a socialização e transmissão dos conhecimentos elaborados.

A organização social resultante do processo de socialização humana, hoje caracterizada por desigualdades sociais e baseadas na exploração de uns sobre os outros, não possibilita uma sociedade igualitária.

Sabendo que quem detém o poder também detém o saber, existe ainda, um monopólio dos meios de comunicação que prioriza a veiculação de uma cultura de massa, levando as pessoas à alienação e à cegueira de sua realidade.

Trabalho coletivo elaborado por Maria Lacerda de Souza, Lindalva do Carmos, Adriana Reis, Enivaldo Soares da Silva, educandos do Ensino Médio do núcleo de Cabo de Santo Agostinho - PE - FENADADOS.



Trabalho elaborado por Edson Magalhães, educando do Ensino Médio do núcleo de Belo Horizonte - MG - FITTEL.

Destacou-se, ainda, a importância da memória coletiva para a criação do sentido do passado e a compreensão do processo de construção da identidade do grupo, que se realiza por meio da comunicação entre seus membros. Isso coincide com a idéia de que a ideologia dominante se realiza historicamente, muda ao longo do tempo, sempre em relação às novas necessidades de dominação que surgem na dinâmica social.

Quanto à manipulação das informações pelos meios de comunicação, a sociedade não é passiva, embora, às vezes, sua consciência da realidade seja fragmentada e assim facilmente manipulada, mas é sempre possível ir além da mera assimilação das idéias que são inculcadas, criticando-as, ou seja, refletindo, sistematicamente, sobre suas origens, meios e fins.

América Latina

O estudo sobre a América Latina possibilitou a inserção da Língua Espanhola no processo de ensino-aprendizagem, discutindo os aspectos socioculturais e político-econômicos que caracterizam os países latino-americanos.

Dessa maneira, a opção pela língua espanhola se deu a partir da sua importância no contexto histórico de formação dos estados nacionais latino-americanos – já que, na América Latina, quase todos os países têm o Espanhol como língua oficial –, bem como em função das condições históricas do momento atual, ou seja, de integração econômica no sistema capitalista internacional por meio das alianças comerciais (Mercosul e ALCA).

Esses fatos nos levam a conhecermos melhor e aprofundar os laços culturais com os nossos vizinhos. Estudar a realidade latino-americana, seu processo histórico e desdobramentos contemporâneos, permite-nos identificar as características comuns e assim, entendermos a América Latina como uma unidade, para que possamos nos ver não como uma realidade isolada, mas como parte de um sistema mundial único, no qual as divisões da sociedade, com sua dominação e exploração, se reproduzem do outro lado da fronteira tal como aqui. Desse modo, resgatamos a importância da unidade entre as lutas dos trabalhadores latino americanos.

Foi um momento importante para se estabelecer comparações entre diversos aspectos dos países que compõem a América Latina, resgatando os processos históricos, geral e particular, em que se afirmaram a existência de um Novo Continente. Ou seja,

com a colonização europeia temos o "Novo Mundo": ligado, subordinado e explorado pelo "Velho Mundo", a Europa.

A partir desse enfoque, a estratégia de estudo da Língua Espanhola deu-se mediante textos teóricos/históricos em português. Já a aproximação com a língua espanhola ocorreu por meio de músicas e textos atuais (em espanhol) cujos assuntos eram de amplo domínio do público, sendo trabalhados de maneira articulada a fim de situá-los no contexto histórico geral da América Latina e proporcionar um sentido aos textos estudados na Língua Espanhola.

As músicas, além de possibilitarem o contato com a cultura hispânica, permitiram o conhecimento da sonoridade da língua, base importante para a apropriação do vocabulário, bem como da sua pronúncia.

A perspectiva adotada para a apresentação e o trabalho pedagógico com o idioma espanhol foi – considerando os limites de tempo e de condições para se ensinar a língua num programa de dimensões nacionais – a focalização dos aspectos mais gerais da língua como, por exemplo, as diferenças fonéticas em relação ao português. Assim, caso algum educando tivesse interesse em continuar seus estudos de espanhol, o fato de conhecer os fonemas certamente facilitaria a continuidade na aprendizagem da língua.

A seguir, reproduzimos um texto e uma das letras de músicas trabalhadas em espanhol:

Cantares

Antônio Machado (poeta e escritor espanhol)

Caminante son tus huellas el camino y nada más
Caminante no hay caminos,
se hace camino al andar.

Al andar se hace camino
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca se ha de volver a pisar.

Caminante no hay caminos

sino esteias en la mar.
 caminante no hay caminos
 se hace camino al andar...

Canción con todos

A. Tejada Gómez – C. Sella

Salgo a caminar
 por la cintura cósmica dei Sur.
 iso en la región
 más vegetal dei viento y de la luz;
 siento ai caminar
 toda la piei de América en mi piei
 y anda en mi sangre un rio
 que libera en mi voz su caudal.

Sol de Alto Perú,
 rostro Bolívia, estaño y soledad;
 un verde Brasil
 besa a mi Chile cobre y mineral,
 subo desde el sur
 hacia la entraña América y total,
 pura raiz de un grito
 destinado a crecer y estallar.

Todas las vocês, todas;
 todas las manos, todas;
 toda la sangre puede
 ser canción en ei viento.
 Canta connmigo, canta,
 hermano americano,

libera tu esperanza con un grito en la voz.
--

A primeira idéia que aparece e que permeia toda letra da canção, é o chamado para a participação e para o reconhecimento de um tipo de unidade da América que se *realiza* quando o homem latino-americano canta. O canto é um chamado para o reconhecimento e para a promoção dessa unidade: "Canción con todos" (*Canção com todo*). O título faz um convite para cantar, "cantar" a América, cantarmos (juntos) a América. Por meio da canção, busca-se nossa identidade, nossa unidade, ou ao menos pode-se buscar a promoção dessa unidade.

Na letra ressalta-se os aspectos relacionados aos recursos naturais existentes no continente, e cada região com suas riquezas peculiares. Foi exatamente essa riqueza natural que contribuiu para que o continente fosse identificado com o "paraíso" dos "descobridores".

Essa América foi colônia, durante mais de três séculos e sofreu o mesmo tipo de exploração. As independências também constituem uma unidade, pois ocorrem mais ou menos na mesma época, no entanto, guardam suas especificidades pois se dão de diferentes formas. Desde o século XIX, com os movimentos de independência, a América Latina tem buscado a unidade em sua diversidade. Como o poema aponta, a unidade de um povo que sofre (desde os "descobrimientos") com a exploração é vista como uma das principais, senão a principal forma de identidade dos países latino-americanos hoje.

A metáfora das cores aparece na música de forma que podemos relacionar com as bandeiras de cada Nação e pensarmos numa relação entre suas cores e suas riquezas naturais. A canção sintetiza a história da "América". A população, os conflitos, a natureza, as colonizações, que é identidade do continente, de sua natureza, de sua cultura e história.

Articulando-se ao desenvolvimento da língua espanhola por meio das músicas, foram utilizados textos (que reproduzimos abaixo) para desencadear os debates sobre o processo histórico da América Latina.

Padrões de dominação externa na América Latina

Florestan Fernandes

À semelhança de outras nações das Américas, as nações latino-americanas são produto da "expansão da civilização ocidental", isto é, de um tipo moderno de colonialismo organizado e sistemático. Esse colonialismo teve início com a "Conquista" – espanhola e portuguesa – e adquiriu uma forma mais complexa após a emancipação nacional daqueles países.

A razão dessa persistência é a evolução do capitalismo e a incapacidade dos países latino-americanos de impedir sua incorporação dependente ao espaço econômico, cultural e político das sucessivas nações capitalistas hegemônicas. Antes de mais nada, o capitalismo transformou-se, através da história, segundo uma velocidade demasiado acelerada para as potencialidades históricas dos países latino-americanos.

Quando uma determinada forma de organização capitalista da economia e da sociedade era absorvida, isso ocorria em consequência de uma mudança da natureza do capitalismo na Europa e nos Estados Unidos, e novos padrões de dominação externa emergiam inexoravelmente. Por outro lado, uma organização aristocrática, oligárquica ou plutocrática da sociedade sempre concentrou extremamente a riqueza, o prestígio social e o poder em alguns extratos privilegiados. Em consequência, a institucionalização política do poder era realizada com a exclusão permanente do povo e sacrifício consciente de um estilo democrático de vida...

Texto extraído do livro: *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.

A partir dos debates sobre o tema, foram produzidos vários trabalhos pelos educandos, dos quais reproduzimos abaixo duas elaborações, que referem-se a uma análise crítica do processo de colonização, do modelo de desenvolvimento e da ação do homem na natureza.

América lá (tinha)

Conheci uma das Américas...

Lá tinha montanhas.

Mas foram dinamitadas.
 Lá tinha belas paisagens.
 Que ocupavam a verdadeira.
 Lá tinha uma grande cultura,
 mas nem todos eram relativamente cultos.
 Lá tem uma euforia que não se vê igual.
 Que todos chamam "carnaval".
 Vi que a desigualdade chega a nos assustar,
 enquanto poucos gastam muito, muitos não tem pra gastar.
 Quis conhecer os políticos, pois vi que pouco se faz,
 mas fui informado que estavam em recesso,
 cada qual em sua fazenda ou sítio.
 Conheci também o folclore, isto sim me deixou satisfeito.
 Em saber que mesmo com a pobreza
 e a tristeza ainda se tem tempo e vontade de ser feliz.
 Conheci uma das Américas...
 Vi o que nunca se viu.
 Conheci uma das Américas...
 Me decepcionei com o "Brasil"

Trabalho elaborado por Dimas Cirilo Júnior, educando do Ensino Médio do núcleo de Belo Horizonte - MG - FITTEL.

Corpo e alma

O país adoeceu	E derramam o que sobrou
Seu cérebro colonial sofre	De éter no balde...
Queima	O país está doente!
Derrete	Seu peito infantil inspira
Como um balde de éter	Um ar sujo de mina
Sob o sol a pino	E expira desritmadamente
E depois	Um ar metálico de hospital
Que some o sol	Seus grandes olhos redondos
Seus generosos dedos	Brilham. O horror próprio dos
Curto e grossos	Olhos de um inocente, quando
Como raízes no ar	Condenado à morte...
Pressionam o botão da TV	Seu sexo em chagas

É torturado (as 8 horas da noite)	Emudeceu
Em eletrônicos orgasmos	Suas pernas de craque
Interrompidos	Bambearam
Seu sexo em chamadas	Seu jeitinho esperto
É excitado (todas as noites)	Falhou
Por luzentes gatos mortos	Seu lirismo de morro
Sobre o seu corpo tropical	É piada
Pesa	Sua menina da praia
Uma armadura de ferro	Mudou-se para Paris
Que lhe esfolia a pele	O país está doente!
E lhe confunde o equilíbrio	De corpo e alma
Seu coração de carnaval	E não se dá conta
Foi chutado	Da intensidade
Dentro de um macabro picadeiro	Da própria tragédia
Ela	Como enlouquecidas crianças
Se encolheu	Pulando
Sua alma humilde afro-católica	Distraídas
Humilhada e entristecida, se contorce	Sobre montanhas de lixo
Nas garras de uma enorme ave	Brasil
Carnívora	És o touro
Emigrada do norte	Sem a rosa
O país está doente!	Que chifra com fúria
Sua boca cantante	O coração por dentro
	Com o olho triste e
	Um sorriso na boca...
	À verdade revela Sua eterna face

Trabalho elaborado por Léa Araújo de Souza, educanda do Ensino Médio do núcleo de São Paulo - SP - CONTRACS.

De forma poética, a autora traça um painel da situação do País, ou melhor, das vivências da população. O texto nos convida a refletir sobre o papel que a construção da consciência social deve desempenhar, partindo da análise da realidade para identificar suas contradições e encontrar os elementos de superação.

4.1.4 Área: Gestão & Alternativa de Trabalho e Renda

A emancipação humana não se realiza senão quando o homem reconhece e organiza suas próprias forças como forças sociais, e não mais separa de si a força social sob a forma da força política.

(Marx)

Introdução

A abordagem dessa área teve como um dos seus propósitos promover a reflexão sobre a distinção entre desenvolvimento social e crescimento econômico.

Para isso, foi proposta a discussão sobre o papel do Estado nas políticas públicas e na organização do trabalho, visando verificar que Estado exerce não apenas o papel de indutor e regulador do crescimento econômico, mas também, o de agente do desenvolvimento social. Foi proposto também, que se fizesse uma análise crítica das formas de empreendimentos solidários existentes, suas possibilidades e seus limites.

A inserção da área *Gestão & Alternativas de Trabalho e Renda* na construção curricular se deve à sua relevância para os trabalhadores no atual momento histórico. Momento esse que é marcado pelo aumento do desemprego estrutural, resultado do modelo de desenvolvimento.

Com o aumento do desemprego, verificamos o crescimento do mercado de trabalho informal, pois aos que não mais conseguem se inserir no mercado formal de trabalho só resta buscar alternativas de trabalho e geração de renda no mercado informal, gerindo pequenos negócios particulares ou formando cooperativas.

Entretanto, pode-se constatar que nem sempre essas iniciativas se mostram viáveis economicamente, pois não há políticas públicas voltadas para elas. Políticas que ofereçam formação, assessorias, apoio jurídico, apoio à comercialização e um tratamento fiscal diferenciado. Essa situação é agravada pela falta de organização desse setor econômico, o que enfraquece o poder de reivindicação dos que são obrigados a tentar essas formas alternativas de geração de trabalho e renda.

Diante desse contexto, a CUT incorpora à sua agenda, como uma política sindical, o debate sobre a Economia Solidária. Esse debate se efetiva nas diversas ações promovidas pela Central e nos projetos de educação integral dos trabalhadores.

Ressaltamos que as discussões em torno das alternativas de trabalho e renda não podem estar desvinculadas das discussões sobre uma política educacional que seja adequada a classe trabalhadora e que contribua na busca de novas perspectivas.

Entendemos que para se ter uma atuação crítica na sociedade, é fundamental conhecer, debater e refletir sobre a forma de organização dessa mesma sociedade. Os valores hoje dominantes, os da lógica do mercado, privilegiam a busca pelo atendimento individual dos ideais de satisfação e realização humanas. Esses ideais são baseados na competição e no individualismo. Diante desse quadro, o tema da solidariedade nos impõe um grande desafio.

O desafio se deve ao fato de que esses valores individualistas estão presentes em nosso cotidiano e, para se contrapor a essa lógica, é necessário analisar as origens e os interesses que tais discursos representam. Isso se faz por meio da recuperação da história de luta da classe trabalhadora. Esse procedimento mostra que a atual forma de organização social não é natural, mas fruto da ação política. E que, portanto, para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores, a organização e a solidariedade são fundamentais.

Em meio a essa situação de crescente quadro de desemprego e precarização das condições de trabalho, os discursos que incentivam uma perspectiva individualista estimulam a competição entre os próprios trabalhadores, responsabilizando-os pela sua própria "empregabilidade".

Um mercado de trabalho "cada vez mais competitivo", exigiria que cada um cuidasse de sua própria qualificação profissional. Essa perspectiva individualista retira o caráter político do debate e acaba escamoteando as reais causas do desemprego.

Dentro dessa perspectiva, nosso processo formativo fomentou a discussão sobre alternativas de geração de renda para os trabalhadores, vislumbrando alternativas coletivas que garantissem uma atividade sustentável, para além das suas necessidades urgentes e imediatas.

Procuramos estender esse debate para a sociedade em geral. Assim, foram incorporadas à proposta metodológica a realização de Oficinas Coletivas Locais que

incluíam um público mais amplo, com a finalidade de debater, aprofundar e organizar as ações dos trabalhadores na perspectiva de desenvolvimento sustentável e solidário.

A importância da organização dos trabalhadores

Estruturamos esse percurso formativo a partir de algumas premissas básicas, dentre elas, a importância da organização dos trabalhadores, pois se cada um juntar-se a outros de forma organizada o efeito será tanto maior (e melhor) quanto maior for o número de pessoas organizadas.

Portanto, só por meio da organização é possível exercer alguma influência na sociedade em que se vive e, assim, adquirir um peso considerável nas decisões do governo, já que o produto da ação organizada é maior do que a soma dos resultados obtidos em ações isoladas.

O processo de transformação das condições sociais pode ser lento, mas se esse processo for constante, chegará o momento em que essas condições se alterarão de forma clara e perceptível.

Dentro dessa perspectiva, promovemos a reflexão sobre as várias formas de organização e de participação política existentes na sociedade. Essa reflexão foi alimentada a partir de uma pesquisa, sobre a possibilidade de participação dos próprios educandos nas suas comunidades. Nessa pesquisa os educandos identificaram quais as conquistas oriundas da organização comunitária e quais as consequências da falta de organização. Para subsidiar essa análise da realidade sugerimos alguns textos para os debates e para promover as reflexões sobre o tema. Um dos textos sugeridos foi *Participação versus Marginalização*, de Juan E. Dias Bordenave, que reproduzimos a seguir.

Participação versus marginalização

Juan E. Diaz Bordenave

Entender o que é participação talvez seja mais fácil se compreendermos o seu contrário, a não participação, isto é, o fenômeno da *marginalidade*. Marginalidade significa ficar de fora de alguma coisa, às margens de um processo sem nele intervir.

O conceito de "marginalidade", porém, é mal entendido entre nós. Basta ver a aplicação da palavra "marginais" aos criminosos de qualquer tipo, como se eles não intervissem ativamente, embora a seu próprio modo, nos processos sociais.

Outro erro frequente é entender a marginalidade apenas como a falta de participação de certos setores sociais no *consumo* dos bens materiais e culturais da sociedade. Segundo esta ótica, a substancial proporção da população que se encontra em situação de pobreza, ignorância e alienação seria marginal porque não consegue usufruir dos empregos, escolas e diversões como fazem outros setores.

Ora, erro ainda pior é atribuir a responsabilidade de se encontrarem naquela situação de déficit aos próprios setores "marginais", com grande ênfase nos "déficits educativos" evidenciados pelo seu analfabetismo, precária instrução básica e costumes "primitivos". Tais déficits educativos, aliás, freqüentemente são considerados consequência do "atraso" daqueles setores em relação a outros mais "modernos" e "desenvolvidos".

A "marginalidade" de alguns grupos não é, de maneira alguma, consequência de "atrasos", mas resultado lógico e natural do desenvolvimento modernizado numa sociedade onde o acesso aos benefícios está desigualmente repartido. O subdesenvolvimento de uns é provocado pelo "superdesenvolvimento" de outros. Para que alguns possam acumular vastos patrimônios, outros necessitam ser explorados e sacrificados. Para que o poder se concentre em poucas mãos, a participação política da maioria da população deve ser cortada.

Não há pois, *marginalidade* mas *marginalização*.

Neste novo enfoque, a participação não mais consiste na recepção passiva dos benefícios da sociedade, mas na intervenção ativa na sua construção, o que é feito através da tomada de decisões e das atividades sociais em todos os níveis.

No novo contexto, a participação já não tem o caráter "consumista" atribuído

pela teoria da marginalidade, mas o de processo coletivo transformador, às vezes contestatório, no qual os setores marginalizados se incorporam à vida social por direito próprio e não como convidados de pedra, conquistando uma presença ativa e decisória nos processos de produção, distribuição, consumo, vida política e criação cultural.

De modesta aspiração a um maior acesso aos bens da sociedade, a participação fixa-se o ambicioso objetivo final da "autogestão", isto é, uma relativa autonomia dos grupos populares organizados em relação aos poderes de Estado e das classes dominantes. Autonomia que não implica uma caminhada para a anarquia, mas, muito pelo contrário, implica o aumento do grau de consciência política dos cidadãos, o reforço do controle popular sobre a autoridade e o fortalecimento do grau de legitimidade do poder público quando este responde às necessidades reais da população.

Extraído do livro: *O que é Participação*, de Juan E. Diaz Bordenave. São Paulo: Brasiliense, 1983 (Coleção Primeiros Passos).

Os debates e a pesquisa possibilitaram aos educandos uma melhor compreensão do tema *Participação*. As produções dos educandos foram bastante abrangentes, ressaltando que a organização é capaz de produzir resultados melhores do que a soma de esforços isolados, e que a falta dela traz conseqüências perniciosas para toda a comunidade. Essa percepção aparece na produção a seguir, do educando José Justino da Silva.

Poema

Na comunidade que trabalho, só 20 anos de existência.

É pouco tempo mas compensa.

Para não ter melhoria nem confusão, não tem nenhum tipo de associação, grupos de mulheres, clube de mães, minha gente, também não tem não. Igrejas católicas ou evangélicas, também não tem lá. Que é para as pessoas não rezarem nem orarem. Isto é o progresso, mas que confusão, centro espírita moço, também não tem não.

Doença: ah! Essa por lá não falta. Tem diabetes que acompanha dona Maria. Verminose que vai mais Toninho e Joãozinho. Hipertensão que sempre socorre seu João, porque o médico do posto vizinho não atende sem ficha não.

Tem exatamente 196 homens-machão, que quando as mulheres estão em casa, são elas que mandam então.

Mulheres tem também, essas são mais, 211, a maioria, tem mãe, sobrinha, filha e tia. Adolescente tem demais, moça mais do que rapaz.

Crianças tem pouquinha, só são 123 as coitadinhas, de 10 ou 11 anos que peninha. Deficientes também tem, esses são legais. Pontos positivos e negativos, temos de montão, temos o porco do João que suja e vai para a rua. E o que é melhor, buracos nas ruas tem de montão. Na rua de Seu Pedro e também na de Seu João.

Água nas torneiras nem pensar, mas as contas da Compesa (Companhia de Esgoto, Saneamento e Água), todo mês vão entregar. Lixo e rato não falta não, gato corre com medo de rato lá no lixão. E o vereador de lá, também não faz nada não.

Pontos negativos tem mais do que positivos, essa é a questão.

Trabalho elaborado por José Justino da Silva, educando do Ensino fundamental de Jaboatão - PE - CNTSS.

Na percepção desse educando a falta de participação e de organização dos membros de sua comunidade dificultam a superação das péssimas condições de vida a que estão submetido. O educando deixa claro que a busca de soluções deveria ser encontrada em conjunto, mas a ausência de participação impede esses avanços, mesmo porque, a participação não depende de se desejar ou não, pois mesmo aqueles que não tomam qualquer atitude são utilizados pelos grupos mais ativos que nem sempre agem visando o benefício da maioria. Portanto, mesmo aqueles que se mantêm na posição passiva, estão de alguma forma expressando uma posição.

Na elaboração a seguir, um outro educando expressa o desejo e a necessidade de construirmos a história com as nossas próprias mãos para que tenhamos uma sociedade igualitária.

Mudar a história

Nós precisamos mudar esta história,
 chega de sermos comandados,
 nós somos maioria e temos capacidade

para que esperar mais?
Vamos mostrar nossa força
vamos assumir o comando
de nossa história, vamos fazer acontecer
a igualdade social para vivermos com dignidade e
liberdade.

Para que esperar os outros decidirem por nós?
Nós sabemos dos nossos problemas, para que ficar
esperando...

Sociedade organizada e participativa
significa desenvolvimento e melhoria de vida
em todos os aspectos sociais, pois
viver com dignidade é direito de todos.

Trabalho elaborado por José Aparecido Ribeiro, educando do Ensino Fundamental do núcleo de Telêmaco Borba - PR - CONTAC.

A realidade e suas explicações

A fim de possibilitar uma análise crítica da realidade, isso é, questionar as explicações a respeito do mundo, dos homens e da relação entre estes e com o restante da natureza, procuramos, a partir de uma visão histórica, refletir a respeito da atual condição de vida dos trabalhadores.

Para isso, discutimos a própria legislação trabalhista que, por um lado, traduz os limites de intervenção do Estado nas relações entre o capital e o trabalho e, por outro lado, é resultado dos embates entre esses interesses conflitantes.

Assim, nesse momento em que os direitos trabalhistas estão diminuindo, consideramos que seria importante debatermos sobre como a legislação trabalhista reflete a correlação de forças em cada momento histórico, não sendo estanque nem destinada a prejudicar, cada vez mais, os trabalhadores. Da mesma maneira que hoje esses direitos estão sendo retirados, podem também ser ampliados dependendo da capacidade dos trabalhadores de se organizarem. Pois, como nos ensina Paulo Freire: "*A realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo*". (Paulo Freire, 1979, p.20)

A produção coletiva, que apresentamos a seguir é um dos resultados desses debates e reflexões:

Direitos dos trabalhadores: onde estão?

As empresas trabalham no ritmo do capitalismo e obrigam o trabalhador acompanhar seu ritmo. Não é difícil encontrar trabalhadores sendo explorados dentro delas.

Querendo acompanhar este ritmo, os trabalhadores deixam de lado sua própria segurança. Estes mesmos, quando acidentam-se deixam de ser úteis para as empresas que trabalham, pois trabalhador parado não traz lucro algum.

Nas empresas que seguem o Taylorismo "tempo é dinheiro" e "produzir mais em menos tempo", esquecendo da valorização que devem dar aos funcionários, que muitas vezes dedicam quase todo o seu tempo ao trabalho.

Hoje em dia muitos trabalhadores são explorados, trabalhando em regime de escravidão, trabalhando apenas para comer, apenas em troca do seu sustento. Outros trabalham sem direito a décimo terceiro salário, seguro-desemprego, horas extras e, até mesmo o direito de ter alguns dias de férias por ano.

Trabalho elaborado por Janete Schneider, Rosidete, Neuri Pereira, Aduino D. Machado e José Marcelo de Oliveira, educandos do núcleo de Carambeí - PR - CONTAC.

O tema sobre a flexibilização dos direitos trabalhistas foi amplamente discutido e expresso em várias produções e fomentado por diferentes leituras, entre elas o texto reproduzido a seguir em que questiona, a quem interessa, a flexibilização.

Precarização, desregulamentação, flexibilização

Delza Tereza Lombardi⁵

Todos os dias temos novos termos, novos conceitos, na praça. E eles não surgem do nada. Eles são cercados por uma série de fatores que compõem sua história. De repente estão sendo falados nos bate-papos de botequim, nos jornais, no trabalho,

⁵ Delza Tereza Lombardi é coordenadora pedagógica do Programa Integração. CONTRACS – ES.

no sindicato e assim por diante. E, às vezes, não se participa de uma conversa porque não se entende os conceitos dos termos nela usados. Por exemplo, você já participou de uma conversa, quando se usavam os termos como: precarização, flexibilização, desregulamentação das relações trabalhistas? Esses termos também têm sua história, eis algumas linhas dela.

Bem, se falamos em relações trabalhistas temos que começar pela relação entre o capital e o trabalho. Existem aqueles que tem o capital dinheiro que pode comprar a força de trabalho daquele que tem só isso para sobreviver. O dono do dinheiro quer com essa compra acumular cada vez mais capital e exige muito do dono da força de trabalho, o trabalhador, que, por sua vez, reage contra a exploração. Desde que começou essa troca esses dois vivem em conflito. Por isso, durante esse percurso, por intermediação do Estado foram criadas regulações para diminuir as disparidades entre o dono do capital e o trabalhador. Através de suas lutas organizadas por associações e sindicatos, os trabalhadores viram suas reivindicações serem regulamentadas, constituindo assim seus direitos legais, como: estabilidade no emprego, salário desemprego, férias, dissídio coletivo e muitos outros.

A crise econômica brasileira dos anos oitenta e as políticas de ajuste adotadas pelo governo impulsionaram as empresas a adotarem mudanças significativas na organização do trabalho. Esse processo foi chamado de reestruturação produtiva, que, nos anos noventa, tomou novas proporções pela atitude do Governo Collor, subordinando o Brasil à política mundial. Atitude, essa, reafirmada pelo Governo Fernando Henrique.

As mudanças políticas, econômicas e sociais pelas quais o país está passando estão intimamente ligadas a essa subordinação. Agora, em nome da estabilização econômica e do fim da inflação, boa parte do que estava regulamentado na Consolidação das Leis Trabalhistas, está sendo desregulamentado, através de Decretos do Governo. Por exemplo, a Lei 9.601/98 é responsável por grande parte dessa desregulamentação. Ela institui um novo contrato de trabalho por tempo determinado, abalando a estabilidade do trabalhador e outros direitos já conquistados. Atualmente, não é mais importante um funcionário permanecer, na mesma empresa, 10 a 15 anos. A empresa contrata o trabalhador à medida que ela tenha necessidade dele. Mas se o trabalhador quiser também pode mudar de empresa. Talvez aqueles que têm muito conhecimento podem até se dar o luxo de escolher a empresa onde vão trabalhar. Mas

quantos podem fazer isso?

A terceirização é um dos elementos da flexibilização do mercado de trabalho. Isto é, trabalha-se numa empresa mas ela mesma não tem responsabilidades sociais com o trabalhador. Fica mais difícil de se exigir direitos, se é que existem ainda. Por isso é que se diz precarização do contrato de trabalho. Trata-se de um contrato muito vazio de direitos sociais, precário.

Hoje, existe a "livre negociação", mas se não se aceitar as normas da empresa não se é admitido. Pode-se exemplificar com o caso das horas-extras. Não existe negociação, deve-se aceitar trabalhar dez, doze horas por dia, se a empresa precisar. As horas excedentes serão computadas, num Banco de Horas, para serem usadas como folga, no dia indicado pelo patrão. Também não existe mais uma tarefa específica para cada empregado. Se acabar uma tarefa, comece outra. Se não der tempo, faça hora-extra. Todas essas mudanças que as empresas estão fazendo na organização do trabalho só estão acontecendo devido a desregulamentação estabelecida pelo governo, permitindo que cada empresa, como melhor lhe convier, faça o acordo com seus empregados. Daí o termo, flexibilização nas relações trabalhistas.

Assim, pensam em promover um novo modelo de desenvolvimento, tendo como base a racionalização de custos. Racionalização de custos significa lucro. Para quem?

Já a educanda, Marli Francisco do Rosário, aborda em seu poema, reproduzido a seguir, a dificuldade de retomar os estudos. Podemos notar, ainda, por meio do próprio poema, como a autora vai retomando a consciência dos seus direitos.

Direitos esquecidos

Por motivos diferenciados
Os estudos foram parados
Vontade de Voltar não faltou.
Mas as dificuldades vieram e a
Vontade passou.
Recomeçar é difícil!

Pois requer preparação
Com os anos sem estudar
É preciso disposição.
Foi então que surgiu
O projeto Integração
Um projeto de respeito
De apoio ao cidadão.

Através do sindicato	Pois é uma satisfação
Seu valor está revendo	Voltar a aprender.
Os direitos adquiridos	O que esqueci,
Que aos poucos estava	estou lembrando.
esquecendo	O que não sei
Valorizando o trabalhador	estou tentando.
E seus direitos adquiridos,	
Que por descaso de alguns	É por isso que eu digo,
Estes foram esquecidos	O Brasil tem jeito!
	Basta o cidadão fazer
Ao mestre quero dizer.	valer os seus
Obrigado, é um prazer	Direitos.

Trabalho elaborado por Marli Francisco do Rosário, educanda do Ensino Fundamental do núcleo de Novo Horizonte - ES - FNU.

Ainda com o objetivo de entender a realidade para além das explicações prontas, salientamos, durante o processo formativo, que é muito importante saber interpretar tabelas e gráficos, pois, uma quantidade enorme de informação pode estar contida num pequeno espaço de texto, se vier traduzida em um quadro ou gráfico.

Utilizamos, entre outras estratégias, a análise de gráficos, tabelas e quadros com dados sobre os números da desigualdade e da sua conseqüente produção de pobreza. Esse recurso possibilitou a apreensão de dados mediante a leitura de quadros e gráficos e, ao mesmo tempo, serviu para aprofundar a reflexão sobre as desigualdades sociais existentes em nosso país em relação aos outros países da América Latina.

A partir da análise dos dados os educandos perceberam a desigualdade na distribuição das riquezas produzidas por toda a sociedade, isso é, a concentração de renda existente no Brasil, e a conseqüência dessa concentração no índice de Desenvolvimento Humano (IDH), índice que revela o quanto as populações de cada país estão longe de ter as condições para o pleno desenvolvimento pessoal. Verificando, por exemplo, que mesmo sendo o Brasil um dos países mais ricos do mundo (está entre as dez maiores economias do planeta) sua população não atinge os índices de desenvolvimento compatíveis com toda essa produção de riquezas.

A análise desses dados serviu para trabalhar outros conteúdos específicos da matemática como, por exemplo, porcentagem e proporção. No caso de proporções mostramos que há aquelas que são diretamente proporcionais: quanto maior a quantidade de água do mar, maior a quantidade de sal nela contida; e grandezas inversamente proporcionais: quanto maior a produtividade, menor o tempo necessário para realizar o mesmo trabalho.

A leitura e a compreensão desses gráficos e quadros, além dos debates ocorridos em sala, possibilitou que os educandos se apropriassem de conhecimentos suficientes para fazer uma análise crítica a respeito da distinção entre crescimento econômico e desenvolvimento social. Esse entendimento aparece na elaboração a seguir do educando João Paulo Soares Farias.

O desenvolvimento social é algo que vem sendo buscado pelos povos, desde a época antiga, e nos dias de hoje podemos observar que muitos povos ainda anseiam.

O Brasil no decorrer de sua história, passou por muitas crises socioeconômicas, devido a má distribuição de renda, que é herança da péssima distribuição territorial implantada no período da colonização brasileira.

Atualmente passamos por uma crise socioeconômica, mesmo que o governo não concorde com tal visão, que pode ser observada pelo contingente de mão-de-obra nos grandes centros, pelas famílias que passam fome. Apesar de todos esses contrastes o Brasil é considerado a 8ª economia mundial, está claro que a concentração da renda nas mãos dos grandes empresários é o maior motivo de tantas desigualdades sociais. O país cresceu economicamente com relação a acumulação de riquezas que está concentrada nas mãos dos grandes empresários ou é enviada para o exterior, porém com relação a distribuição igualitária da renda deixa muito a desejar.

O governo tenta mostrar que a ajuda econômica externa e a implantação do neoliberalismo é a melhor solução para acabar com a crise que o país atravessa. No entanto, quem mais sofre com as medidas adotadas pelo governo é o povo, sem emprego, pagando impostos altíssimos e na maioria das situações sem perspectiva alguma de melhoria de vida.

É necessário que se analise, até que ponto a venda do patrimônio público e a abertura dos nossos portos é benéfica ou maléfica para a população em geral, pois enquanto a economia nacional aumenta, o povo padece. Isso é devido ao fato de que grande parte da renda continua indo para as mãos de poucos.

Trabalho elaborado por João Paulo Soares Farias, educando do Ensino Médio do núcleo de Castanhal - PA - FENADADOS.

A noção de desenvolvimento que consideramos importante ressaltar, embora esteja vinculada aos níveis econômicos do País, supõe um projeto de sociedade no qual a desigualdade não tenha espaço, no qual importa a qualidade de vida das pessoas, o acesso a bens materiais (por exemplo: terra, moradia, vestuário, alimentação, dentre outros) e a serviços sociais (por exemplo: saúde, educação, cultura, etc.).

O texto que reproduzimos a seguir, de autoria do educando Everiton Melo Alves da Silva, é mais uma demonstração de que por meio desse tipo de leitura é possível chegar-se a uma compreensão maior da realidade e, a partir de uma reflexão sobre essa nova compreensão, propor ações a fim de transformá-la. O texto explicita também o processo de ensino-aprendizagem: leitura coletiva, debate sobre o assunto, levantamento de questões e propostas de resolução para as questões levantadas.

Trabalhador também aprende

Eita povo malvado, eu vivia na escuridão, até um tal de quadro, que chegou na minha mão. Era um tal de quadro I, quadro II e quadro III, era quadro pra lá, quadro pra cá, quadro para mostrar isso, quadro para mostrar aquilo. Pobre cabecinha! Parecia que ia estourar, diante de tanta confusão, mas depois foi clareando com a orientação da nossa professora, que com dedicação está nos orientando, não porque tem um salário para receber no final do mês, mas para formar cidadãos.

Ela muito se esforça e tem o poder de fazer fluir dentro de nós o desejo da construção, das nossas dúvidas e indecisões, nos conduz ao magnífico resultado das conclusões, também nos leva a ampliar as dimensões dos nossos objetivos, com suas reações.

Confesso que para minha surpresa, agora sou independente para leitura de quadros, é só tê-los na minha frente. Pareceu-me complicado, mas agora estou contente, entendo muito bem o que é feito da renda da gente, se concentra nas mãos de poucos, onde nós a maioria, ficamos na miséria, com tão pequena quantia.

Na verdade a nossa riqueza, somente Deus é quem dá, saúde e disposição para poder trabalhar, vendendo a nossa força em troca de poucos reais, meu amigo abra seus olhos, isso também é demais.

Descruza estes teus braços, levanta desta cadeira, a coisa é muito séria, não é para brincadeira. Precisamos ir à luta, buscar uma associação, eu acho que o sindicato, é

início da solução, unindo as nossas forças com a dos nossos companheiros, vamos fazer algo pelo povo brasileiro. Se somos a maioria, podemos dar uma lição, a esta pequena minoria que tem a concentração da renda e das riquezas que circulam na nação, passando por cima de nós falam de libertação, onde quem está reinando é a exploração.

Eles vão ter o troco, não perde quem esperar, e junto com nossa classe, começar a acreditar que este tal de quadro, assim não vai continuar, persistindo nas nossas lutas a gente chegará lá.

É passo a passo e com muita sabedoria, precisamos ter cautela e esperar nosso dia, vem aí a eleição, quem sabe, uma boa oportunidade de dar uma resposta, para tamanha maldade. Vou convidá-los companheiros a tomar uma decisão, unir as nossas forças, em defesa desta nação. Eu hoje sou outro homem, graças ao Integração, projeto abençoado, que chegou em nossas mãos, de graça sem cobrar nada, está aí a construção de homens conscientes dos problemas da nação. Brasil eu te amo, de ti não desisto não.

Trabalho elaborado por Everiton Melo Alves da Silva, educando do Ensino Fundamental do núcleo de João Pessoa - PB - CNTV.

Assim, como a história contada em *Morte e Vida Severina* (abordada anteriormente) não é apenas a descrição da trajetória de um indivíduo, mas narrativa que remete à generalidade da "experiência severina" em vários tempos e espaços, o trabalhador referido no texto acima *Trabalhador também aprende* é, genericamente, todo trabalhador e, particularmente, cada educando.

O educando expressa com clareza que a produção do conhecimento é de natureza relacional e coletiva e que nesse processo ele vai ampliando sua capacidade de "leitura de quadros" e de leitura do mundo. Nesse processo, o papel do educador não se limita a explicar os quadros, mas sim, percorrer conjuntamente o caminho. O conhecimento não é trazido pelo outro, é construído coletivamente. Como diz Paulo Freire: "*Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão*".

O homem e o meio ambiente

A necessidade de restabelecer os vínculos com a natureza traz para o debate a questão ambiental, considerada cada vez mais essencial em qualquer projeto de sociedade.

A questão ambiental não se restringe à preservação de animais ou de águas; acima de tudo, trata-se de uma relação entre o humano e o meio, e a forma como o homem pode usar a natureza, para o bem coletivo, sem destruí-la. Considerando os limites dos recursos naturais, o grande desafio é saber como conciliar as necessidades objetivas de vida (saudável) de toda a população com os limites da própria natureza?

Ora, a atual crise ecológica não exige "defender a natureza": respeitar ou restituir uma "ordem natural" considerada imutável e intocável. Pois tal ordem não existe: a natureza, tal como a conhecemos, é resultado de uma evolução muito longa, para a qual contribuíram de maneira decisiva, pelo menos em nosso planeta, milênios de trabalho humano. Assim, o problema não é preservar uma ordem natural no quadro da qual a ação humana deveria estritamente se limitar, mas de conseguir eliminar as retroações negativas sobre a humanidade de sua indispensável ação de transformação da natureza. (Bühr, 1998, p.132)

Os seres vivos e o meio formam uma complexa rede de inter-relações que deve ser compreendida, pois isso será decisivo para o futuro da espécie humana. O atual modelo de desenvolvimento econômico tem provocado mudanças significativas no ambiente.

Pensando nas intervenções do homem na natureza, começamos a abordar a questão ambiental, propondo aos educandos um levantamento dos principais problemas ambientais da região em que vivem. Por exemplo: degradação da bacia hidrográfica, destruição de mata, poluição do ar, do solo, do lençol freático, ou outras questões que eles considerassem importantes.

As propostas de pesquisa visaram proporcionar um olhar diferenciado dos educandos para o meio em que vivem, com o fim de desnaturalizar as situações observadas, na medida em que a realidade é compreendida como construção social, pois é o homem que tem o poder de alterar radicalmente seu meio físico e natural. Esse olhar foi expresso nos inúmeros poemas e textos que os educandos produziram. A seguir um exemplo dessas produções.

Triste vida

Se bela floresce do alto,
Ares límpidos ventam lá,
Pássaros brincam solto,
Ao verde belo a cantar.

Que pena,
Abaixo, logo abaixo,
Verdes campos não há.

Crianças tristes,
Com olhares penumbra a chorar,
Quem há de olhar,
Quem será capaz de criar.

Que pena,
A baixo, logo abaixo,
Rios límpidos não há.

Homens, máquinas,
Rasgam a terra a chorar,
Buracos, lamas e vida
não há.

Quem um dia será,
Capaz do mundo ajudar,
Socorro! Socorro!
Segue a terra a clamar!!!

Trabalho elaborado por Gleison Barbosa de Assis, educando do Ensino Médio do núcleo de Congonhas - MG - CNTSM.



Trabalho elaborado por Neide Faria Lopes, educanda do Ensino Fundamental do núcleo de Sertãozinho - SP - CONTAC.

É importante destacar o processo histórico de mediação do homem com a natureza – processo fundado no trabalho – e a complexificação das relações sociais na sociedade contemporânea com as suas contradições. Isso para pensarmos sobre novas possibilidades de interação com a natureza, a partir de diferentes visões que postulem

um processo de crescente inclusão social em consonância com a manutenção e preservação dos recursos naturais existentes.

Empreendimentos solidários

O trabalho cooperado é próprio da espécie humana e pode produzir uma força de trabalho superior à soma dos trabalhos envolvidos (sinergia). Se cada um de nós tivesse que cuidar do próprio sustento, da confecção da roupa, do abrigo, dos utensílios, etc., talvez ainda estivéssemos nas cavernas. Muitos de nós já participaram de mutirões para construção de casas, de colheitas cooperadas e inúmeras outras formas de trabalho cooperado, mesmo sem termos fundado uma cooperativa para tal.

A idéia dos trabalhadores se organizarem em cooperativa não é recente, nos remete à Inglaterra e ao século XIX, início do processo de industrialização. Assim, utilizamos o processo de industrialização como mote para discutirmos, não só esse importante processo, mas também para resgatar a origem do cooperativismo que surge influenciado pelos movimentos dos trabalhadores diante das péssimas condições de trabalho.

Os princípios do cooperativismo – formulados pelos pioneiros do cooperativismo, os tecelões da cidade de Rochdale – foram compostos a partir de contribuições de outros movimentos e juntos se mostraram revolucionários. Até hoje esses princípios continuam válidos. São eles:

1. Controle democrático, um sócio, um voto.
2. Adesão aberta de novos membros no mesmo pé de igualdade dos antigos.
3. Juros limitados ou fixados sobre o capital subscrito.
4. Distribuição de parte do excedente proporcional às compras.
5. Vendas à vista, sem crediário.
6. Venda só de produtos puros, não adulterados.
7. Neutralidade política e religiosa.

Com o objetivo de aprofundar o debate a respeito desse tema, sugerimos alguns subsídios para que os educandos comparassem sociedades cooperativas com sociedades de capital, começando pela definição de sociedade no sentido de *forma normalizada de*

associação, com o significado de reunião de sujeitos que cooperam em algo ou partilham o resultado de uma atividade qualquer.

A seguir o texto síntese utilizado para introduzir a discussão.

	Sociedades cooperativas	Sociedades de capital
Características	<ul style="list-style-type: none"> quanto ao fator de produção remunerado: remuneram matéria-prima, trabalho, bem ou serviço final. 	<ul style="list-style-type: none"> quanto ao fator de produção remunerado: remuneram o capital.
	<ul style="list-style-type: none"> quanto ao objetivo da estrutura: não visam à acumulação de capital (não é finalidade primeira). 	<ul style="list-style-type: none"> quanto ao objetivo da estrutura: as empresas estruturam-se com vistas à acumulação de capital (finalidade primeira).
	<ul style="list-style-type: none"> quanto ao capital: complementos vêm de empréstimos bancários caucionados pelos associados. 	<ul style="list-style-type: none"> quanto ao capital: é fornecido pelos acionistas/investidores.
	<ul style="list-style-type: none"> quanto aos direitos dos associados sobre o capital: reduzidos (o capital do associado não pode ser transferido ou vendido). 	<ul style="list-style-type: none"> quanto aos direitos dos acionistas sobre o capital: absolutos (o capital pode ser transferido ou vendido).
	<ul style="list-style-type: none"> quanto ao preço: maximizam preço pago em benefício dos associados. 	<ul style="list-style-type: none"> quanto ao preço: minimizam preços pagos para pagar dividendos aos acionistas.
	<ul style="list-style-type: none"> quanto à compra de produção: esforçam-se para adquirir toda a produção dos associados. 	<ul style="list-style-type: none"> compram apenas o que necessitam.
	<ul style="list-style-type: none"> proprietários também são usuários, fornecedores e clientes: procuram investimentos que assegurem rentabilidade (longo prazo), e bom preço (curto prazo). 	<ul style="list-style-type: none"> são apenas proprietários.

	<ul style="list-style-type: none"> • relação entre membros. Dependência: tomada de decisões sobre atividades e organização, e não segundo o interesse de cada membro. 	<ul style="list-style-type: none"> • independência e disputas pelo controle acionário.
--	--	---

Com o objetivo de ampliar o universo conceitual sobre o tema, discutimos sobre as diferentes formas de associação a partir das diversas associações (formais ou informais) das quais os educandos faziam parte. Identificando as associações em sua natureza, forma, função, objetivos e resultados.

Essas diferentes abordagens objetivaram promover a reflexão sobre as alternativas de geração de trabalho e renda nesse tempo de desemprego crescente.

Sendo assim, uma estratégia inovadora da CUT no combate ao desemprego e à exclusão social é a construção de um projeto de economia solidária, visando, por meio de empreendimentos econômicos solidários, como as Cooperativas populares autênticas e de autogestão e as empresas de autogestão, ampliar as possibilidades de um desenvolvimento econômico com maior distribuição de renda e geração de novas oportunidades de trabalho, sob princípios da democracia e da autogestão. (Resoluções do 7º CONCUR, 2000, p.31)

Considerações Finais

Ao emprendermos, por meio deste livro, a sistematização do processo de construção e aprofundamento da experiência do Programa Integração, pretendemos trazer a público os resultados de um rico e complexo processo pedagógico que contribuiu para o acúmulo metodológico da CUT na formulação da proposta Educação Integral dos Trabalhadores.

No decorrer da presente publicação, retratamos as intencionalidades do projeto político-pedagógico formulado que, atuando com trabalhadores jovens e adultos, procurou articular às suas realidades todo o percurso formativo, sem banalizar ou infantilizar os conteúdos e as abordagens pedagógicas. O que é um enorme desafio a ser enfrentado no campo metodológico.

Assim, partir da realidade dos sujeitos como forma de potencializar a apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, teve como horizonte a ampliação da autonomia e da criticidade dos educandos em relação a essa mesma realidade.

Para que isso pudesse ser materializado no percurso formativo em questão, buscamos, constantemente, fomentar um processo de criação e apropriação de metodologias de ensino-aprendizagem por parte das equipes de educadores, entendendo que, mais do que o domínio de conteúdos por parte de cada um, é necessário um comprometimento político com uma proposta educacional emancipadora e com a formação continuada, visto o aprofundamento da proposta metodológica pretendida.

Essa perspectiva esteve sempre presente no decorrer do percurso de Formação dos Educadores proposto no Programa, onde pudemos dialogar com diferentes entendimentos e enfoques sobre o projeto político-pedagógico e perceber as resistências e inseguranças em relação à metodologia proposta, em especial, quanto à questão da

unidocência, da avaliação processual e da sistematização do processo de ensino-aprendizagem, elementos estes que propunham mudanças significativas frente à educação formal. Essas questões foram aprofundadas e melhor explicitadas no decorrer da experiência e no contexto das práticas pedagógicas realizadas, permitindo identificar os "mitos" e as reais dificuldades existentes.

Assim, a Formação dos Educadores se tornou um importante espaço de produção de conhecimentos, pois, a partir das reflexões sobre as questões metodológicas, criou-se momentos privilegiados para a discussão sobre as dificuldades enfrentadas no cotidiano.

Inúmeros desafios se colocaram ao longo do desenvolvimento da experiência, considerando que não se tratava apenas de oferecer cursos aos trabalhadores Jovens e Adultos, de Educação Profissional com a escolarização nos moldes da educação existente, mas de propor novos métodos de abordagem de conteúdos na perspectiva de uma educação integral, a fim de dar um sentido amplo ao processo educativo, articulando-o à vida concreta dos sujeitos.

Visando a abrangência da experiência, as diversas condições estruturais existentes, a heterogeneidade dos sujeitos, vale ressaltar a importância do envolvimento das direções sindicais para que a gestão política e pedagógica estivessem em sintonia com o intuito de potencializar o trabalho coletivo entre as equipes e, assim, possibilitar a efetivação da proposta metodológica, em consonância com a concepção de educação que balizou o Programa.

A apresentação da proposta cutista de educação integral aos setores da educação: secretarias de educação municipais e estaduais, universidades e escolas técnicas federais objetivou, inicialmente, a validação de novas metodologias, mediante o reconhecimento do projeto político-pedagógico via certificação dos cursos realizados. Porém, possibilitou, também, a ampliação das discussões com outros atores, em torno da necessidade de propostas inovadoras de Educação Profissional e Educação de Jovens e Adultos.

Como decorrência desse processo, obtivemos a certificação dos educandos do Programa Integração em todo o Brasil, após longos debates e, por vezes, resistências em relação à proposta metodológica.

Entretanto, essas discussões foram muito profícuas considerando que, ao desenvolver tais experiências educativas, a CUT teve como objetivo central fomentar o

debate em torno da Educação Integral dos Trabalhadores, a partir de experiências concretas, contribuindo com propostas formuladas pelos trabalhadores, buscando, inclusive, a incorporação dessas propostas às políticas públicas.

Outra questão importante a ser destacada, decorrente do desenvolvimento do Programa Integração, é que os debates e reflexões acerca das questões relativas à educação transcenderam os limites específicos dos setores mais diretamente ligados ao tema e contaram com o envolvimento de diversos ramos produtivos.

Enfim, nesses quase três anos de experiência, tivemos um intenso trabalho coletivo de formulação e reflexão crítica sobre o processo de construção de uma proposta consistente de Educação Integral dos Trabalhadores na qual pudemos acumular avanços importantes na busca de um maior rigor metodológico.

E, exatamente por se tratar de uma proposta em construção, não pretendeu, com esta experiência, apresentar formulações prontas e acabadas, mas, visou construir uma base conceitual e metodológica para a Educação Integral dos Trabalhadores a partir dos princípios da Política Nacional de Formação da CUT, para ser permanentemente refletida e aprofundada à luz das práticas pedagógicas experimentadas no contexto dinâmico da realidade concreta. Até porque, três anos é um período relativamente curto para se consolidar um projeto de educação que busca transformações profundas na ação pedagógica visando a materialização de uma concepção de educação verdadeiramente emancipadora.

Podemos dizer que, apesar das dificuldades existentes, pudemos aprofundar a proposta metodológica por meio da concretização da experiência, fato este presente nos vários capítulos desta publicação, além de perceber as inúmeras mudanças ocorridas em todos os sujeitos participantes.

Em relação aos educadores, essas mudanças foram expressas em diversos depoimentos que explicitaram novas práticas pedagógicas em outros espaços educacionais. Dessa forma, pudemos apreender a importância dessa experiência para a transformação dos educadores, não somente no âmbito profissional como, também, nas suas vidas como um todo.

Os acúmulos metodológicos alcançados no Programa Integração, que procuramos traduzir nessa sistematização, pretendem ir além da socialização de uma experiência educativa e se constituir num canal de diálogo com outras experiências

similares com o intuito de avançar metodologicamente e contribuir para as políticas educacionais.

Assim, empreender um processo educativo significa pôr em prática uma determinada concepção de educação, mesmo considerando que a ação educativa, em si mesma, é um processo de criação e recriação dos conhecimentos, no qual a partir da prática elabora-se uma reflexão sobre ela e a ela retorna. Pois, o conhecimento não é construído a despeito da realidade, já que dela depende como ponto de partida e a ela retorna devendo, nesta medida, ser representativo do real.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, C. D. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, Caderno B. 16.1.1982.

BARBARA, M. M. *Qualificação, requalificação: percepção e sofrimento do trabalhador*. Revista: Psicologia, Ciência e Profissão. Brasília, vol.19, 1998.

BIHR, A. *Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise*. São Paulo: Bomtempo Editorial, 1991. Coleção Mundo do Trabalho.

BORDENAVE, J. E. D. *O que é participação*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CÂNDIDO, A. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHAUÍ, M. *Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

CUT – *Política Nacional de Formação: história, princípios, concepções e organização nacional*. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação da CUT, 1999.

_____. *Projeto de Sistematização: um ato de criação política e de conhecimento*. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação da CUT, 2000.

_____. *Formação de Formadores para Educação Profissional: a experiência da CUT 1998/1999*. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação da CUT/Projeto Integral, 2000.

CUT - *Sistematização*. In: *O que é sistematização: uma pergunta diversas respostas*. São Paulo. SNF, 2000.

_____. *Educação Integral dos Trabalhadores: concretizando princípios*. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação da CUT, 2000.

_____. *Bases do Projeto Político Pedagógico do Programa de Educação Profissional CUT- Brasil*. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação da CUT, 2001.

DUTRA, L. H. A. *Epistemologia da aprendizagem*. São Paulo: DP&A Editora, 2001.

FALKEMBACH, E. F. *Sistematizando... juntando cacos, construindo vitrais*. In: *O que é sistematização: uma pergunta diversas respostas*. São Paulo: SNF, 2000.

FERNANDES, F. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FREIRE, M. *Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997 (Série Seminários).

FREIRE, P. *Educação e mudança*. Petrópolis: Paz e Terra, 1979.

_____. *Pedagogia da autonomia*. Petrópolis: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da esperança*. Petrópolis: Paz e Terra, 1997.

_____. *Alfabetização e cidadania*. In: *Educação Popular: utopia latino-americana*.

GADOTTI, M., TORRES, C. A. (org.). São Paulo: Ed. Cortez, 1994.

FORRESTER, V. *O horror econômico*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

FRIGOTTO, G. *Educação e trabalho: bases para debater a Educação Profissional Emancipadora*, mimeo, 2000.

_____. *Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito*. In: FRIGOTTO, G. (org.). *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. Petrópolis: Vozes, 1998.

GRAMSCI. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HOLZ, H. H., KLOFER, L., ABENDROTH, W. *Conversando com Lukács*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. Série Rumos da Cultura Moderna, v.32.

JARA, O. *Para sistematizar experiências*. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 1996.

LUKÁCS, G. *A ontologia do ser social*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MACCIOCHI, M. A. *A favor de Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MARX, K. *O Capital*. v.I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MELO, J. C. *Morte e Vida Severina e Outros Poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

RAMOS, G. *Vidas Secas*. São Paulo: Record, 1986.

RAMOS, M. N. *Pedagogia das competências: autonomia ou adaptação*. São Paulo: Cortez, 2001.

ROMÃO, J. E. *Avaliação dialógica: desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1998.

RUMMERT, S. *Educação e identidade dos trabalhadores*. Niterói: Intertexto, 2000.

_____. *Trabalho e educação: uma relação que supera os limites impostos pelo capital*. In: *Forma & Conteúdo*. São Paulo, SNF/CUT, n.11,ago, 2002.

SOUZA, J. F. *Para elaborar um projeto de sistematização*. In: *Tópicos educacionais*. Recife: UFPE, Centro de Educação, v.15, n.1/3, 1997.

ZOLA, É. *Germinal*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

5º Congresso Nacional da CUT. Resoluções, 1995.

7ª Plenária Nacional da CUT. Resoluções, 1997.

9ª Plenária Nacional da CUT. Resoluções, 1999.

**Programa Integração - Equipes de Educadores, Coordenações e
Apoios das Entidades Sindicais Participantes e Dirigentes
Responsáveis**

CONTRACS

Presidente

Germano Quevedo (gestão atual) Roselaine
Pasquale (gestão anterior)

Secretário de Formação

Germano Quevedo (gestão atual) José
Ribamar Rodrigues (gestão anterior)

Coord. Executiva

Sérgio Mellegari Zimke Rafael Scardua
Ângelo Tartágua

Coord. Pedagógica

Paula Márcia Dias Rogovschi Delza Tereza
Lombardi

Educadores

Nilma Alves dos Santos Inaia Maria
Delphino Neves Lucimar Lopes de Lacerda

José Ricardo Ferreira de Andrade Nivaldo
Carlos de Freitas

Luiz Eduardo Madeira Anderson Xavier
Prates Tânia Ribeiro Ladislau Francisca
Cristina R. da Silva Wallace Simonassi
Borges Regiane M. Alves Limas João
Venâncio Filho Ivanor Weiler Júnior Carlos
Alberto Nascimento Filho Wesley
Lorenzuti Merim Alves de Souza

Apoio

José Moacir Martins Dalteir Figueiredo
Honório Georgina de Fátima Linhares
Salvatina Marcolino Gilmar Haese
Terezinha de Jesus Gualandi Dany Alves
Damaceno Edinalva Rodrigues Oliveira

Presidente

Jaci Pinheiro

CNTV

Secretário de Formação

Donizete Aparecido Serra

Coord. Executiva

Maria de Lourdes dos Santos Maria de
Lourdes Santos Trindade Eliana Teixeira
Sabará Ariane Vieira da Silva

Coord. Pedagógica

Maria Aparecida R. Tedeschi Adélia Nobre
de Albuquerque

Educadores

Marluse Castro Maciel José Roberto
 Moreno Cristina Lopes dos Santos Célio
 dos Santos Fagundes Nilson Paulino Neide
 Santos Verão Marcelo Martins Valquíria
 Castro Maciel
 Dorval Rodrigues Filho Itamarati de Lima
 Francimar Gomes de Araújo Cláudia
 Rossana de S. Pequeno Josenilton dos
 Santos Feitosa Maria Constância de Melo

Faria Carmely Leite da Silva Maria do
 Socorro Pontes Bezerra

Apoio

José Teixeira de Sousa Antônio Carlos Braz
 Bibiana Corrêa da Silva Maria Conceição
 da Cunha Rahman Efigênio de S. Silva
 João Luiz da Silva Lucimar Castro Maciel
 Amanda de Oliveira

CONTAC

Presidente

Siderlei Silva de Oliveira
 Secretário de Formação Donizete Gelinski

Coord. Executiva

Reijane dos Santos Rodrigues Antônio
 Valdelino Oliveira

Coord. Pedagógica

Luzia Diel Rupp Mauro Marcolino
 Carneiro Maria Cristina de Moraes Maria
 Angélica R. R. Ribeiro

Educadores

Érica Psapio Rodrigues Givanildo Manoel
 da Silva

Presidente

Luiz Gonzaga Ulhoa Tenório
 Kátia Abbud Carvalho Sônia Regina da
 Silva Nilva Rodrigues do Prado Hildegard
 Carmen Mondei Luciano Domingues
 Almeida Tânia Oliveira Lima Vera Lúcia
 Martinkoski Pacheco Juvelina Couto
 Ribeiro

Apoio

Flávia Rafaela Bernardo da Silva Pedro da
 Silva Turqueto Maria Cirlene Gianini
 Giandoso Karina Ferreira Maria Cristina
 Mayer Edson Gomes Santos Sérgio Ricardo
 Dziadzio

FNU

Secretário de Formação

Solange Maria de Freitas Bezerra

Coord. Executiva

Cláudia Cristina M. Rodrigues Luciene
 Nunes da Silva

Coord. Pedagógica

Joubert Jantorno Filho Maria de Fátima L.
 V. Gomes Rosa Regina da Conceição
 Renato R. Sofia

Educadores

Evelyn de O. Vieira Mônica Diniz Freitas
 Roberto Mário Oliveira Wanderlei G.

Santos Sônia Dalva P. da Silva Júlio César
 G. da Silva Valéria L. D. de Castro Pereira
 Luiza M. de Lemos Marco Antônio Rubin
 Maria de La Paloma M. Waite Messias do
 Espírito Santo Melo Célia Regina da
 Conceição Carlos Alberto Firmino dos
 Santos Romário Jacobsen

Apoio

Antônio Carlos do Nascimento Carlinda F.
 V. da Silveira Janira Caetano de Abreu
 Daniele R. Lobos Wilton R. da Fonseca
 Maria Inês P. Guimarães Sheila Rocha Di
 Lucas Marco Aurélio dos Santos

FAZER

Presidente

José Rui Ferreira

Secretário de Formação

Thomas Edson Góes de Araújo

Coord. Executivo

Ruy Carlos do Rego Barros Ramos Joana

Darc de Godoy Moreira

Coord. PedagógicaSayonara Falcão Pedroso Simone Borges de
Carvalho**Educadores**

Natanael José de Freitas Filho João Maria

Nogueira Costa Eliane Rodrigues do Rego

Lima Teobaldo Gomes de Lima Suely

Marques Ferreira

Verônica Batista Gouveia

Edna M. França Oliveira

Gelda José Santo Silva

Dalton Falchi Honorato

Amenair Carvalho Moreira Duarte

Carlos Gomide da Costa

Sandra Luz de Freitas

Yvana Karla de Freitas Siqueira

Fabiana Dias da Silva

Lizeth da Conceição Ferreira Kaji

Sandra Batista de Almeida

Apoio

Jofre Rodrigo Ferreira Marleide Maria

Gomes Fabiana Ribeiro de Moraes Fabiana

Silva Cavalcante

CNQ**Presidente**

Edilson de Paula Oliveira

Secretário de Formação

José Samuel Magalhães (gestão atual)

Francisco José de Souza Ribeiro (gestão
anterior)**Coord. Executiva**

Dirceu Tavares

Coord. Pedagógica

Ana Lúcia Marques Ferraz Jeovane

Marúsia Fernandes

Educadores

Andreia Aparecida Lopes José Roberto

Góes Barroso Maria Aparecida de Oliveira

Silvana Maria Souza José Carlos Guirelli

Eugênia Banho Karen Roberta de Almeida

Edvaldo Félix Gonçalves Mara Cristina

Gonçalves Cláudia Andrade Lira Francílio

Borges dos Reis Manoel Barbosa de Jesus

Elizabeth Cardoso Maia Decival José de

Assis Santana Neidevan de Jesus

Apoio

André Aparecido Bernardo Pedrina das

Graças Silva Alexandre Lelis Moreira

Joaquim José Filho Rodrigo Costa da Silva

Vera Lúcia Bispo dos Santos

CNTSM**Presidente**

Severino Vasconcelos Aragão Filho

Secretário de Formação

Benjamin Ferreira de Souza

Coord. PolíticaJoão Aparecido Trevisan Neto José Carlos
do Vale**Coord. Pedagógico**

Ronald O. Rocha Jaime da Cruz Jonas

Nascimento

Educadores

Márcia Cristina Gurgel Machado João

Vicente Gomes Maria Amélia Alves Carlos

Eusébio Ferreira

Margarida Fidélis Guimarães Maria Márcia

Coelho Braga Shirley Gomes Soares Carlos

Alberto Carvalho Maria Isabel dos Santos

Brito Maria Aparecida Loula Gomes

Márcia da Silva Souza Elizângela Nunes

Melo Antônio Batista de Brito

Apoio

Diarlhes Pider Banjamim Rosângela S.

Antunes Geraldo Luiz Gurgel Yon Leite

Fontes João Francisco de Souza Jailton S.

Brito

Presidente
Juarez Bispo Mateus

Secretário de Formação
Eduardo Pacheco

CNTT

Coord. Executivo

Afonso Rodrigues Lemos Júnior Daladier
Nunes de Alencar Bárbara Conceição de
Oliveira Pinto

Coord. Pedagógica

Agda Aparecida Delia Paulo Vicente dos
Reis Jonúbia Soveral

Educadores

Simone Barbour
José Milton de Oliveira Antônio
Gilberto Barbosa
José Sarracini Júnior
Cristiane Barreto de Jesus
Adailton Barbosa Gomes Ferreira
Ana Lúcia Godinho
Maria Renilda Daltro Moura
José Teles da Silva Júnior
Raimunda Alves Oliveira

Rosecler da Rocha Tome
Giselle Silva Soares
João Luís Zafalão
Maria Cezira Colombara
Venceslau Alves de Souza
Débora Sena Scuir Luciana Pereira Sena
Luiz Antônio dos Santos Eujácio Roberto
da Silveira Américo Hasegawa Maria das
Graças Araújo

Apoio

Alexandre Balbino Brito
dos Santos
Peterson Fábio Cardoso Rosana Monteiro
de Santana Fernanda de Souza Ribeiro
Nerivaldo Brito Canário Helton Rodrigues
Wilma Souza Santos Antonia Sara da Silva
Débora Macedo de Queiroz André Macedo
de Queiroz Jurandir Caetano Maria Adelma
da Silva Paiva

CNTSS

Presidente

Denise Motta Dau (gestão atual) Eliane
Cruz (gestão anterior)

Secretário de Formação

Irineu Messias de Araújo (gestão
atual) Islany da Silva (gestão anterior)

Coord. Executiva

Elizabeth Barros Margareti Dias da Costa

Coord. Pedagógica

Cecília Queiroz
Maria do Socorro de Castro Coelho

Educadores

Adriana Pessoa/Raquel Santiago

Araújo
Alzani Alves Ferraz Castro Ana Lúcia
Diógenes da Silva
Elizabeth Alcoforado/José Antônio
Cruz Maria do Carmo Brainer Rego
Barros Patrícia Lopes da Veiga/Claudia
M. Ribeiro
Conceição Rodrigues de Menezes Sandra
Regina Alves Teixeira Edmar Oliveira de
Araújo Cleuda Maria Freitas Negrão
Marivaldo Prazeres de Araújo Jacinaldo de
Souza Rodrigues

Apoio

Betânia Barros S. Souza Flávia Oliveira da
Silva Maria Euci Bosque de Souza Rosane
dos Santos Silva Raimunda Carlos Coelho

FITTEL

Presidente

José Zunga Alves de Lima (gestão
atual) Luís Antônio Souza e Silva (gestão

anterior)

Secretária de Formação

Eliane Passos Neves

Coord. Executiva

Susan Chiote

Maria Cristina Paulo Rodrigues

Coord. Pedagógica

Marco Antônio Melo Franco Monique

Mendes Franco Maria Elisa Pimentel

Lucília Maria Barbosa de Aguiar

Educadores

Helder Molina Cláudia Braga Andrade

Alexandre do Nascimento Maria Cristina

Cabral Maia Ruth Nazaré Barros

José Estevam Maramaldo Costa Anatula da

Silva Axio Teles Wagner Neves Mattos

Adriana Laura dos Santos Anderson Cunha
dos Santos Luiz Carlos Felizardo Júnior

Márcio Luiz Guglielmoni Maria José

Francisca de Souza Ramuth Pereira

Marinho Sirley Lopes da Silva Walter Elias

Batista

Apoio

Carla Fernandes Coelho

June Maria O. Fernandes de Moraes

Maurílio de Jesus Lopes

Evelyn Lima Soares

Vera Lúcia Barbriere

Maria de Lourdes Nascimento da

Silva

Paulo César de Aquino e Castro Maria

Lúcia de Figueiredo Maria Natália Corder

FENADADOS

Presidente

Carlos Alberto Valadares Pereira

(Gestão atual)

Luiz Roberto Vieira (Gestão anterior)

Manoel Messias Nascimento Melo

(Gestão anterior)

Secretário de Formação

Admirson Medeiros Ferro Júnior

(gestão atual)

Avel de Alencar (gestão anterior)

Coord. Executiva

Edson Macionilo Araújo Siva Cristina

Tavares Cadena Izídio dos Santos Oliveira

Coord. Pedagógica

Abigail Batista de Lucena Reis Luciana

Silva de Lima

Educadores

Gildázio José dos Santos Moura Jacqueline

da Silva Severo João Huéliton de Souza

Leal João Soriano do Bonfin Júnior Laura

Cristina Pereira da Silva Márcia Maria

Lopes Leão Maria do Socorro Carneiro

Rigoberto Fúlvio de Melo Arantes Hilton

Gomes Leal Filho Rosana Freitas

Gonçalves

Alexandre Vinícius Campos Damaceno

Andreia Paixão de Souza Clara Izabel

Sampaio Alvino Francisco Ezivandro

Araújo Santos Indira Cavalcante da Rocha

Marques

Leandro Klineyder Gomes de Freitas Luís

Carlos Pina de Carvalho

Tatiane Barbosa Mendes José Alves da

Costa

Apoio

Aline Janesse de Sena Ferreira Jacqueline

Ribeiro dos Santos Sângela Cavalcanti de

Oliveira Abigail Nazaré dos Reis Rodrigues

Ivon Souza Cardoso Cleidson Guimarães

Salles

SINPAF

Presidente

Selma Lúcia Beltrão (gestão atual) Lenildo

Dias de Moraes (gestão anterior)

Secretário de Formação

Suênia Cibele Ramos de Almeida

(gestão atual)

Jorge Cerbaro (gestão anterior)

Coord. Executiva

Tâmara Lacerda Furtado Alvim

Coord. Pedagógica

Israel Kujawa

Mara Rejane M. Zaffalon

Marici Albuquerque Amador

Educadores

Jorge Luís Martins Alves Maria Cristina
Freitas da Silva Gilberto Sebastião
Fontanive Lídia Torres Rodrigues Valéria
Neves do Nascimento
Amelita Bezerra Lima
Anete Aparecida Cardoso Silva
Luís Eduardo Madeira
Josefa Aurene Félix de Souza
Indira Alencar Araújo
Maria Dulce Gomes Onias de Sá

Alana Aparecida de Almeida
José Uelson Gonçalves Andrade
Magna Maria Leandro
Sérgio Paulo Schneider
Salette Maria Possan Nunes

Apoio

Marciana Amorim Figueiredo Nayara
Nayde Nunes R. dos Santos Ivania Dali
Agnol da Rosa João Pedro Monteiro
Marcelo da Silva Leite Sabrina de Souza
Poletto Rogério de Souza Ferraz Michelli
Maronn

CONTICOM

Presidente

Josué Ferreira (gestão atual)
Edson Luís Bernardes (gestão anterior)

Secretário de Formação

Paulo César Borba Peres

Coord. Executiva

Francisco Carlos da Silva Dias Ermínio
Luiz Alves

Coord. Pedagógica

Eduardo M. Rodrigues Maria José Villaça
Gonçalves
Katiúscia Pinto Nascimento Wania Rocha

Educadores

Emerson Roberto Gonçalves Mello
Eduardo Marques Filoso Maria Aparecida

Ferraz de Souza Zilma Pereira dos Santos
Maria Aparecida de Carvalho Andreia de
Conto Garbin Euzimar de Anchieta Gomes
Elaine Fernandes dos Santos
Francisco Anísio Rodrigues Marinalva
Coelho dos Santos
Norival Luís Júnior
Evelin C. do Patrocínio
Gildo Lyone Antunes de Oliveira

Apoio

Cíntia Tatiane da S. Bernardes Áurea Bento
da Silva Débora Cristina Santos Diogo
Vanusa Queiroz Batista Marciano Souto
Rodrigues Terezinha de Jesus Souza Santos
Fernanda Maria Souza Elionara de Souza
Ribeiro Osvaldo Dias de Oliveira

Gestão Política e Pedagógica Nacional

SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO CUT

Secretário Nacional de Formação
Altemir Tortelli

**Coordenador Geral da Secretaria
Nacional de Formação**

Martinho da Conceição

Coordenação Pedagógica Nacional
Maristela Miranda Barbara
Rosana Miyashiro

Sandra Regina de Oliveira Garcia

Outras publicações da Secretaria Nacional de Formação

- Educação dos trabalhadores: Uma discussão metodológica. Dezembro de 1999.
- Gestão na qualificação profissional no meio rural. Dezembro de 1999.
- Sindicalismo e economia solidária: Reflexões sobre o projeto da CUT. Dezembro de 1999.
- Negociação e gestão na qualificação profissional. Dezembro de 1999.
- Manual dos conselheiros das comissões estaduais e municipais de trabalho e emprego. 1999.
- Capacitação dos Conselheiros das comissões de trabalho e emprego: A experiência da CUT de 1998 a 1999. Programa Integral. Fevereiro de 2000.
- Formação de formadores para educação profissional: A experiência da CUT de 1998 a 1999. Programa Integral. Fevereiro de 2000.
- A formação em movimento. A formação de formadores: A prática metodológica da CUT. 2000.
- Política Nacional de Formação: História, princípios, concepção e organização nacional. Agosto de 2000.
- Educação Integral dos Trabalhadores: Concretizando princípios. 2000.
- Instituições Financeiras Multilaterais. Agosto de 2000 Transformações no mundo do trabalho: Negociação e contratação da qualificação profissional. 2000.
- Formação de formadores. Alicerce do projeto de educação dos trabalhadores. Dezembro de 2000.
- O que é sistematização? Uma pergunta diversas respostas. Dezembro de 2000.
- Projeto de sistematização: um ato de criação política e de conhecimento. 2000.
- Bases do Projeto Político Pedagógico do Programa de Educação Profissional CUT – Brasil. 2001.
- História do trabalho e dos trabalhadores negros no Brasil. 2001.

- A formação da CUT de norte a sul do Brasil. 2001.
- Política Nacional de Formação da CUT. Diretrizes e estratégias para o período de 2001/2003. Abril de 2001.
- A Formação dos trabalhadores e trabalhadoras rurais da CUT. Junho de 2002.
- Forma & Conteúdo. Agosto de 2002.
- O papel das instituições financeiras multilaterais no processo de desenvolvimento. Janeiro de 2003.
- A intervenção da CUT nas políticas públicas de geração de trabalho, emprego, renda e educação dos trabalhadores: avaliação, resultados e ampliação de perspectivas. 2003.
- Formação Cidadã: Uma ação educativa somando parcerias. 2003.

DIREÇÃO EXECUTIVA NACIONAL DA CUT - 2000/ 2003

Presidente: João Antônio Felício Vice-Presidente: Mônica Valente - Sind. Saúde - SP

Secretário Geral: Carlos Alberto Grana - Sind. Trab. Ind. Metalúrgicas do ABC - SP Primeiro Secretário: Remígio Todeschini -
Sind. Trab. Ind. Químicas e Petroquímicas do ABC - SP

Tesoureiro: João Vaccari Neto - Sind. Bancários - SP Secretário de Relações Internacionais: Kjeld Aagaard Jacobsen - Sind. Trab.
Ind. Elétricitárias de

Campinas - SP Secretária de Política Sindical: Gilda Almeida de Souza - Sind. Farmacêuticos - SP

Secretário de Formação: Altemir Antônio Tortelli

Secretária de Comunicação: Sandra Rodrigues Cabral - Sind. Trab. Educação - GO

Secretário de Políticas Sociais: Pascoal Carneiro - Sind. Trab. Ind. Metalúrgicas de Salvador - BA

Secretário de Organização: Rafael Freire Neto - APEOESP

Diretor Executivo: José Jairo ferreira Cabral - SINDPD - PE

Diretora Executiva: Maria Ednalva Bezerra de Lima - Sind. Trab. Educação - PB

Diretora Executiva: Elisângela dos Santos Araújo - Sind. Trab. Rurais de São Domingos - BA

Diretora Executiva: Luzia de Oliveira Fati - Sind. Trab. Rurais de Santarém - PA

Diretora Executiva: Lúcia Regina dos Santos Reis - SINTUFRJ

Diretor Executivo: Jorge Luís Martins - Sind. Sapateiros de Franca - SP

Diretora Executiva: Lujan Maria Bacelar de Miranda - Sind. Trab. Educação - PI

Diretor Executivo: Temístocles Marcelos Neto - Sind. Saúde - MG

Diretor Executivo: José Maria de Almeida - STI Metalúrgicas de BH e Contagem - MG

Diretora Executiva: Júnia da Silva Gouvêa - Sind. dos Previdenciários - SP

Diretor Executivo: Wagner Gomes - Sind. Metroviários - SP Diretor Executivo: Gilson Luís Reis - Sind. Professores de BH - MG

Diretor Executivo: Júlio Turra - Sind. dos Professores do ABC - SP

Suplente: José Gerônimo Brumatti - Fed. Trab. Agricultura - ES Suplente: Francisco Alano - Sind. Empreg. Comércio de
Florianópolis

Suplente: Aldanir Cralos dos Santos - SINERGIA - RJ

Suplente: Wanderley Antunes Bezerra - Sjn. Trab. Ind. Dest. Refinação de Petróleo - CE Suplente: Rosane da Silva - Sind.
Sapateiros de Ivoti - RS

Suplente: Dirceu Travesso - Sind. Bancários - SP Suplente: Mônica Cristina da S. Custódio - Sind. Trab. Ind. Metalúrgicas - RJ

CONSELHO FISCAL

Efetiva: Rejane Guimarães Pitanga - SINPRO - DF Efetivo: Donizete Gelinski - Sind. Trab. Ind. Laticínios, Carnes e Deriv. de
Carambei - PR

Efetivo: Francisvaldo Mendes - Sind. Bancários - SP

Suplente: Pedro Armengol Souza - Sind. Serv. Pub. Municipais de União - PI

Suplente: Antônio Farias Guimarães (Bigu) - STI Metalúrgicas de Manaus - AM

Suplente: Neiva Lazzarotti - CPERS - Sindicato